

LORENA TOLOMELLI DA SILVA PAES

INFORMAÇÃO NA *MALHAÇÃO*

Uma discussão da qualidade informativa aos olhos dos
estudantes do Colégio de Aplicação da Universidade
Federal de Viçosa – CAP/Coluni

LORENA TOLOMELLI DA SILVA PAES

INFORMAÇÃO NA *MALHAÇÃO*

Uma discussão da qualidade informativa aos olhos dos
estudantes do Colégio de Aplicação da Universidade
Federal de Viçosa – CAP/Coluni

Monografia apresentada ao Curso de
Comunicação Social/ Jornalismo da Universidade
Federal de Viçosa, como requisito parcial para
obtenção do título de Bacharel em Comunicação
Social com habilitação em Jornalismo.

Orientador: Joaquim Sucena Lannes

Viçosa - MG
Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV
2010



Universidade Federal de Viçosa
Departamento de Comunicação Social
Curso de Comunicação Social/Jornalismo

Monografia intitulada *Informação na Malhação: Uma discussão da qualidade informativa aos olhos dos estudantes do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Viçosa – CAP/Coluni*, de autoria da estudante Lorena Tolomelli da Silva Paes, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes profissionais:

Prof. Dr. Joaquim Sucena Lannes - Orientador
Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da UFV

Regiane Amaro – Co-Orientadora
Jornalista

Catarina Greco Alves
Orientadora Educacional do CAP/ Coluni da UFV

Viçosa, 19 de novembro de 2010

DEDICATÓRIA

À minha querida mãe, Edna, por ser a melhor mãe do mundo e a mulher mais forte e correta que conheço.

AGRADECIMENTOS

Ninguém consegue resumir o aprendizado de quatro anos em um único trabalho sem que conte com a ajuda de tantas outras pessoas.

Agradeço primeiro à Deus, por ter me dado a luz de abdicar de algumas coisas no tempo certo, permitindo que me dedicasse com carinho a esse trabalho;

À minha mãe, por me acalmar sempre que precisei de colo, mesmo que às vezes fosse preciso ficar horas no telefone e até falar algumas ‘mentirinhas’ sobre a minha qualidade de pesquisadora;

À minha irmã, que sempre foi um exemplo para minha vida acadêmica, em quem me espelho para me tornar uma boa profissional;

Ao Carlin, pela paciência impaciente e todo o carinho que me forneceu nos dias em que o desespero das mudanças batia em minha porta;

Aos amigos e colegas da COM, pelo apoio na graduação e os momentos inesquecíveis que passamos dividindo nossas histórias; em especial, à Lara, por ser minha orientadora loira de noites no MSN e manhãs no DPE;

À calourinha Mayara Barbosa, por ter me adiantado cinco meses de trabalho com suas habilidosas decupagens de entrevista;

Aos professores do curso, sobretudo ao Lannes, por ter abraçado uma monografia que nem eu mesma imaginei que daria tanto trabalho, e pelos ensinamentos fundamentais para a minha vida profissional;

À Regiane, pela ajuda imediata e essencial com o TCC sem nem mesmo me conhecer; e à Anna Cláudia, por sua importante contribuição como psicóloga e estudiosa da juventude;

Ao Coluni, pelos prazerosos anos que passei no Ensino Médio e as horas divertidas que estive presente durante a graduação. Obrigada a todos os estudantes da primeira série pela disponibilidade e confiança nas entrevistas, principalmente à Patrícia, que arrancou todos os amigos de seus afazeres só para me ajudar;

À Catarina, para mim, eternamente Tia Cat, por todos os telefonemas, dados, informações, entrevistas, consolos e conversas nesses maravilhosos sete anos de Viçosa;

Aos amigos dos estágios e todos que contribuíram de alguma forma para meu crescimento em Viçosa, seja pessoal ou profissional. Muito obrigada pela confiança e atenção que me dedicaram.

EPÍGRAFE

POEMINHA DO CONTRA

*Todos estes que aí estão
Atravancando o meu caminho,
Eles passarão.
Eu passarinho!
(Mário Quintana)*

RESUMO

No contexto da intensificação da troca de informações pelo mundo, A *Malhação* é um programa de entretenimento da TV brasileira que também procura repassar uma carga informativa aos telespectadores. Voltada para o público jovem, a novela lida com assuntos relacionados à adolescência e temáticas sociais. O presente trabalho busca verificar se essa carga informativa é bem avaliada por estudantes de colégios com excelência de ensino, que apresentam um alto nível educacional. Para obter essa resposta, os alunos da primeira série do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Viçosa, CAP/Coluni, foram entrevistados. Também foram entrevistados profissionais da área da psicologia e educação, com o objetivo de alcançar uma discussão sobre o assunto, trazendo a visão desse seletivo grupo de estudantes sobre uma das mais populares e tradicionais atrações televisivas no meio jovem. Pode-se perceber que os alunos em questão consideram a *Malhação* informativa, mas preferem os jornais para desempenharem esse papel, uma vez que visam receber uma grande carga de conteúdo que os auxiliem diretamente nos exames vestibulares.

PALAVRAS-CHAVE

Malhação; adolescentes; qualidade da informação; CAP/Coluni.

ABSTRACT

In the context of the intensification of information exchange in the world, *Malhação* is an entertainment program of Brazilian TV that also tries to review an informative load to their viewers. Target toward the young public, the soap opera deals with issues related to adolescence and important social themes. The present work intends to verify if this informative load is really measured for students from an excellence teaching school, which presents a high education level. To get this answer, students from the first grade from Application School of the Federal University of Viçosa, CAP/Coluni, were interviewed. Were also interviewed psychology and education professionals, aiming to achieve a discussion about the issue, exposing the point of view of these select group of students about one of the most popular and traditional television attraction among young world. It can be noticed that these students consider *Malhação* as a good and informative communication way, but they prefer the television news to develop such role, since they expect to receive a great deal of content that can help them directly in the admission tests for the universities.

KEY-WORDS

Malhação; teenagers; quality of information; CAP/Coluni.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1 – COLUNI: UMA HISTÓRIA DE SUCESSO	12
CAPÍTULO 2 – O PERFIL DO ALUNO DO COLUNI	18
CAPÍTULO 3 – NOVELA: UMA MANEIRA DE INFORMAR DISTRAINDO	26
3.1 A novela da ‘Vida Real’	26
3.2 <i>Merchandising Social</i> : uma maneira eficaz de informar grandes audiências.....	28
CAPÍTULO 4 – NOVELA DOS ADOLESCENTES	32
4.1 <i>Soap Opera</i> ou novela?.....	32
4.2 O começo, o meio e a falta do fim: temporadas da <i>Malhação</i> de 1995 a 2010.....	33
CAPÍTULO 5 – INFORMALHAÇÃO: O QUE OS MELHORES DO PAÍS PENSAM DISSO?	42
5.1 Metodologia.....	42
5.2 <i>Malhação</i> como fonte de informação: uma realidade para os estudantes do Coluni?.....	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	55

INTRODUÇÃO

Com o advento das novas tecnologias, o mundo foi significativamente afetado pela intensificação da troca de informação, a qual se tornou mercadoria vital para o ser humano. Independente da região ou país, as pessoas buscam saber o que acontece perto e longe delas, recebendo e apreendendo dessa forma uma importante carga de conhecimento. Com o aparato tecnológico voltado para a comunicação e a convergência de mídias, a busca e o acesso à informação acabou sendo facilitado, já que a todo instante, várias empresas do setor disponibilizam conteúdos de interesse público nos jornais, emissoras de rádio e TV, internet e até em aparelhos celulares.

A televisão é um meio de comunicação altamente popular no Brasil, se configurando ao longo de décadas como uma grande veiculadora de informação. Eletrodoméstico indispensável nas residências, o fato de assisti-lo passou a ser tão ‘imprescindível’ quanto nossas necessidades básicas, como dormir, comer, falar, entre outras. Com o tempo, a programação incipiente e improvisada que a TV apresentava nos primórdios foi dando lugar a novelas, programas de auditório, telejornais, entre outras atrações de alta complexidade, adicionando cada vez mais conhecimento aos telespectadores. A linguagem descomplicada utilizada pelos canais de televisão tende a aproximar o veículo do público, sendo possível perceber a influência desse pequeno aparelho na vida e composição crítica das pessoas.

Com os jovens não acontece diferente. Atraídos pelo dinamismo e maior veracidade permitidos pela união de som e imagem, a televisão é a companhia de todas as horas. Recebendo uma programação direcionada a eles desde os primeiros anos, crianças e adolescentes se divertiam ao acompanhar as aventuras de *Shazan, Xerife e Cia.*, dos amigos Juba e Lula, de *Armação Ilimitada*, e das quatro irmãs de *Confissões de Adolescente*¹. Além de entreter, alguns desses programas e outros da TV brasileira apresentam um caráter educativo, uma vez que abordam temas importantes de serem discutidos e apresentados aos telespectadores, repassando informações que contribuem no aumento do conhecimento de quem está assistindo. Um dos exemplos desse tipo de programa é a telenovela *Malhação*, no ar desde 1995 com um enredo voltado ao público adolescente. Além de retratar o dia-a-dia desse grupo, a novelinha busca explorar temáticas sociais importantes, saindo apenas da

¹ Estes são alguns exemplos de programas televisivos voltados para o público infanto-juvenil. *Shazan, Xerife e Cia.* estreou em 1972 na TV Globo e *Armação Ilimitada*, em 1985. Já *Confissões de Adolescente* levou seu primeiro episódio ao ar em 1994, na TV Cultura.

representação das dificuldades dessa fase para problemas maiores, como drogas, gravidez, violência, entre outras questões inerentes à sociedade.

Cada vez mais discutida, a questão da qualidade da educação permeia os debates políticos e sociais como sendo a principal transformadora de realidades, e a televisão pode e deve contribuir nessa formação. No caso específico da *Malhação*, é de suma importância diagnosticar se a informação, ou seja, essa mensagem de cunho educativo veiculada no programa realmente pode auxiliar a escola, trazendo novos conhecimentos aos adolescentes de forma mais leve e menos tradicional, de acordo com a linguagem televisiva. A TV, ao criar esse tipo de programação, acaba por deslocar a discussão de problemas típicos da adolescência do âmbito familiar – diga-se de passagem, muitas vezes inexistente – e escolar para o próprio meio do adolescente.

Dessa forma, a melhor maneira de se obter as respostas é contatar os próprios adolescentes e entender como eles visualizam a novela, no caso a *Malhação*, sobretudo a informação veiculada por ela. Optamos então por buscar essas impressões em um público jovem diferenciado, caracterizado por estar imerso em colégios com excelência de ensino. Se esta é a situação ideal para todos os estudantes, vale conhecer então como este seletivo grupo avalia a *Malhação*, uma vez que por apresentarem um alto nível crítico e informativo, podem ter uma visão diferente sobre o que é veiculado como ‘destinado aos jovens’. A partir desse estudo, é possível obter respostas que nos mostrem se o conteúdo informativo do programa em questão supre as necessidades de conhecimento de todos os jovens, principalmente daqueles que apresentam um nível educacional. É importante deixar claro que não objetivamos comparar os estudantes do Coluni com os de nenhuma outra instituição de ensino, mas analisar o que eles próprios pensam do programa.

Neste grupo de instituições que apresentam excelência de ensino, se enquadram além de alguns particulares os colégios militares, federais e de aplicação, como é o caso do Coluni, da Universidade Federal de Viçosa. Esse último foi considerado a melhor escola pública nos anos de 2006, 2008 e 2009, se configurando como um dos melhores colégios do país de acordo com o Enem – Exame Nacional do Ensino Médio. Nesse caso, optamos por realizar o estudo com os estudantes da primeira série da referida escola, uma vez que estes alunos apresentam a idade a qual a telenovela *Malhação* é destinada.

Nesse contexto, fomos a campo buscando responder as seguintes questões: Como os adolescentes de alto nível educacional, como os estudantes do Coluni, apreendem a informação na *Malhação*? O que eles acham na novela e das temáticas debatidas nela? O programa é uma boa fonte de informações?

Para aprofundar e enriquecer a discussão, conversamos diretamente com estudantes do colégio sobre vários aspectos do programa, além de colher depoimentos de profissionais que apresentaram pontos de vista que nos levem a refletir sobre as opiniões e escolhas desses jovens.

CAPÍTULO 1 - COLUNI: UMA HISTÓRIA DE SUCESSO

Grande parte dos pais e adolescentes da Zona da Mata Mineira conhece o Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Viçosa – CAP/Coluni. No currículo da instituição, histórias de sucesso nos vestibulares mais famosos do país e uma ligação profunda entre os alunos e o colégio mesmo após a formatura. Para quem nunca esteve em uma de suas carteiras, talvez seja difícil entender essa relação emocional, mas é visível a todos a excelência no ensino, sua principal marca. Considerada a melhor escola pública do país em 2006 no ranking do Enem - Exame Nacional do Ensino Médio e posteriormente em dois anos consecutivos, 2008 e 2009, é exemplo para várias outras instituições de ensino, sejam elas públicas ou particulares. Na construção dessa história de sucesso, um começo difícil e de luta para a manutenção, mas com um grande diferencial: o respaldo da UFV.

Localizado na “Cidade Educadora”, forma como Viçosa ficou conhecida por sua tradição universitária, surge em 26 de março de 1965 no campus da UFV e vinculado a ela o Colégio Universitário – Coluni. Criado pelo Conselho Universitário da Universidade Rural de Minas Gerais² e confirmado por decreto estadual em 14 de julho do mesmo ano, a escola tinha como objetivo formar alunos do último ano do antigo segundo grau, hoje terceiro ano do ensino médio, para a posterior entrada na graduação universitária.

“Os primeiros anos do Coluni foram marcados pela improvisação e por pouco registro documental” (Barbalho, 2008, p.49). Isso pode ser confirmado a partir de sua primeira sede, um prédio de madeira cedido pelo curso de Engenharia Florestal da UFV. AS atividades efetivas iniciaram-se em 1966, com a presença de 78 alunos. Desses, 54 (quase 70%) vieram de outras cidades do estado.

O colégio apresentava algumas singularidades que viriam a delinear seu perfil educacional. Uma delas é o fato de ser enquadrado na lei de colégios universitários e oferecer apenas a terceira série do Ensino Médio. Além disso, o ensino no Coluni tinha a função preparatória para o vestibular, no qual os conteúdos da primeira e segunda séries do Ensino Médio eram revisados e acrescidos das matérias do terceiro ano. Outra característica marcante eram as disciplinas às quais os alunos tinham acesso. Com o conteúdo próximo ao de matérias encontradas na universidade, os estudantes viam “áreas de Ciências Agrárias, Biológicas,

² A Universidade Federal de Viçosa teve início a partir da criação da Escola Superior de Agricultura e Veterinária – ESAV, em 1922. Em 1948 e por determinação do estadual, a instituição transformou-se na Universidade Rural do Estado de Minas Gerais – UREMIG. Apenas em 15 de julho de 1969 veio a federalização e o nome atual: Universidade Federal de Viçosa. Fonte: <http://www.cpd.ufv.br/intranet/historico.asp>

Química e Ciências Tecnológicas”³. Nos primeiros anos da escola, o corpo docente era formado por professores e estudantes de diferentes cursos e departamentos da graduação. Os alunos do Coluni tinham então um ritmo universitário antes mesmo de ingressarem efetivamente na UFV (Barbalho, 2008).

Para organizar e definir um regimento próprio, a reitoria da Universidade nomeou em 1970 o professor do Departamento de Engenharia Civil, Jafar Untar, como primeiro diretor do Coluni. Essa década seria marcada por uma luta dos professores que ministravam aulas no colégio em defender a sua existência. Muitas vezes questionado ou não apoiado por alguns departamentos da UFV, o colégio continuava a aprovar seus alunos na UFV em maior quantidade e com mais qualidade do que as demais escolas. Mesmo assim, a queda da aprovação dos alunos da turma de 1972 (ver figura abaixo) fez com que o diretor enviasse correspondências e relatórios ao reitor retratando a situação e demonstrando preocupação com o futuro da escola.

Anos	Vestibulandos/UFV	Aprovados	%
1966	27	27	100
1967	24	22	91,6
1968	30	28	93,3
1969	45	44	97,5
1970	71	68	95,7
1971	88	86	97,6
1972	95	80	84,2
1973	-	-	-

Fonte: Dados do Relatório enviado ao reitor da UFV em outubro de 1973 pelo diretor do COLUNI (Barbalho, 2008, p.56)

Paralelamente à luta por manter a escola, professores e direção se uniam para reivindicar melhorias na estrutura física.

Metaforicamente falando, o COLUNI se apresenta aí como um membro mais novo da ‘família ufeviana’, necessitando de atenção, cuidado e amparo para continuar perseguindo os princípios defendidos pelo núcleo original da ESAV: excelência no ensino (Barbalho, 2008, p.56).

No começo dos anos 80, foi nomeada pela reitoria da instituição uma comissão para avaliar a situação do Coluni em relação à lei de regulamentação do Ensino Médio. Formada por professores do Departamento de Educação, essa comissão vinha propor a institucionalização como colégio de Ensino Médio, vinculado à rede federal representada pela UFV. Na época, a escola ainda funcionava no sistema de pré-vestibular com a duração de um ano, e não de acordo com o esquema de três séries, conforme prescrito na Lei 5.692/71.

³ Barbalho, 2008, p.51

A institucionalização acarretou mudanças estruturais e organizacionais como e organizacionais com: a diversificação e ampliação da grade curricular; eleição direta do diretor, pelos professores; novas regras para a contratação de professores para posterior implantação do regime de dedicação exclusiva para os mesmos; implantação do Serviço de Orientação Educacional e Supervisão Pedagógica (Barbalho, 2008, p.57).

Foi no período da direção da professora Eny Tafuri, nomeada pela reitoria em 1982, que o Coluni se tornou então colégio de Ensino Médio. A estrutura escolar foi modificada para que as aulas e professores estivessem de acordo com as novas normas, enquanto o perfil de escola preparatória para o vestibular foi sendo modificado, apesar desta ainda ser uma característica marcante. Com a mudança, os professores puderam se aperfeiçoar em cursos de pós-graduação, e o local das aulas acabou sendo transferido para a antiga Escola Normal, no prédio do Colégio Nossa senhora do Carmo. Em 1985, a diretoria foi assumida a partir de uma eleição feita pelos professores. A professora Maria Auxiliadora Lopes permaneceu no cargo até 1989. A transferência de sede afastou o Coluni da Universidade como um todo, sobretudo das áreas da graduação. Nesse contexto, em meados dos anos 80, sentiu-se a necessidade de reintegrar-lo à UFV e de criar uma estrutura própria, realmente destinada para o então objetivo principal da escola: formar estudantes com qualidade para a universidade. Ainda em 1989, foi inaugurada a sede própria da escola dentro do campus da UFV.

Novamente foi designada uma Comissão em 1988, mas dessa vez para uma função diferente. O motivo era definir o papel do colégio na Universidade e sua função na sociedade de Viçosa.

A partir de então, o que observamos é um interesse novo da UFV para que o colégio atendesse ao seu modelo, consagrado desde a época da ESAV, ou seja, o de propor que também no COLUNI acontecesse a articulação 'pesquisa, ensino e extensão' (Barbalho, 2008, p.60).

As discussões sobre esse assunto, bem como acerca da importância de um relacionamento mais estreito com os departamentos da UFV continuaram até meados da década de 90, quando o foco do debate se transferiu para a possível transformação do Coluni em Colégio de Aplicação, o que veio a se concretizar em 2001. Desde então, estudantes de graduação, mestrado e doutorado desempenham trabalhos no local, ministram algumas aulas como parte de disciplinas da faculdade, fazem estágio ou utilizam os espaços da escola para outras atividades acadêmicas.

A partir de 1995, cento e sessenta estudantes divididos em quatro turmas passaram a ingressar no colégio a cada ano. Em 2010, 75,7% do primeiro ano é composto de alunos de outras cidades, enquanto na segunda e terceira séries essa estatística é equivalente a 76,8% e

78,7%, respectivamente. Quanto à aprovação nos exames vestibulares, o Coluni apresenta índices bem altos, como é possível visualizar na tabela abaixo.

Ano	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	2000
Aprovação(%)	85,7	77,6	75	80,5	74,3	71	71	63,5	77	69,4

Tabela referente à porcentagem de estudantes da terceira série do Coluni aprovados no exame vestibular nos últimos dez anos.

Os quase 500 alunos do colégio desfrutam, sem contar as salas de aula, de duas salas de projeção, laboratórios de Artes e Humanidades, Física, Química, Biologia e Informática, onde vêm a prática das disciplinas. Além disso, um prédio anexo está sendo construído para a sua ampliação. O projeto prevê o funcionamento de um auditório, sala para estagiários, de estudos (biblioteca), de reuniões e uma sala ambiente para os professores.

Tanta estrutura, aliada à qualidade dos professores e estudantes chamaram a atenção dos meios de comunicação em todo o país, sobretudo após os resultados positivos no ENEM. Várias reportagens popularizaram o nome do Coluni em nível nacional. Algumas tentavam até entender o ‘segredo’ do sucesso desse colégio do interior de Minas Gerais, o qual acabava por formar os melhores alunos do país.

A seguir, alguns trechos do que foi publicado na mídia sobre o Colégio de Aplicação da UFV nos últimos quatro anos (quando atingiu o 1º lugar entre as escolas públicas do país).

Portal G1 - 08/02/2007 ⁴:

O Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Viçosa (Coluni) conquistou uma média nacional de 70,84 pontos - a maior média entre todos os colégios públicos do país. A melhor escola particular de Minas está em Belo Horizonte (Colégio Bernoulli) e teve média nacional de 70,47. No Enem 2005, o Coluni ficou em terceiro lugar na média das escolas públicas, com 77,71 pontos.

Portal Uol Aprendiz - 1/05/2007 ⁵

A melhor escola pública do Brasil, no mesmo exame, é o Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Viçosa (Coluni), instituição mineira com 480 alunos, dos quais 160 fizeram o Enem de 2006 e cravaram 70,42 pontos. Mas o feito atraiu a curiosidade de representantes de instituições com resultados piores? "Quatro diretores vieram nos visitar, um deles de outro Estado", responde Eunice Bitencourt Bohnenberger, diretora da escola.

⁴<http://g1.globo.com/Noticias/Vestibular/0,,MUL4764-5604,00-MELHOR+ESCOLA+PUBLICA+DO+PAIS+NO+ENEM+ESTA+EM+VICOSA.html>

⁵ <http://aprendiz.uol.com.br/content/lufredrebr.mmp>

Portal Uol Educação - 03/04/2008 ⁶

A lista das dez mais do Enem (Exame Nacional do Ensino Médio) 2007 traz apenas duas escolas públicas: os colégios de aplicação da UFV e da UFRJ. Ligadas a universidades federais, as duas instituições aplicam provas para selecionar os estudantes para as suas "ilhas de excelência". (...) "Os alunos que entram querem aprender e por isso se saem bem", diz Catarina Greco Alves, orientadora educacional do Coluni.

Portal Uai/ Estado de Minas - 30/04/2009 ⁷

Ali, os portões não conhecem cadeados, não há inspetor para controlar o entra-e-sai dos adolescentes e os uniformes ficaram no passado, bem guardados no armário. Com tamanha liberdade, qualquer pessoa pensaria que nessa escola, onde os alunos não pagam mensalidade, as salas de aula estariam vazias. Ledo engano. Essa independência é justamente um dos pontos destacados pela direção do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Viçosa (Coluni), na Zona da Mata, para justificar a classificação da instituição no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) 2008 como o melhor colégio público do Brasil, pela segunda vez consecutiva.

Estado de S. Paulo - 29/04/2009

É de Viçosa, cidade de 80 mil habitantes localizada na zona da mata mineira e a 230 quilômetros de Belo Horizonte, o melhor colégio entre os públicos do Brasil, de acordo com o Enem 2008. O Colégio de Aplicação (Coluni) obteve 76,66 pontos e à frente dele aparecem duas escolas privadas. E, não fosse a prova de redação, seus estudantes teriam alcançado o melhor desempenho das escolas brasileiras. A média da prova objetiva do Coluni chegou a 82,94 pontos.

Portal Uai/ Estado de Minas - 19/07/2010 ⁸

O Coluni é um dos mais tradicionais de Viçosa, na Zona da Mata, a 230 quilômetros da capital. O reitor da UFV, Luiz Cláudio Costa, resume a fórmula do sucesso em três ingredientes. "Temos professores competentes e com dedicação exclusiva, uma boa estrutura física de laboratórios e bibliotecas e um projeto pedagógico estimulante. Para entrar no

⁶ <http://educacao.uol.com.br/ultnot/2008/04/03/ult1811u216.jhtm>

⁷ http://www.uai.com.br/UAI/html/sessao_2/2009/04/30/em_noticia_interna,id_sessao=2&id_noticia=108455/em_noticia_interna.shtml

⁸ http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2010/07/19/interna_gerais,169498/duas-escolas-mineiras-estao-entre-as-10-melhores-do-brasil.shtml

colégio, os alunos enfrentam um vestibular extremamente concorrido e ficamos contentes em mostrar que é possível fazer uma escola pública de qualidade”, diz.

O destaque que o colégio obteve por sua qualidade de ensino leva outras escolas, pais e estudantes a uma só questão: o que o aluno do Coluni tem de diferencial para conquistar ótimos resultados?

CAPÍTULO 2 - O PERFIL DO ALUNO DO COLUNI

Desde o período de sua criação, o Coluni tinha objetivos que viriam a traçar as particularidades de seus alunos. A educação preparatória para a entrada do ensino superior não era apenas uma característica declarada da escola, mas também uma determinação encontrada no próprio regimento do colégio, escrito em 1971.

Integração secundarista ao meio universitário, assim como, completar ao mesmo tempo o ensino de 2º grau dos alunos que nele se matricularem, levando em conta as necessidades qualitativas e quantitativas de recrutamento da UFV, nas suas diversas modalidades de habitação, em forma de um primeiro ciclo, com fins de recuperação das insuficiências evidenciadas pelo concurso vestibular; orientação para escolha da profissão, realização de estudos básicos para ciclos ulteriores de graduação (Mimeografado, Arquivo do Registro Escolar, COLUNI/UFV).⁹

O Coluni era então responsável por formar estudantes que suprissem intelectualmente as demandas da UFV. O objetivo estabelecido era de instruí-los para que obtivessem sucesso no vestibular e elevassem o nível dos cursos de graduação. Isso seria possível com a passagem pelo “primeiro ciclo”, uma espécie de etapa introdutória ao terceiro grau vivenciada dentro dos limites do colégio universitário (Barbalho, 2008). Essa formação não acontecia apenas em relação aos conteúdos transmitidos nas aulas, as quais eram ministradas inicialmente por professores dos departamentos da Universidade. Além de aprenderem conteúdos específicos e próximos do que iriam encontrar na graduação, a vida levada pelos alunos do Coluni era muito semelhante à universitária. Os espaços frequentados eram os mesmos e a rotina escolar muito próxima, uma vez que a sede do colégio era dentro do campus. Os estudantes podiam usufruir das instalações da universidade, como o restaurante universitário - RU, a biblioteca e os espaços de lazer e esportes. A cobrança era feita em cima de um comportamento adulto, responsável e centrado, uma vez que os alunos do colégio que viria a ser de aplicação não podiam atrapalhar o rendimento dos da graduação, pelo contrário, deviam se preparar para essa futura etapa.

O fato é que tanto da parte administrativa quanto dos alunos da UFV, o que transparece nessa situação é que se exigia em relação ao aluno do COLUNI o mesmo ritmo de estudo, além de comportamento consoante com o projeto pedagógico da universidade, pautado na dedicação e no zelo pelo conhecimento científico (Barbalho, 2008, p.52)

Dessa forma, a relação íntima traçada entre o Coluni e a UFV marcaram o comportamento dos estudantes da escola durante décadas e continuam marcando. Além disso,

⁹ Barbalho, 2008, p.50

a infra-estrutura cedida pela instituição permite que os adolescentes tenham a oportunidade de aprofundamento dos conhecimentos e consolidação do aprendizado, características que definem os Coluni's como alunos de primeira qualidade. Ao pensar nos motivos que tenham levado ao destaque nacional um colégio do interior do estado, a orientadora educacional, Catarina Greco, materializa uma fórmula.

Porque quando a gente fala do COLUNI, se quiser simplificar em termos de uma receita, é a receita que tem quais ingredientes: um bom aluno, o professor também qualificado, com a dedicação exclusiva, o que faz toda a diferença, e a infra-estrutura, que é a parte material (Catarina Greco – Orientadora Educacional do Coluni).¹⁰

O corpo docente realmente é um ponto indispensável para a formação dos estudantes em questão. Trabalhando em regime de dedicação exclusiva, ou seja, ministrando aulas apenas no Coluni, os professores têm um tempo maior para se dedicarem a atividades extra-aula, mas diretamente ligadas a ela. Os plantões de atendimento, períodos durante toda a semana em que esses profissionais ficam à disposição dos alunos para esclarecer dúvidas, fazem com que ambas as partes se aproximem, criando então uma relação de confiança. Desse modo, o acompanhamento do adolescente é feito mais de perto, impedindo que este sinta medo ou insegurança de fazer perguntas a quem o ensina e externalizar suas dificuldades com este ou aquele tópico.

Depois que ele (aluno) aprende a ter hábito de estudo ele se torna independente, ele sabe criar o próprio ritmo e procurar o professor é uma das formas. O professor com dedicação exclusiva, ficando só aqui, é o tempo da correção de prova, por exemplo... dá para ele uma oportunidade de desempenhar suas funções sem o desgaste geral, que é do sistema educacional brasileiro (Catarina Greco – Orientadora Educacional do Coluni).

Outra ponta do triângulo que sustenta o bom desempenho do colégio, de acordo com Greco, é a qualidade do aluno. Avaliados em uma prova muito semelhante ao vestibular, guardadas as devidas proporções, principalmente no sentido emocional, os alunos são testados desde o momento em que chegam à escola. O estudante do Coluni é “um aluno que busca além”¹¹. Seu perfil já é definido desde quando ele passa na prova de seleção. Muitos, certamente, tentam ingressar no colégio por pressão e influência dos pais, parentes e amigos, mas se a vontade não partir do próprio estudante, “eles se excluem do sistema, ou o sistema os exclui”¹².

¹⁰ Entrevista concedida em 25 de setembro de 2010 exclusivamente para a produção do presente trabalho.

¹¹ Palavras de Catarina Greco, Orientadora Educacional do Coluni.

¹² Idem

Eu costumo dizer que o aluno do Coluni tem um projeto de vida, então não vem fazer o Coluni um aluno que não sabe ‘Eu quero continuar meus estudos, eu quero alguma coisa além’(Catarina Greco – Orientadora Educacional do Coluni).

O fato desse aluno ter ‘um projeto de vida’ acaba por impulsionar a todos para um nível acima. Isso porque enquanto muitos têm objetivos mais simples, outros sonham alto e correm atrás de realizar estes sonhos, principalmente em se tratando de passar nessa ou naquela faculdade. A realidade do colégio corresponde a um grupo de estudantes interessados, focados e desacostumados com o fracasso. De acordo com Greco, esse talvez seja o grande problema dos adolescentes da primeira série. Logo no primeiro mês de aulas, choque total. Praticamente todos que passam a estudar no Coluni faziam parte do seletivo grupo dos alunos considerados destaque. Ótimas notas, desempenho excelente nas matérias e longe, muito longe da recuperação e reprovação. Recheados de autoconfiança e um pouco vaidosos, esses jovens se sentem desanimados com as notas perdidas e as dificuldades nos conteúdos, consequências do ritmo de estudo imposto pelo colégio, o qual é completamente diferente daquele em que estavam acostumados. Mas se a queda no desempenho escolar (quando comparado as séries anteriores) é um problema, a da auto-estima é ainda pior. Com os primeiros resultados negativos, o pensamento de ‘largar a escola’ habita a mente de vários alunos. Muitos deles podem até não tirar notas vermelhas, mas não se adaptam inicialmente ao sistema da escola.

Mas o que toca o aluno é a auto-estima, ele passa a se sentir inferior. Uma expressão que eu escuto muito é ‘eu fiquei burro’, ‘essa escola vem me mostrando que eu sou burro, que eu não sei nada, que outro é melhor do que eu’(Catarina Greco – Orientadora Educacional do Coluni).

A vergonha que os estudantes têm de passar por uma recuperação ou reprovação demonstra a dificuldade de lidar com os fracassos, questão muito trabalhada durante as três séries no colégio. Neste período, o sistema da orientação educacional, aliado ao auxílio dos professores se faz muito necessário, evitando que muitos saiam do colégio antes mesmo de gozarem efetivamente de suas vantagens.

O segundo ano é considerado aquele com a maior carga de conteúdo. No entanto, é o mais tranquilo e sereno do Coluni. Nesse momento, os alunos já não sofrem com saudade de casa ou com as notas não tão altas do primeiro ano. Eles já entenderam o esquema da escola, já criaram o próprio ritmo de estudos e acabam por perceber as múltiplas oportunidades que o colégio oferece, principalmente no campo dos relacionamentos. As amizades se fortalecem, o companheirismo é marca dos alunos e a rotina acaba sendo mais natural. Sem a adaptação difícil da primeira série e o desespero da terceira, o estudante do segundo ano “vai

descobrimos que ele é um ser social. Então ele tem que se relacionar e ao mesmo tempo vão acontecendo as mudanças próprias da adolescência”¹³.

É como uma definição que eu ouvi de um aluno: ‘é o recheio do sanduíche, vamos aproveitar. Eu vou aproveitar também, eu quero aproveitar os meus amigos, quero aproveitar o que a escola me proporciona em termos de relação que é muito legal’ (Catarina Greco – Orientadora Educacional do Coluni).

Junto com o fortalecimento das amizades, os namoros surgem com uma frequência ainda maior. No entanto, o que em muitos colégios é proibido ou reprimido, no Coluni é liberado. Os casais podem ficar juntos na escola, uma vez que o namoro não é visto como um problema de acordo com o sistema pedagógico adotado. Obviamente, se os alunos se excederem, a orientação educacional acaba ‘dando um toque’ para que as demonstrações de amor não constriam os colegas, mas em grande parte dos casos, os relacionamentos amorosos são vistos com muito bons olhos.

Claro que tem uns casos que fogem a isso. Mas eu vejo que ajuda sim. É muito comum no nosso conselho de classe falarem que o namoro tá sendo muito bom, porque se um deles é mais responsável a tendência é puxar o outro, ‘vamo borá, vamos estudar junto’(Catarina Greco – Orientadora Educacional do Coluni).

Tanta alegria e descontração têm dia certo para acabar: o começo da terceira série. O ano do vestibular, da escolha mais importante, do estudo e da despedida. Não há mais o que esperar e o sucesso, a conquista do objetivo traçado ainda no começo do Ensino Médio, depende de muito esforço e dedicação aos estudos. A pressão involuntária aterroriza os adolescentes, que sabem que precisam passar no vestibular.

‘Chegou o momento. Então, se chegou o momento eu tenho que me preparar’. E junto com isso vem toda a pressão que é inerente. Primeiro é o próprio aluno, porque se ele entrou aqui, se ele passou por todas essas etapas, passou por esses desafios, ninguém mais que ele mesmo quer o sucesso no final do ano. E não cabe não ser no final daquele ano (Catarina Greco – Orientadora Educacional do Coluni).

O estudante do Coluni não aceita o fato de não passar no vestibular. Mesmo aprendendo que o fracasso faz parte da vida, esse é sabor um que ele realmente não quer provar. E não basta ser aprovado em uma instituição de ensino, ela deve ser no âmbito federal. O orgulho é um sentimento que faz parte de toda a trajetória dos alunos do Colégio Universitário, em cada momento se manifestando de uma forma diferente. Se antes esse orgulho impedia que fosse sequer concebida a idéia de passar por uma recuperação, neste momento é simplesmente inadmissível ser reprovado no vestibular. Para os estudantes que

¹³ Palavras de Catarina Greco, Orientadora Educacional do COLUNI.

vieram de outras cidades, é a frustração pessoal, de pais, parentes e até mesmo conhecidos, que confiaram na capacidade do jovem que veio para estudar na melhor escola pública do país. Os de Viçosa, por outro lado, convivem desde pequenos com a idéia de que ‘devem fazer um curso na federal’, já que vivem em uma cidade onde há esse tipo de instituição e ainda, passaram pelo Coluni - “Essa é a idéia que eles fazem aqui e é a idéia que ta posta pra todo mundo, ‘alunos do Coluni passem direto’. Que **tem** que passar no vestibular”¹⁴ (Grifo nosso). Contudo, passar no vestibular em uma instituição federal não significa necessariamente que seja na UFV. Muitos estudantes do colégio vêem a Universidade como inferior, talvez por estarem vinculados a ela desde a primeira série do Ensino Médio. Esse pensamento pode atrapalhar o ‘gosto’ de ser aprovado no exame da referida Universidade, que é uma instituição reconhecida nacional e internacionalmente. Mesmo assim, a obrigação de passar onde já se estuda é ainda maior do que a de conseguir sucesso em outros lugares. Como os alunos já frequentam o campus e suas instalações e se relacionam com os jovens da graduação, ser reprovado nos vestibulares, sobretudo no da UFV, é motivo de vergonha e desapontamento.

Mesmo com tantas preocupações, os adolescentes também procuram aproveitar ‘uns aos outros’, afinal, é o último ano em que a turma estará reunida. As fortes amizades continuam após a conclusão do Ensino Médio, muitas nem terminam. Uma singularidade desses estudantes é o sentimento que grande parte deles mantém pela escola. Por vezes, o saudosismo toma conta antes mesmo de eles deixarem o colégio, e se reforça profundamente quando assumem a posição de ex-alunos. Esse fato é evidenciado pelas visitas constantes desses, seja apenas para rever os professores e funcionários ou mesmo para agradecê-los pelo convívio. Isso porque quem estudou na escola costuma apresentar uma facilidade a mais na graduação, principalmente quando se compara aos colegas de sala. Como os ex-Coluni já passaram pela adaptação, aprenderam a criar um ritmo de estudo e a lidar com os possíveis fracassos, grande parte dos desafios dos demais universitários não fazem parte do dia-a-dia desses estudantes. Um exemplo do retorno e da saudade que os ex-alunos têm dos tempos do colégio é o ‘Encontrão LOCUNI’. O evento aconteceu pela primeira vez em 2008 e reuniu antigos estudantes de diversas cidades e universidades do país, os quais voltaram para o bom e velho anfiteatro do colégio onde aprenderam principalmente a serem cidadãos. A cada dois anos, a reunião explicita o grande carinho que os ex-alunos têm pelo colégio.

¹⁴ Palavras de Catarina Greco, Orientadora Educacional do Coluni.

(...) o que eu senti no momento foi uma energia muito grande. E meio que todo mundo recarregou as energias e ficou pronto para os seus trabalhos. É a satisfação que cada um tem de trazer e contar o que esta fazendo (Catarina Greco – Orientadora Educacional do Coluni).

A cumplicidade entre os colegas ajuda inclusive após a aprovação no vestibular. Muitos dos que cursam faculdade em Belo Horizonte, Juiz de Fora entre outras cidades, acabam formando um grupo forte de amizade. Se antes alguns deles não tinham nada em comum, agora são ex-estudantes da mesma escola. Esse fato faz com que se ajudem na nova cidade, impedindo que fiquem sozinhos, pelo menos em um primeiro momento. Um caso muito interessante é o dos COLUNICAMP's. Estes são ex-Coluni's que agora cursam graduação na Universidade Estadual de Campinas, a famosa Unicamp. Os jovens se reúnem em confraternizações, são próximos e alguns até moram juntos (veja a figura abaixo).

Eles acabam se sentindo no dever, na responsabilidade de se acolherem, de se ajudarem. Porque eles têm alguma coisa em comum, que é a questão COLUNI. É meio uma coisa de família. Se você sabe, é como tio, primo (Catarina Greco – Orientadora Educacional do COLUNI).



Ex-alunos do Coluni em um encontro dos COLUNICAMP's

O laço entre os estudantes é tão forte, que um fato interessante aconteceu este ano (2010) e nos chamou a atenção. Um grupo de quatro ex-alunos de 2003-2005 se encontrou em Paris, na França. Todos faziam intercâmbio e quando souberam da presença dos colegas, conseguiram se reunir e relembrar os velhos tempos de COLUNI. Na legenda da foto postada em um site de relacionamentos, o Orkut, a frase: 'Turma B – Coluni' (Veja na foto abaixo).



Na foto, os ex-Coluni's Henrique Oliveira, Juliana Benevenuto, Ivy Lellis e Juliano Tibúrcio juntos em Paris. O encontro em terras estrangeiras demonstra que as amizades conquistadas no colégio, tão importantes para a adaptação e amadurecimento dos estudantes, são também duradouras.

Os alunos apresentam então relações afetivas muito fortes com o colégio e os colegas, se cobram quanto ao estudo e mais, gostam de se desafiar. Na própria escola, quando são propostas atividades de competição entre as turmas, mesmo que aparentemente não haja um prêmio ou recompensa, os adolescentes se desdobram pelo bom desempenho e buscam sempre a vitória.

(...) se você levar em consideração a grande maioria, eles querem ter o desafio mesmo, tem que ser bem feito aí entra até um pouco a competição, que está presente. A gente vê que a competição faz parte também, porque o mundo lá fora é competitivo (Catarina Greco – Orientadora Educacional do Coluni).

Outro ponto a ser citado diz respeito ao preconceito. O *bullying*, a homofobia e o racismo são problemas que estão dentro das escolas e exigem um esforço das direções em controlá-los. De acordo com a orientadora educacional, mesmo apresentando um número de alunos advindos de famílias conservadoras, as dificuldades com essas questões têm se reduzido a cada ano no Coluni. Greco acredita que a maior tolerância é resultado de um amadurecimento dos alunos, que aprendem a respeitar as diferenças e a entender que não existe apenas um modo de se colocar na vida.

É muito comum ver aquele aluno que vem da cidade dele, uma cidade pequena, e que tinha uma visão de mundo e de pessoas todas muito iguais. Então, ele chega aqui e encara um mundo muito diverso, de valores, de pessoas, de opções, de escolha e de cultura inclusive (Catarina Greco – Orientadora Educacional do Coluni).

Desde a criação do colégio, em 1965, as histórias de sucesso são inúmeras e o destaque não vem só pela excelência em ensino, mas também por ser uma instituição que forma caráter, personalidade e realmente educa os jovens. Além dos vários médicos, juízes e engenheiros que o Coluni formou, muitos ex-alunos atuam como professores da graduação e pós-graduação da UFV, ou ocupam cargos mais altos, como é o caso do da atual vice-reitora, Nilda de Fátima Soares, que estudou na escola em 1978. Além disso, no atual corpo docente existe um número expressivo de ex-alunos. Um retorno que a escola se orgulha de poder mostrar para os outros colégios do país.

CAPÍTULO 3 - NOVELA: UMA MANEIRA DE INFORMAR DISTRAINDO

3.1 A novela da ‘Vida Real’

Ao chegar do trabalho, da escola ou quando nem mesmo se saiu de casa um hábito é revelado quase como um ritual no final da tarde e início da noite. Independente do enredo ou do horário – 18h, 19h ou 21h, ‘assistir novela’ faz parte da rotina da grande maioria dos brasileiros. A peça televisiva mais popular do país advém dos folhetins do século XIX, das radionovelas e das *soap operas* americanas, recebendo também influências do teatro, da literatura e do próprio cinema. A mistura desses formatos, cada um com suas características e conceitos próprios, resulta em um produto completamente distinto, que representa um pouco da cultura e dos hábitos do brasileiro. As histórias, recheadas de fortes emoções e guiadas por uma linha melodramática, mostram ‘a vida como ela é’, mesmo que de forma representativa. De forma contrária às narrativas clássicas, a novela¹⁵ mostra o que acontece hoje e retrata o dia-a-dia da população, o que acaba por criar uma relação de intimidade e familiaridade com a trama.

A telenovela faz parte, domina, preenche o cotidiano das pessoas, e, na maioria dos casos, de forma mais rica, densa e emocionante do que a própria vida. A imediatividade deve-se ao fato dela estar assim ‘colada’ ao cotidiano de cada um e substituir um convívio social que por uma série de fatores já não se dá mais, mas, principalmente, por entrar para esse convívio através de um componente de familiaridade. É essa familiaridade do dia-a-dia telenovelístico que garante e facilita a aceitação das pessoas (Marcondes Filho, 1994, p.45)

Essa relação próxima entre o telespectador e a novela – e conseqüentemente seu autor – é uma característica interessantíssima da forma como é conduzida a história. Enquanto os enredos dos livros e filmes a ideia do autor já está começada e finalizada em seu produto, o escritor de telenovelas pode mudar ou direcionar a trama para um lado diferente daquele pensado inicialmente. As novelas têm sim um começo, meio e fim, mas ele não é fechado e pode sofrer grande influência da audiência.

A novela quebra a função simbólica do relato, esse desenvolvimento mais ou menos regular de um começo, um meio e um fim. A telenovela tem uma sinopse, um projeto geral mais ou menos vago do que pretende, do desdobramento esperado do autor, mas durante seu percurso sofre uma série de alterações, inversões, mutilações, o que torna seu desenvolvimento um fato absolutamente imprevisível. (Marcondes Filho, 1994, p.43)

¹⁵ Quando utilizarmos a palavra “novela”, estaremos nos referindo diretamente à “telenovela”.

Vários críticos apontam as novelas como histórias repetidas, sem grandes modificações referentes ao eixo central dos conflitos. De uma peça para a outra, uma nova delineada, personagens distintos e a mesma mensagem básica. No entanto, mesmo que muitos dos próprios espectadores também reconheçam esse aspecto das novelas, não são esperadas grandes mudanças ou rupturas profundas entre elas e o cotidiano das pessoas. Enquanto as narrativas clássicas buscam exatamente essa cisão, objetivando brincar com a nossa segurança e colocando em cheque nossa linha de pensamento, as novelas são construídas a partir de outra perspectiva (Marcondes Filho, 1994).

A telenovela, ao contrário, refuta tais extravagâncias em relação ao receptor, com seu componente de familiaridade, que é a volta regular, sistemática, viciada, dos mesmos modelos e dos mesmos padrões. No fundo, alguns traços ou componentes que marcam o sucesso das telenovelas sempre voltam com novas roupagens. É uma espécie de produção de clones, ou seja, na telenovela parece que as formas narrativas são sempre cópias, sempre duplicatas de um modelo único que servem e sempre se encaixam. (Marcondes Filho, 1994, p.45)

As telenovelas pertencem ao gênero do entretenimento e desempenham bem este papel. Após um dia cheio de realidade, de dificuldades e trabalho, o cansaço e os problemas reais dão lugar à ficção que leva os espectadores para um outro universo, mesmo que este esteja tentando trazer uma representação do dia-a-dia. Utilizando uma linguagem clara e simples, as novelas são endereçadas a qualquer faixa etária, atraindo cada vez mais crianças e jovens. Ao construir a história dos personagens, as novelas envolvem o público e falam desde ao empresário bem sucedido até ao funcionário mais carente de educação formal.

No Brasil, a Rede Globo lidera disparado o mercado dramaturgico. Desde 1965, ano de sua criação, a grade de programação continha novelas. Três anos depois um projeto específico para a teledramaturgia foi desenvolvido, começando a esboçar a importância que esta peça televisiva viria a ter para a emissora em um futuro próximo. As novelas passaram a formatar a programação, sendo destinado a elas o horário com maior possibilidade de audiência.

Esse padrão de programação denominado, ao longo dos anos, ‘horário nobre’, ou *prime-time*, permitiu que a Globo consolidasse um modelo de produzir e ver televisão vigente até os dias de hoje; modelo concebido e organizado ao redor de uma ideia aparentemente simples: um telejornal, o *Jornal Nacional*, enquistado em meio a duas novelas, as populares *novela das 7* e *novela das 8* (Brittos, Bolaño, 2005, p.188)

E são exatamente estes os grandes filões da Globo. Enquanto os jornais informam à população o que acontece no mundo, as novelas dão a ela o respiro da realidade e permitem que o telespectador se distraia com a TV. Muitos assistem a ‘novela das 7’ para esperar o

horário do ‘Jornal Nacional’, enquanto outros absorvem algum conteúdo desse noticiário aguardando a ‘novela das 8’. Um programa puxa a audiência para o outro, fazendo com que este período da noite seja o mais disputado para os informes publicitários.

A grade de programação dos horários de maior audiência fornece uma gama de informações e conteúdos inseridos em um modelo de programação estabelecido pela Rede Globo, apoiando em dois pilares bem firmes: o telejornalismo e as telenovelas que, ao contrário do que afirma o senso-comum fazem parte das preferências e hábitos de crianças e adolescentes (Coutinho, 2008, p.7).

A teledramaturgia traçou um caminho de alta visibilidade na televisão brasileira, sobretudo na Globo, o canal da TV aberta mais assistido no país. Neste, o hábito de acompanhar à programação em família é reforçado por um quadro de horários fixo, principalmente em se tratando de novelas. A fidelização do público é uma consequência vislumbrada pela emissora, que sabe a importância da audiência para a renda com os comerciais. Mesmo sofrendo uma leve queda na década de 90, a Globo reconquistou seus telespectadores no início dos anos 2000, o que fez com que as novelas desse período atingissem até 50 pontos de audiência (Brittos; Bolaño, 2005).

Para além do espaço privilegiado de consolidação de um modelo de produção, de base para a formação de um hábito de ver TV e de indiscutível fidelidade do público, o *prime-time* constituiu também lugar de captação de elevados recursos da verba publicitária destinada ao campo televisivo que, por sua vez, detém a maior fatia do total investido em diferentes mídias. (Brittos; Bolaño, 2005, p.189).

Mesmo sendo produzidas com essa finalidade, as telenovelas apresentam outras funções além de entreter. Em muitos momentos, os assuntos abordados em meio a história de amor que costuma guiar o enredo podem educar e informar o telespectador. Essa carga informativa pode ser transmitida a partir de uma estratégia que a cada dia é mais utilizada: o *Merchandising Social*. Para entender a força desse recurso no discurso das novelas é necessário entender antes sua proposta, a qual está intimamente ligada aos mecanismos mercadológicos do *Marketing*.

3.2 Merchandising Social: Uma maneira eficaz de informar grandes audiências

A mudança da sociedade pré-moderna para a atual foi determinada pelo fim do controle das tradições e a posterior liberdade de consumo. Antes, as tradições detinham o poder de escolher de que forma devíamos nos comportar, falar, posicionar. Hoje, somos livres

para sermos quem quiser e para comprar o que achamos melhor, desde que não deixemos de consumir (Rocha, 2005). Na ‘Sociedade de Consumo’ em que vivemos, algumas ciências se desenvolveram com o objetivo de proporcionar o sucesso no momento da compra, nas transações comerciais e maximizar os lucros das empresas. O *Marketing* é então “um processo social por meio do qual pessoas e grupos de pessoas obtêm aquilo de que necessitam e o que desejam com a criação, oferta e livre negociação de produtos e serviços de valor com outros (Kotler, 2000, p.30)”.

Vinculado essencialmente a atividades comerciais, o *Marketing* acabou por ser repensado no sentido da promoção e ‘venda’ não apenas de produtos, mas de ideias, comportamentos e ideologias. Em 1971 o termo *Marketing Social* começou a ser utilizado para apresentar os conceitos e técnicas para esta atividade.

(...) passou a significar uma tecnologia de gestão das mudanças sociais, associada à implantação e controle de projetos que visam construir e implementar estratégias e instrumentos para solucionar problemas sociais nos campos do trabalho e renda, educação, saúde, habitação, saneamento ambiental, nutrição, etc. (Conceitos Comunicarte)¹⁶

A Comunicarte, empresa especializada em Marketing, Merchandising e Responsabilidade Social e consultora da rede Globo nessas questões, define *Marketing Social* como uma ferramenta que permite a "gestão estratégica do processo de introdução de inovações sociais, com base na adoção de novas atitudes, comportamentos e práticas individuais e coletivas, orientados por preceitos éticos e fundamentados nos direitos humanos e na equidade social"¹⁷. Seu compromisso é com a responsabilidade social e a importância que cada um tem na sociedade. A ideia é que a partir do *Marketing Social* a população se conscientize em relação aos problemas gerais e discuta questões sociais que permeiam a relação entre os indivíduos.

O marketing social viabiliza o acesso às informações e, a partir daí também, gera-se uma nova consciência; o que irá inserir na vida, nas pessoas, a necessidade de priorizarem a adesão a produtos comprometidos com o bem da sociedade (Costa et al., 2009, p.5).

Dentre as técnicas de comunicação do Marketing Social, o *Merchandising Social* é uma das mais bem-sucedidas. Oriundo do *Merchandising Comercial* ou *Edutainment*, já bastante conhecido pela população brasileira por sua presença na programação televisiva, o *Merchandising Social* é “a inserção – intencional, sistemática e com propósitos educativos bem definidos - de questões sociais e mensagens educativas nas tramas e enredos das

¹⁶ <http://www.comunicarte.com.br/conceitos.htm>

¹⁷ Idem.

telenovelas, minisséries e outros programas de TV”¹⁸. Em ambas as variações, o produto/ ideia deve ser apresentado de maneira sutil, passando a compor o enredo da novela ou série sem que o telespectador note uma ruptura muito agressiva da narrativa.

O Merchandising é embasado em estratégias técnicas capazes de lembrar, informar e ainda persuadir o consumidor a comprar um determinado bem. O intuito dos mecanismos, utilizados para expor produtos, é o de chamar a atenção do consumidor para convencê-lo de efetuar a compra (Costa et al., 2009, p.3).

No Brasil, o *Merchandising Social* começou a ser incorporado pela Rede Globo em suas produções dramáticas com o objetivo de discutir temáticas relevantes à sociedade, mas pouco abordadas nos programas de televisão. A ideia era que a emissora exercesse seu papel social junto à população, trazendo também soluções e alternativas a grandes problemáticas sociais. Em contrapartida, tal prática produz uma imagem da Globo como empresa socialmente responsável, o que certamente traz grandes lucros e vantagens para ela própria.

O Merchandising social, com inserção pioneira nas telenovelas transmitidas pela Rede Globo, surge com intuito de proporcionar maiores esclarecimentos sobre problemáticas, de cunho social, desconhecidas por uma parcela significativa da sociedade. Ficção, realidade e Merchandising nas telenovelas retratam polêmicas problemáticas sociais de maneira compreensível para a sociedade (Costa et al., 2009, p.10).

Com ajuda da Comunicarte, a Globo se inseriu no cenário internacional como uma grande força no campo do *Merchandising Social*, se destacando por utilizar amplamente esse recurso em sua programação. A doação de medula óssea, as dificuldades e perigos do Aids, o trabalho infantil, os direitos de portadores de necessidades especiais, o problema das crianças desaparecidas, a falta de respeito com os idosos, a esquizofrenia e o uso de drogas são apenas algumas temáticas abordadas pelas produções dramáticas da Globo, as quais são conhecidas e vendidas para o mundo todo. Após um período de sistematização e consolidação do *Merchandising Social* nos programas da emissora, a estratégia passou a ser cada vez mais utilizada, resultando em um significativo número de inserções em capítulos de novela, como afirma Márcio Schiavo, estudioso da área e diretor da Comunicarte: “de 1996 a 2005, foram computadas **10.865** ações, inseridas em cerca de **6.900** capítulos de **46** telenovelas (Schiavo, 2006, p.3)”. A utilização dos personagens, que acabam se tornando figuras íntimas do telespectador pelo fato desse último acompanhar sua trajetória na trama auxilia ainda mais na absorção da informação a ser passada pelo *Merchandising Social*. Isso porque são os próprios personagens que trabalham a ideia ou tema social, criando uma aproximação de quem está

¹⁸ <http://www.comunicarte.com.br/conceitos.htm>

assistindo a novela ou série. Mesmo o enredo sendo fictício, a discussão social que permeia a história dos personagens é apreendida pela audiência.

Em 2001, computaram-se 483 cenas socioeducativas nas oito telenovelas veiculadas pela Rede Globo. *Malhação* foi a que apresentou o maior número de cenas: 346. Mas, o grande destaque foi *Laços de Família* que, por meio do merchandising social, fez com que o número de doadores de sangue no Instituto de Hematologia passasse de 10 para 154 ao mês e o de doadores de medula no Instituto Nacional do Câncer (INCa), de 10 para 149 ao mês (Schiavo, 2002, p.1).

Obviamente, a emissora tem uma grande vantagem ao utilizar o *Merchandising Social*. Além de ser visto como um trabalho de responsabilidade social, o uso dessa estratégia traz altíssimos lucros para a empresa de televisão. Esses lucros advêm das publicidades, que pagam caro para ter um espaço no intervalo comercial, já que as novelas que usam o recurso atingem altos níveis de audiência. Além de a emissora obter vantagens, os atores e o autor recebem um valor extra ao interpretarem/ utilizarem cenas de *Merchandising Social*. No fim do processo, trabalhar para ser ‘politicamente correta’ é um bom investimento para a emissora.

Na rede Globo, novelas de todos os horários podem receber *Merchandising Social*, sendo mais frequente naquelas transmitidas às 21h, ou seja, as chamadas novelas das oito. Mesmo assim, é a produção dramaturgica voltada para os jovens, uma das únicas da programação brasileira, que recebe o maior número de inserções dessa importante estratégia comunicacional.

O programa *Malhação* é considerado pela Rede Globo de Televisão como o campeão de inserções de *merchandising social*. De janeiro de 2000 a junho de 2004, ela foi responsável por 40% do *merchandising social* exibido nas telenovelas da emissora (Valladares, 2005 apud Coutinho, 2008, pg.10).

Dessa forma, sendo a telenovela *Malhação* a principal produção dramaturgica em relação a inserções de *Merchandising Social*, é necessário entender de que maneira o formato desse programa permite a utilização desse recurso e como foi traçada a trajetória da novela desde sua estreia, em 1995.

CAPÍTULO 4 - A NOVELA DOS ADOLESCENTES

4.1 Soap Opera ou Novela?

Como já citamos anteriormente, a TV Globo, rede de televisão mais popular do país, foi fundada em 26 de abril de 1965. Desde então, sua programação diversificada que engloba jornalismo, programas educativos, entretenimento, esporte, e as famosas telenovelas é acompanhada por milhares de pessoas de todas as idades e classes sociais. Com o objetivo de criar um programa que falasse em especial aos adolescentes, foi lançado em 24 de abril de 1995 o seriado/ telenovela *Malhação*, quando a emissora completava exatos 30 anos de existência.

No ar de segunda a sexta-feira e com duração média de 25 minutos, o programa buscava mostrar a vida do jovem, suas dúvidas e anseios, retratando essa fase singular na vida do adolescente e os problemas que os acompanha. Com o passar do tempo, o programa foi recebendo a inserção de novos assuntos de maior relevância social, como preconceito, corrupção, drogas, trabalho social, erro médico, entre outros. A *Malhação*, que viria a se consagrar sucesso nacional de audiência sobretudo em 2004, fez com que estudiosos e pesquisadores discutissem um de seus aspectos mais importantes: o formato.

A *Malhação* traz em sua forma e conteúdo características que a coloca entre dois gêneros que se consagraram na indústria de massa durante o século XX: a telenovela brasileira – produto exportado para vários países- , e a *soup opera* americana (Souza, 2007, p.64).

A própria TV Globo encara o programa como uma inovação na área de dramaturgia, unindo traços dos dois gêneros. No site Memória Globo, o qual apresenta um resgate histórico de toda a programação da emissora, a *Malhação* está inserida no sub-tópico seriado, dentro da área de dramaturgia. O fato de apresentar uma história longa e sem um ‘fim determinado’, e ainda, de ter sido formulada para que suas tramas se resolvessem no último episódio da semana retratam as características das *soap operas*. Essas últimas são compostas por episódios independentes que apresentam vários núcleos, mas mantendo a coesão a partir de um elenco central estável, com poucas mudanças de personagens, que serve de fio condutor para os episódios seguintes.

O programa inaugurava um novo conceito dentro da teledramaturgia da TV Globo: um seriado com alguma semelhanças com as *soap operas* americanas, data de término em aberto e maior flexibilidade para mudanças nas narrativas paralelas e no perfil dos personagens. Em vez da carga dramática característica daquele tipo de produção, o novo seriado tinha uma

abordagem leve e bem-humorada para as questões delicadas que pretendia discutir.¹⁹

No entanto, o programa acabou abandonando o esquema de solução semanal dos conflitos e passou a ter temporadas maiores. Os diferentes núcleos, que se comunicam a partir de um enredo central, foram acrescidos de personagens adultos e a retratação da família também foi incorporada à história. As trocas de personagens passaram a acontecer de acordo com a mudança das temporadas e poucos deles são mantidos de uma para a outra. Aliado a tudo isso, a diversificação dos cenários e o uso de gravações externas configuram características típicas das tradicionais novelas. Mesmo assim, quando houve mudanças mais expressivas quanto ao cenário central da trama - transição da academia de ginástica para o colégio de Ensino Médio - essas foram justificadas na própria novela – o colégio foi construído no terreno onde funcionava a academia.

Afirmar que hoje *Malhação* é seriado é uma posição um tanto equivocada, todavia, situar no campo da serialidade é correto, por seu discurso ser apresentado de forma fragmentada (Medronha, 2005, p.7).

Independente das mudanças ocorridas durante seus quinze anos ininterruptos no ar, o programa mantém o mesmo objetivo, que é discutir “questões pertinentes ao universo jovem, como o início da vida sexual, o relacionamento com os pais e com os amigos e as dúvidas em relação ao futuro profissional”.²⁰

4.2 O começo, o meio e a falta do fim: temporadas da *Malhação* de 1995 a 2010

O termo *Malhação*²¹ não foi escolhido ao acaso. Em 1995, ano em que a novela foi lançada, a história retratava a realidade de jovens em uma academia de ginástica com o mesmo nome da trama. A trama se desenrolava na Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro, onde funcionava a academia de ginástica e eram oferecidas aulas de dança, karatê, futebol, entre outras modalidades esportivas. Nela, os alunos, em sua maioria de classe média, conversavam, faziam amizades e paqueravam, abordando conflitos e dúvidas típicas da adolescência. Além disso, o cuidado com a saúde e o corpo era característica marcante das temporadas que tiveram a academia como espaço central. A própria abertura da novela trazia corpos esculturais literalmente ‘suando a camisa’ para conseguirem um bom condicionamento

¹⁹ Conteúdo disponível no subitem *Malhação* da seção *Seriados*, no site *Memória Globo*.
Endereço: <http://memoriaglobo.globo.com>

²⁰ Idem.

²¹ Quando utilizarmos a palavra *Malhação* em itálico estaremos nos referindo à novela. Contudo, ao usar o vocábulo entre aspas simples, ‘*Malhação*’, a intenção é abordar a própria academia de ginástica.

físico, saúde e principalmente beleza. Com a utilização de poucos cenários e gravações principalmente em estúdio, a *Malhação* já debatía temas como namoros proibidos, primeiro beijo e a virgindade, bastante explorada nesse ano. Nesta primeira fase, a novela seguía o formato de seriado, uma vez que as tramas começavam nas segundas-feiras e encerravam-se nas sextas-feiras da mesma semana. Muitos personagens eram adolescentes e representavam os alunos da academia. Apesar de manter essa característica, também faziam parte da trama os professores da ‘Malhação’ – os quais tinham um relacionamento próximo com os alunos – a proprietária do estabelecimento, entre outros. Foi também nessa época que entrou para o elenco um de seus personagens mais famosos, o Mocotó. Mesmo não sendo adolescente, o personagem tinha destaque na trama e se relacionava com praticamente todos da novela. Vivido por André Marques, atual apresentador do programa Vídeo Show, Mocotó era um rapaz simpático, extrovertido e conquistador. Ele se manteve na *Malhação* até 2008, permanecendo no ar diariamente por quatro anos ininterruptos.

Um dos personagens mais marcantes era Alexandre Ferreira, o Mocotó (André Marques), como era chamado devido ao seu gosto por geléias. Conhecido por todos na academia, é um irreverente nato e um mulherengo incurável, que frequenta todas as aulas com o único objetivo de paquerar as meninas. A única exceção é a aula de alongamento, que ele considera ‘coisa de frutinha’.²²

O ano seguinte começou com uma inovação: em janeiro, os alunos da academia se reuniram para uma viagem de férias, que coincidia também com esse mesmo período para os telespectadores. Os jovens foram então para o Rancho da Maromba, e a ‘viagem’ teve duração de duas semanas. Logo em seguida e com o fim das férias, a história voltou ao foco da academia, que estava sob nova direção. Nesse momento, a novela abandonou o modelo de iniciar e finalizar conflitos a cada semana e passou a tratar os assuntos com um tempo maior. Novos personagens integraram o elenco e outros o deixaram, configurando uma prática que passaria a ser comum com a troca de temporada. Com isso, a *Malhação* perdeu uma de suas principais características de *soap opera*, fazendo com que os assuntos passassem a ser tratados de forma semelhante às novelas, desenrolando um mesmo acontecimento ao longo de dias, ou até mesmo semanas. Ainda nessa temporada, o sexo passou a ser tratado de forma mais clara e direta, buscando auxiliar no relacionamento entre pais e filhos.

Outra medida foi aumentar as referências ao universo profissional. A ação passou a se concentrar mais nos funcionários da academia que nos

²² Conteúdo disponível no subitem Malhação da seção Seriadados, no site Memória Globo. Endereço: <http://memoriaglobo.globo.com>

freqüentadores, e a questão financeira era central em boa parte dos conflitos.²³

Em 1997, o programa continuou seguindo o formato da temporada anterior e debatendo as mesmas temáticas, mesmo tendo sofrido uma mudança no grupo de roteiristas e diretores. A grande modificação aconteceu no ano seguinte, quando a academia deixa de ser o centro do enredo. Nesse período, os personagens trabalham em uma produtora de vídeos e são mais velhos, com idade acima dos 20 anos.

Em sua primeira reformulação, a academia deixa de ser um universo centralizador, sendo apenas um cenário, e se expande por externas com mais aventuras, por terra, céu e mar e invade pistas de corrida, pega ondas, voa de asa delta. A praia do Mucuí e o restaurante Radical são os pontos de encontro (Alves, 2000, p.90).

A rotina da produtora é profundamente explorada e a gravidez na adolescência foi colocada em discussão. Com a entrada dessa temática o casal protagonista, formado por funcionários da produtora, acabou caindo para o segundo plano, dando mais espaço para aquele que enfrentava a gravidez não-planejada. Esse tema é o mais recorrente da novela ao longo de seus 15 anos, sendo debatido em várias temporadas, com personagens de classes sociais diferentes e a partir de enfoques diversos. Ainda nesta temporada, as mudanças que viriam na fase seguinte. A venda da academia e a fuga do então dono com o dinheiro da transação fez com que o estabelecimento estivesse na eminência de demolição, o que realmente aconteceu. Foram feitas cenas para mostrar esse momento, além de outra que mostrava os técnicos da novela desmontando cenários. O próprio personagem Mocotó explicou aos telespectadores, ao vivo, como seguiria a história, a qual teria ele próprio como condutor. Estava por vir a *Malhação.com*.

A nova temporada apresentava apenas um cenário: o quarto de Mocotó. Nele estava tudo que era necessário para o novo enredo, no qual o personagem produzia via internet a história da academia demolida. Ambientada no ‘muquifo’ – maneira como o próprio personagem tratava seu quarto – a fase trouxe de volta cenas e personagens que já haviam passado pelas quatro temporadas da novela. “Disposto a contar a história dos alunos da academia pela Internet, Mocotó comandava uma espécie de retrospectiva dos melhores momentos de *Malhação*, a partir de um álbum de recordações virtual”.²⁴

²³ Conteúdo disponível no subitem *Malhação* da seção *Seriados*, no site *Memória Globo*.
Endereço: <http://memoriaglobo.globo.com>

²⁴ Conteúdo disponível no subitem *Malhação* da seção *Seriados*, no site *Memória Globo*.
Endereço: <http://memoriaglobo.globo.com>

O programa era apresentado ao vivo e tinha participação do público por meio de telefonemas e do próprio site criado especificamente para a temporada. Um mês após a estreia, outros dois cenários foram incorporados à *Malhação.com*, que discutiu inicialmente o momento em que os jovens deixam a casa dos pais. “Naquele momento de Malhação se deixou de falar no programa simplesmente como um seriado, e a condição de ficção e realidade foi ampliada” (Medronha, 2005).

Em 1999 a novela sofreu sua maior mudança: deixou para trás a academia e passou a ter como cenário principal um colégio de Ensino Médio. Resgatando ainda o personagem Mocotó, que havia obtido sucesso em aplicações financeiras, parte do terreno onde funcionava a ‘Malhação’ foi comprado por ele e revendido ao professor Pasqualete – importante personagem na trama – que fundou uma filial de um famoso colégio carioca, o ‘Múltipla Escolha’. Os ex-alunos da academia passaram então a estudar no colégio, mantendo o fio condutor da trama. Mesmo mantendo a continuidade, ou seja, a entrada da nova temporada resgatava elementos da antiga para que a história não se perdesse, característica da produção seriada, a *Malhação* se aproximou ainda mais do formato novelesco a partir dessa temporada (Souza, 2007).

Em 1999, depois de quatro anos de sua estreia, a atração marcava meros 14 pontos no Ibope. Nessa época, Ricardo Waddington assumiu a direção com a orientação de ser implacável e, se fosse o caso, extinguir o seriado. Por meio de pesquisas de audiência, no entanto, percebeu que o problema do programa eram suas deficiências de foco. Os jovens representavam apenas 19% do público do horário. A partir dessa constatação, a ordem foi reformular o programa de alto a baixo. Além de ser atraente para os jovens, malhação deveria também ser um canal para os pais se informarem sobre o universo de seus filhos.²⁵

Novos núcleos foram incorporados, como as famílias dos adolescentes, dessa vez com mais destaque do que em outras fases, onde os pais faziam parte apenas do contexto. Personagens jovens em idade universitária também passaram a compor o enredo. Os temas deixaram de mostrar apenas a puberdade e a virgindade, passando a retratar também assuntos mais sérios, além da conhecida gravidez na adolescência.

Nessa temporada, *Malhação* retratou, entre outros assuntos, o preconceito racial, através do romance proibido da jovem branca e rica Helô (Fernanda Souza) com um menino negro, filho do inspetor da escola, Sávio (Robson Nunes); e a Aids, abordada quando Érica descobre que é portadora do HIV.²⁶

²⁵ Conteúdo disponível no site, *Teledramaturgia*, na seção de programas com a letra M e N. Endereço: www.teledramaturgia.com.br

²⁶ Conteúdo disponível no subitem Malhação da seção Seriadados, no site Memória Globo. Endereço: <http://memoriaglobo.globo.com>

Nessa fase, além do colégio e seus diversos espaços – quadras, salas de aula, cantina, etc. – a lanchonete ‘Guacamole’ (que posteriormente ganha o nome ‘Gigabyte’), que se localizava ao lado da escola e pertencia ao Mocotó, o clube, as casas dos personagens e uma república também serviam de ponto de encontro dos personagens e eram cenários amplamente utilizados.

Essas novidades são bastante apropriadas para a elaboração de um programa que visa agradar adultos e adolescentes; e possibilita o tratamento de temáticas de maior relevância social (Bezerra de Souza, 2007).

Na temporada seguinte, iniciada em abril de 2000, a história mantinha a mesma essência. Os casais da temporada anterior deixaram a novela, novos personagens entraram na trama – os novatos da escola – e o “amor” ainda circunda toda a história, o que acontece desde o primeiro ano da *Malhação*. Nessa fase, porém, um casal importante era formado por dois professores, que se casaram e reuniram os cinco filhos adolescentes na mesma casa. De lá saíram discussões familiares, disputas amorosas e grande parte dos conflitos da temporada. Dessa família surge um personagem que conseguiu bater o recorde de Mocotó de tempo na novela: o ‘Cabeção’. Filho do professor em questão, o jovem permaneceu na novela por seis temporadas e até hoje é lembrado pelos telespectadores.

A terceira fase da *Malhação* com o colégio ‘Múltipla Escolha’ seguiu o mesmo padrão das duas primeiras. Retratando inicialmente a disputa amorosa de dois irmãos por uma mesma garota, a novela atingiu altos índices de audiência no Ibope, superando a média de novelas das seis e sete horas transmitidas na época. Outro ponto que chamou a atenção foi relativo aos assuntos sociais debatidos no programa. “Campanhas com enfoque social marcaram essa fase do programa. No total, foram 346 inserções sobre temas como Aids, drogas e gravidez na adolescência”.²⁷

No ano seguinte, mais temas importantes fizeram parte da trama. A situação de erro médico foi largamente discutida e culminou na condenação do personagem que havia cometido a falha – pai da personagem feminina principal, a adolescente Júlia – e prejudicado o pai de Pedro, par romântico da protagonista. A capoeira também foi retratada na temporada, mostrando um pouco da filosofia e das raízes culturais do esporte. A rivalidade entre famílias esteve presente nessa fase e na próxima, iniciada em abril de 2003. Na última, os problemas vieram a partir de um acidente de carro, que vitimou um dos dois grandes amigos que haviam se reencontrado após muitos anos. Eles eram os pais de Luiza e Victor, que começaram a

²⁷ Conteúdo disponível no subitem *Malhação* da seção *Seriados*, no site *Memória Globo*
Endereço: <http://memoriaglobo.globo.com>

namorar e acabaram enfrentando muitas dificuldades para ficarem juntos. O pai de Luiza, que se salvou do acidente, teve que enfrentar a ira de Victor diante do envolvimento com sua mãe e na morte do pai. O triângulo amoroso não ficou de fora nessa temporada; além de todos os problemas que o casal vivia, uma prima da protagonista tentou a todo custo acabar com o romance.

A temporada de 2004 foi uma das fases de mais sucesso de *Malhação*. Com altíssimos números no Ibope para o horário, a história trazia a questão de adolescentes problemáticos e inconseqüentes. Dentre estes, o protagonista Gustavo, que acabou sendo condenado a realizar serviços comunitários por ter empurrado um colega, que sofreu uma queda e acabou entrando em coma. Ao longo da história, a personagem Letícia, certinha e preocupada com os outros, foi se envolvendo com Gustavo, que pagava a pena no ‘Amparo Social’, local onde a moça fazia trabalho voluntário.

Uma grande marca dessa fase foi a chamada ‘Vagabanda’, grupo musical formado pelos adolescentes-problema do início da trama. Marjorie Estiano, a atriz que interpretava Natasha, vocalista da banda, acabou seguindo a experiência musical e lançou um CD próprio. Na época, os CD’s referentes à novela e da ‘Vagabanda’ tiveram grande repercussão e as músicas eram as mais ouvidas pelos adolescentes. Uma verdadeira febre tomava conta dos telespectadores, sobretudo as meninas, que fizeram de Guilherme Beringer o ator campeão de cartas em toda a emissora. Neste ano, poucos adolescentes não acompanhavam a história da novela feita para eles.

Na terça-feira, dia 19 de outubro de 2004, a *Malhação* conquistou seu maior índice de audiência. Desde que estreou, em abril de 1995, o máximo que a trama havia alcançado era 39 pontos de média. No capítulo desse dia, a novelinha da tarde alcançou média de 42 pontos.²⁸

Na temporada de 2005, quando a novela completa seu décimo aniversário, o triângulo amoroso e a gravidez indesejada são novamente trazidos a cena. Além desses assuntos, o uso de anabolizantes e a prática dos ‘rachas’ são debatidos na *Malhação*, além da diabetes, que é mostrada a partir do antigo protagonista Gustavo, que ainda se mantém na trama com a namorada Letícia e a amiga Natasha.

Na fase seguinte o contexto da história é o mundo do skate. A temática adoção é levemente tratada, mas o que realmente movimenta a história é o fato de dois inimigos – garotos que amavam a mesma menina, Manuela – serem irmãos. Eles acabam descobrindo o parentesco, segredo ocultado por muito tempo pela mãe de um deles. Antes de saber quem é o

²⁸ Conteúdo disponível no site, *Teledramaturgia*, na seção de programas com a letra M e N.
Endereço: www.teledramaturgia.com.br

pai biológico, Cauã, o protagonista, sonha em conhecê-lo e ganhar o campeonato mundial de skate. Seu irmão por parte de pai, Eduardo, descobre que tem leucemia e apenas a medula de Cauã é compatível. Eles se aproximam durante todo o tratamento da doença.

Em 2007, três amigas estudantes do ‘Múltipla Escolha’ protagonizam a trama. A mais tímida, Cecília, gosta do melhor amigo e tenta se declarar ao longo da trama; a invejosa e ambiciosa Vivian quer se tornar modelo a todo custo e acaba mentindo em um depoimento para a polícia a respeito de um acidente de carro, o que a atormenta até que a verdade seja revelada; já Marcela sonha em ajudar pessoas pobres e acaba se indispondo com o pai por se apaixonar por um bolsista do colégio, o qual é humilde e trabalha ajudante de mecânico.

Malhação reestreeou em 2007 com o Múltipla Escolha tendo aulas noturnas, por conta de um curso profissionalizante implantado pelo diretor Adriano (Daniel Boaventura), e com a volta da academia como um dos cenários do seriado. Os personagens dessa temporada praticam judô e natação e frequentam as áreas de lazer e a piscina com tanta frequência quanto às salas de aula.²⁹

A reabilitação de portadores de necessidades especiais foi um assunto abordado na fase. Francesca, uma jovem que se acidentou e está impedida de andar retrata as dificuldades dessa situação e acaba embarcando em um romance com Eduardo, personagem antagonista da temporada passada. A temporada acabou terminando mais cedo, com uma duração menor que as outras fases de *Malhação* com o colégio ‘Múltipla Escolha’. Em outubro do mesmo ano começa a nova fase, com todas as mudanças de elenco e conflitos. O par romântico principal novamente era composto por uma menina pobre e um rapaz rico, o que causou discussões sobre o preconceito social. Angelina foi desprezada por Gustavo, mesmo após eles terem se conhecido e apaixonado, quando este tomou conhecimento do fato da garota ser bolsista do colégio. Além do preconceito, o casal ainda enfrentou as armações de Débora, patricinha que gostava de Gustavo, e Andréas, amigo do rapaz que para competir com o colega tenta seduzir Angelina a todo custo.

Logo no começo da temporada, um incêndio destruiu o prédio do famoso Colégio Ernesto Ribeiro, que acabou se fundindo com o ‘Múltipla Escolha’. Nessa união, a tradicionalismo do primeiro é unido à modernidade do segundo, o que abre o leque de oportunidade para os alunos.

O novo colégio, Múltipla Escolha Ernesto Ribeiro, é mais comprometido com uma educação clássica – tem aulas de música, teatro e artes plásticas –, dispõe dos mais sofisticados recursos tecnológicos e funciona em regime misto, no qual alunos de turnos normais convivem com albergados no

²⁹ Conteúdo disponível no subitem *Malhação* da seção *Seriados*, no site *Memória Globo*.
Endereço: <http://memoriaglobo.globo.com>

dormitório. Um sistema de bolsas baseado na excelência acadêmica cria as condições para que estudantes pobres, mas inteligentes e sagazes, convivam com jovens muito ricos.

A ideia inicial era trazer clipes musicais com os personagens, típicos do seriado norte americano High School Musical para dentro da *Malhação*. No entanto, o público parece não ter aprovado muito a mudança, baixando ainda mais a audiência. Para tentar alavancar os números, a novela reformulou-se dentro da própria fase, e uma gravidez indesejada de Angelina e Bruno³⁰ passaram a ser o centro dos conflitos. Com o avançar da trama, Bruno acaba sofrendo um acidente e pára de andar, o que gerou mais discussões sobre a temática já retratada em 2007.

Foi a temporada que fugiu de todas as ‘regras’ estabelecidas no roteiro de *Malhação*, desde 2000, quando entrou em cena o colégio Múltipla Escolha. Em 2008, mais de 80% do elenco foi renovado e a trama teve uma estrutura mais acelerada e um formato de novela.³¹

Os próximos dez meses foram conduzidos pela história de dois amigos de infância, Marina e Luciano, que moravam em Canoa Quebrada, no Ceará. Ao longo da trama, ambos vieram para o Rio de Janeiro e o romance foi impedido por Alex, apaixonado pela moça e Veridiana, que fez o possível para que o casal não se acertasse. Além disso, Domingas, personagem da fase anterior que deseja ser jornalista cria um blog e fica internacionalmente famosa.

Em novembro de 2009 estreia a *Malhação ID*, nova temporada da novela. Com a parte musical e o figurino com fortes influências da década de 80, a fase passou a ter outro colégio como centro: o ‘Primeira Opção’. Outro cenário amplamente utilizado foi o ‘Rocket Stone’, local onde os adolescentes podiam patinar, praticar hóquei e basquete, além de conversar com os amigos e lanchar. O casal protagonista é formado por Bernardo, filho de um rico empresário e Cristiana, filha do caseiro de sua mansão. Depois de tantas dificuldades para ficar junto, inclusive o amor da irmã de Cristiana pelo garoto, o casal enfrenta uma desagradável situação: os pais de Bernardo fazem parte de um esquema de corrupção. Além de tratar essa temática, a novela trouxe para debate as drogas, ampliando as discussões sobre temáticas sociais. A temporada durou até 26 de agosto deste ano.

³⁰ O personagem Bruno era representado por Caio Castro, um dos atores vencedores de um concurso promovido pelo programa Caldeirão do Huck.

³¹ Conteúdo disponível no site, *Teledramaturgia*, na seção de programas com a letra M e N.
Endereço: www.teledramaturgia.com.br

Com pouco mais de um mês de duração e a volta de Ricardo Waddington³² para a direção de núcleo, a novela sugere um recomeço com a nova fase. A ideia é mostrar o colégio inserido em uma cidade e debater o preconceito social, principalmente com os alunos bolsistas. Utilizando os *mash-ups* musicais, misturas de ritmos e músicas, o protagonista e DJ Pedro envolve a ‘galera’ com seu som. Seu par romântico é Catarina e eles enfrentam um grande problema para continuar o namoro: o irmão de Pedro é acusado de ter dado uma pedrada no irmão de Catarina, o qual sofreu uma queda e ficou epilético. A gravidez na adolescência também está presente nessa temporada e novos cenários forma incorporados, como o hospital em que a mãe da protagonista trabalha.

Em dezesseis anos de *Malhação*, centenas de atores que passaram por seu elenco ingressaram em outras novelas da Globo. Essa sempre foi uma missão da novela: exportar novos talentos para suprir a demanda da dramaturgia da emissora. Após tantas mudanças de equipe, elencos, cenários e enredos, o que fica como certo é a busca pela audiência, o motivo principal para que cada cena de *Malhação* seja feita em seus mais de 3700 capítulos.

³² Ricardo Waddington ficou responsável pela direção de núcleo da *Malhação* por nove anos, sendo substituído após a temporada que se encerrou em janeiro de 2009.

CAPÍTULO 5 - INFORMALHAÇÃO: O QUE OS MELHORES DO PAÍS PENSAM DISSO?

5.1 Metodologia

Com o objetivo de explorar o que os estudantes do Coluni pensam da novela *Malhação*, vários procedimentos metodológicos se fizeram necessários. Dessa forma, foi delimitado como grupo de análise os alunos da primeira série da referida instituição de ensino, ou seja, moças e rapazes entre 15 e 16 anos. Desse grupo, uma amostra de 10% (16 alunos) foi selecionada de forma aleatória, buscando um equilíbrio numérico em relação ao gênero. Esses estudantes foram submetidos a uma entrevista semi-estruturada, com sete perguntas principais. A escolha por esse tipo de entrevista se deu pela possibilidade do entrevistador interferir no roteiro com novas perguntas, as quais viriam a ser formuladas caso ele sentisse que informações importantes seriam acrescentadas com outros questionamentos relacionados ao assunto.

O roteiro da entrevista é composto de, como já foi mencionado, sete questões: 1) Por que tipo de programa você costuma se informar na televisão aberta? 2) Você acha que um programa de entretenimento pode informar? 3) Você assiste *Malhação*? Com que frequência? Por que você assiste? 4) Você acha que a *Malhação* te informa sobre temas sociais? 5) Apresentar a situação: Gravidez na Adolescência. Na *Malhação* mostra o passo-a-passo enquanto o jornal mostra estatísticas, dados comparativos a nível nacional. Onde você acha que a informação é mais bem trabalhada para o jovem, na *Malhação* ou no Jornal Nacional, por exemplo? 6) O que te atrai na *Malhação* em relação à informação? 7) Por qual programa você prefere se informar, *Malhação* ou um jornal? As entrevistas aconteceram na parte da manhã dos dias 27 de agosto e 10 de setembro deste ano, na sala de reuniões do Colégio de Aplicação – Coluni. Com elas, o objetivo era extrair dos estudantes o que eles acham da telenovela *Malhação*, sobretudo como avaliam a informação dentro da produção dramatúrgica. As entrevistas foram gravadas e decupadas para serem anexadas ao presente trabalho.

Para obter uma análise das respostas dos entrevistados, duas profissionais, uma do campo da psicologia e outra da educação, tiveram acesso ao material oriundo das entrevistas. A primeira profissional trabalha com jovens e adolescentes, o que a torna capacitada para falar sobre a *Malhação* e as reflexões típicas dessa idade; a segunda é orientadora pedagógica do Coluni, estando sempre em contato com os alunos, o que permite que conheça todo o

contexto e o diferencial do ensino ao qual esses estudantes estão expostos. Ambas receberam um ‘Relatório das Entrevistas’³³, contendo estatísticas referentes às entrevistas e uma seleção das respostas consideradas mais significativas na visão da pesquisadora. Além disso, receberam também as entrevistas na íntegra, caso julgassem necessário um aprofundamento nas respostas e o resgate de alguma informação que porventura não estivesse contida no relatório. Após o período de análise dessas profissionais, uma entrevista com cada uma foi realizada. Desta vez a entrevista não apresentou roteiro próprio, mas a conversa foi guiada pela própria ordem das perguntas feitas aos estudantes, na primeira parte da metodologia. O material também foi gravado e decupado para servir como anexo ao trabalho.

Unindo o material exclusivo colhido e as bibliografias pertinentes ao tema, uma discussão foi realizada, objetivando apresentar um pouco da visão dos estudantes da primeira série do Coluni sobre a Malhação e a informação veiculada nela.

5.2 Malhação como fonte de informação: uma realidade para os estudantes do Coluni?

Enquanto alunos da melhor escola pública do país, os adolescentes da primeira série do Coluni são cobrados todos os dias pelo desempenho escolar. Um regime intenso de estudos faz parte da vida deles desde o primeiro mês de aulas, combinado a uma série de transformações físicas e psicológicas típicas da fase em que estão vivendo.

O Coluni é o colégio onde o estudo deve ser levado a sério, uma vez que o anseio de praticamente todos os alunos e familiares é o ingresso em uma universidade, preferencialmente federal. Essas instituições apresentam um nível de concorrência altíssimo para seus cursos de graduação, sendo necessário muito conhecimento para conquistar a tão sonhada vaga na faculdade. Para estar preparado, além do que é apreendido em sala de aula, a televisão é um meio de auxiliar estes estudantes a conhecerem o que acontece na sociedade e no mundo como um todo, aumentando a carga informativa dos futuros universitários.

Quando indagados sobre o programa de televisão aberta que assistem para se informar, todos os estudantes entrevistados deram a resposta prontamente: jornal. Mesmo que outros programas tenham sido citados, os jornais foram os que tiveram mais destaque, sobretudo o Jornal Nacional, o noticiário mais antigo da TV brasileira que ainda está no ar. O programa não é voltado para os adolescentes e também não costuma despertar um grande interesse da juventude em geral, mas os estudantes entrevistados não pensam dessa maneira. Anna

³³ O “Relatório das Entrevistas” pode ser encontrado integralmente no Anexo 4 dessa monografia.

Eutrópio, psicóloga com trabalhos na área da adolescência e juventude, acredita que essa escolha dos alunos aconteça

para poder manter o papel escrito para eles. De jovens inteligentes, jovens interessantes, jovens informados. A pergunta que a gente precisa fazer é se o Jornal Nacional dá conta de preencher o nível de informação que um jovem bem informado, interessante, crítico tem. (Anna Eutrópio – Psicóloga).³⁴

Os estudantes têm contato com o que é veiculado nos noticiários não só em casa, quando assistem TV, mas também em sala de aula. Mesmo reconhecendo que “é uma linguagem formal, mais séria, mais dura e não é o que o jovem tem predileção”, Catarina Greco, orientadora educacional do Coluni entende que a busca por esse tipo de programação é derivada de uma preocupação antecipada com o vestibular. Para o **Entrevistado 4**, a preocupação com a hora do exame já existe, mesmo que a vontade de assistir ao jornal não seja tão grande: “*Você assiste por acaso (o jornal) ou porque você quer assistir? Por acaso, é a hora que eu to lanchando, mas alguma hora eu vou ter que assistir, nem que seja no terceiro ano*”.³⁵

Mesmo sendo um consenso, o fato dos noticiários serem os veiculadores de informação, vários outros programas da televisão brasileira repassam conteúdos de suma importância para a vida das pessoas, sobretudo dos jovens. O próprio *Merchandising Social*³⁶, presente em diferentes programas de entretenimento, apresenta uma forte carga informacional, principalmente em relação a problemas sociais. Ao responderem a pergunta dois da entrevista, 81,25% dos estudantes da amostra concordaram que programas de entretenimento veiculam informações, sendo que oito desses estudantes (50% da amostra) citaram as novelas como exemplo. No entanto, uma atração televisiva que chamou a atenção pelo número de vezes que foi lembrada foi o CQC – Custe o Que Custar, da TV Bandeirantes. O humorístico com traços jornalísticos – principalmente pela figura do repórter, a estrutura das entrevistas e a presença do microfone tal qual nos reportagens dos noticiários – vem chamando a atenção dos adolescentes, principalmente os do COLUNI.

(...) o CQC é uma forma de entretenimento e ele informa muito. Muita coisa de política eu sei por causa do CQC. Como não é tão formal como o jornal, os apresentadores podem mostrar opiniões não tão imparciais, comentários que eles fazem com humor, a gente acaba refletindo muito mais do que aquela abordagem seca do jornal (Entrevistada 13).

³⁴ Entrevista concedida em 27 de setembro de 2010 exclusivamente para a produção do presente trabalho. A transcrição completa pode ser encontrada no Anexo 1 dessa monografia.

³⁵ As entrevistas dos estudantes do Coluni foram concedidas nos dias 27 de agosto e 10 de setembro de 2010. O nome dos adolescentes foi ocultado, buscando manter a privacidade dos mesmos. A transcrição completa pode ser encontrada no Anexo 3 dessa monografia.

³⁶ Ver capítulo 4 do presente trabalho.

Greco atribui entende o sucesso do programa pelo formato que ele apresenta, com uma linguagem mais voltada para o jovem e mais próxima da realidade em que eles vivem.

Dá uma visão crítica em uma linguagem diferente, uma linguagem que agrada o jovem, uma mais leve e rápida - que é a característica deles - então eles evitam aquela coisa mais pesada. Precisa assistir o Jornal Nacional, então o aluno assiste. Assiste porque sabe que tem que se informar, seja por prazer, seja pelo próprio vestibular. Agora se puder escolher, ele opta por uma linguagem mais leve (Catarina Greco – Orientadora Educacional).³⁷

Produzida especialmente para o público jovem, a telenovela *Malhação* é recheada de *Merchandising Social*, levando de forma diferenciada informações aos telespectadores. O nosso objeto de análise é uma das maiores audiências da TV Globo, permanecendo no ar há 15 anos ininterruptamente. Como já era previsto, todos os entrevistados já assistiram a novela e conhecem mesmo que superficialmente o estilo do programa. Destes, 62,5% assistiam à novela em 2009 enquanto 31,25% afirmaram que viam o programa com muita frequência, praticamente todos os dias. Por estarem na primeira série, quando as aulas são à tarde, os alunos não conseguem mais acompanhar *Malhação*, exceto em feriados ou quando são dispensados de alguma aula. De qualquer forma, a audiência dos anos anteriores pode ser resultado de uma identificação por parte dos telespectadores ao enredo e temáticas tratadas na novela.

Eu via porque a gente se identificava com a história, era muito parecida, então a gente precisa de uma forma de entretenimento, pra viver no mundo da ficção, sair um pouco da nossa vida (Entrevistado7).

Os telespectadores acabam por “tentar encontrar ali (na *Malhação*) uma resposta para as ansiedades e angustias da indefinição que faz parte da adolescência”³⁸, respostas essas obtidas a partir dos modelos de identificação criados na novela e dos personagens, que sugerem formas de comportamento para o público. Os temas tratados em *Malhação* estão presentes na vida desses jovens, principalmente o cenário principal, que retrata o ambiente escolar.

Somos movidos pelo que temos como espelho, aquilo que mexe com a gente, porque ao assistir, é como se você acabasse tomando distância da sua própria vida e visse o que está acontecendo, como se aquilo ali estivesse te mostrando. A convivência na sala de aula, esses temas todos que a *Malhação* coloca, das festas, das drogas, da gravidez retrata a vida deles (Catarina Greco – Orientadora Educacional).

³⁷ Entrevista concedida em 28 de setembro de 2010 exclusivamente para a produção do presente trabalho. A transcrição completa pode ser encontrada no Anexo 2 dessa monografia.

³⁸ Palavras de Anna Eutróprio, psicóloga que concedeu entrevista exclusiva para o presente trabalho.

No entanto, o que se pode observar é que os entrevistados não se identificam tanto com a novela como acontecia antes. Várias são os motivos citados pelos estudantes, entre eles o fato da novela trazer os problemas do dia-a-dia de uma forma mais positiva do que o real, fazendo com que a novela se torne mais ficcional do que o esperado pelo público

Eu acho que nessa última temporada eles forçaram muito a barra, colocaram um colégio novo e mudou muito, mas no fim a história ainda era a mesma coisa: duas meninas brigando por um menino ou ao contrário. E sempre tem rico e pobre junto, ah, eu acho que o que eles colocam ali não mostra a vida que nem metade dos jovens leva assim... é meio irreal, meio que ‘tudo é fácil’, mas eu ainda assisto (Entrevistado 16).

A dificuldade de assistir *Malhação* devido ao horário das aulas, atrelada ao fato de muitos estudantes terem dedicado parte do tempo livre no ano anterior para estudar para o exame de seleção contribuem para a perda do costume de acompanhar à novela. No entanto, Greco acha que essa mudança é maior do que uma simples ‘falta de tempo’.

Parece que ao chegar aqui, pode ser a convivência, o tipo de observações que são feitas, mas fica parecendo que esse tipo de programa já era, passou. O jovem já está mais maduro e está sendo despertado pra isso mesmo, ‘olha ano que vem tem vestibular’, então é o jornal que vai o preparar ou um programa humorístico, como eles mesmos citam, o CQC, que tem aquele status mais elitizado, digamos, de mais requinte (Catarina Greco – Orientadora Educacional).

O amadurecimento desses adolescentes contribui para uma mudança de postura e possível redução de identificação com programas como a *Malhação*. Vários entrevistados deixaram claro que assistiam e gostavam da peça dramatúrgica quando eram mais novos, menos críticos. Um deles afirmou que assistia ao programa por “influência da sociedade, todo mundo via” e ainda confirmou seu desprezo dizendo “acho agora irreal, meio infantil (Entrevistado 8).” Esse amadurecimento, muito comum à idade, a qual reflete um momento de transição, pode ser acelerado com o ritmo imposto pelo COLUNI. Os estudantes, que correm contra o tempo para dar conta de todas as atividades acadêmicas, já ingressam na escola entendendo sua missão e sabendo das responsabilidades.

Até um certo momento eles se identificavam muito com o que passava (na *Malhação*), agora é como se ele (o programa) tivesse mudado um pouco de status. Um fato colocado é que antes do Coluni eles tinham um projeto, uma perspectiva de futuro dentro de que curso que queriam fazer, uma faculdade e chegando no colégio, é como se abrissem os horizontes. O contato com outras pessoas também traz mudanças no próprio projeto. Eu acho que isso, claro que inconscientemente, pode ser levado a programas, pra nível cultural mesmo (Catarina Greco – Orientadora Educacional).

Independente da maneira que os estudantes do COLUNI vêem o programa atualmente, eles ainda o consideram como um veiculador de informações sociais. Isso é explicitado pelas

entrevistas dos 12 alunos (75%) que afirmaram categoricamente que a *Malhação* informa sobre temáticas de cunho social. Outros dois estudantes disseram que às vezes a novela presta esse papel e apenas dois acreditam que esse tipo de informação não faz parte do enredo da trama. Anna Eutrópio, que recebe seus jovens para a análise em seu consultório, acrescenta ainda sobre o tratamento dos temas sociais na *Malhação* – “Eu não sei se é tão deturpado, deve ter coisas boas, com certeza tem. Por exemplo, a discussão sobre transtornos alimentares tem sido interessante sim e tem repercutido no meu consultório”³⁹. Essa declaração demonstra que os adolescentes têm a capacidade de absorver essas informações e discuti-las, gerando um processo de aprendizado e conhecimento. A cerca dos temas sociais que exemplificam essa prática na novela, a ‘gravidez na adolescência’, que foi tratada ao longo da história do programa em quase todas as temporadas⁴⁰, foi um dos mais citados, sendo lembrado por 56,25% dos estudantes da amostra.

Essa possibilidade de conversar em alto público não era viável há 30, 40 anos atrás. Era como se a sexualidade fosse um assunto pra ser sempre conversado entre quatro paredes, entre mãe e filha, e olhe lá, entre marido e mulher, entre amigas muito íntimas. E hoje não, hoje é possível uma discussão mais ampla. O fenômeno da gravidez na adolescência está na mídia - e ele vai ser o tempo inteiro uma preocupação social - por ser de fato um fenômeno que vai continuar acontecendo (Anna Eutrópio – Psicóloga).

Greco, por sua vez, acredita que o fato da ‘gravidez na adolescência’ ser um tema muito citado diz respeito a preocupação que os jovens tem com essa questão e a proximidade do tema com a realidade deles.

Na verdade, eles conhecem aquilo que é maior preocupação deles. Não é a toa que está aí a gravidez na adolescência. Logo em seguida, as drogas... Então aquela identificação com o que é mais imediato, o que de repente ele pode sofrerão que se espere que ele vá sentir na pele(...) (Catarina Greco – Orientadora Educacional).

Além dessa temática, drogas, violência, assistência social, lavagem de dinheiro, corrupção e *bullying* também foram lembradas. Contudo, alguns entrevistados do COLUNI acham que a forma como a informação social é passada na *Malhação* é exagerada. Excessos de bondades, de situações onde a tentativa de quebrar preconceito em relação às classes é forçada, ou ainda em momentos em que no fim ‘dá tudo certo’, como já citamos anteriormente.

É, de vez em quando fala de violência, de droga, fala sim...Tudo que todo mundo já sabe. Mas você acha que eles mostram de uma forma meio superficial? É, meio banal, porque é muito pior do que eles mostram ali,

³⁹ Palavras de Anna Eutrópio, psicóloga que concedeu entrevista exclusiva para o presente trabalho.

⁴⁰ Ver capítulo 4 do presente trabalho.

tudo ali tem ajuda, acontece alguma coisinha mais todo mundo sai bem no final (Entrevistado 8).

Não só os exageros fazem com que os alunos do COLUNI não se empolguem tanto mais com a telenovela *Malhação*. Os estudantes começaram a avaliar o programa muitas vezes como irreal, não retratando a vida do jovem como realmente é. Outro aspecto que pode ser percebido nas entrevistas é o fato dos adolescentes acreditarem que a novela não fala de forma universal, ou seja, ela mostra apenas este ou aquele grupo jovem da sociedade.

Eu não critico a *Malhação*, falo que é a pior coisa do mundo, porque eu via mesmo, mas tem coisas que eu não concordo. Também aborda a questão de classe social, a menina pobre com o menino rico e o menino pobre com a menina rica, sempre assim. Mas esse negócio de repetir que tornou uma coisa chata e monótona (Entrevistado 11).

Esse é um ponto que também incomoda a Anna Eutrópio. Apesar de reconhecer que a novela trata assuntos interessantes e importantes de serem discutidos, principalmente pelos jovens, ela acha que o discurso da *Malhação* não alcança a realidade de todas as classes sociais. Além disso, a psicóloga sente falta de questões importantes na vida do jovem que não muito debatidas na novela.

Essa é minha grande crítica a *Malhação*. Ela é feita para adolescentes brancos de classe média. Não aparecem outros jovens. A juventude também é minha militância e eu trabalho com jovens membros de favela, por exemplo. E os interesses dos jovens negros de favela? Eles também assistem *Malhação*, também são subjetivados pela novela. Mas tem outras coisas que não aparecem ali. A luta pelo emprego, a luta pela educação, o desnível da qualidade da educação não é retratada e é claro que não vai ser (Anna Eutrópio – Psicóloga).

Outro ponto que a intriga é a forma como o bem e o mal é trabalhado na novela. Com núcleos bem definidos, *Malhação* separa os personagens bons, que ajudam os outros e não costumam cometer erros daqueles que são maus, vivem em armadilhas para atrapalhar a vida de quem está por perto e tentam conseguir sucesso de forma desleal. Esse tratamento não é bom para o jovem, que não vê na novela que os seres humanos não são apenas vilões e mocinhos.

Essa é a ambivalência humana. A gente é assim, somos contraditórios, ambivalentes, temos uma certeza agora e amanhã você não tem mais. Esses programas que vão tentando esconder essa situação, *Malhação* faz isso. O bom o mau, a turma do bem e a turma do mal. Acho que isso nega a ambivalência e é prejudicial aos jovens (Anna Eutrópio – Psicóloga).

O direcionamento por vezes excludente dado à *Malhação* e percebido por alguns dos entrevistados é uma questão que pode vir a denotar uma maior visão crítica dos estudantes do COLUNI. Mesmo que um ou outro aluno não se atente para essas interpretações da novela, a ação do grupo pode ser fundamental no processo – “(...)nessa idade, grupo é tudo”(Catarina

Greco – Orientadora Educacional)⁴¹. Conforme citado anteriormente, muitos estudantes do COLUNI procurem assistir noticiários buscando a possível manutenção do status de inteligentes e informados, condição cobrada deles pela família, amigos e esperada pela maioria das pessoas da cidade em que moram. Nesse caso, quando alguns estudantes com uma certa influência – aqueles que costumam liderar as turmas de amizade – passam a se desinteressar por alguma coisa, no caso, pela *Malhação*, os amigos podem seguir este ponto de vista, mesmo que seja para não ficar isolado do grupo.

As pessoas precisam participar de grupos, você tem que se agrupar. Principalmente o adolescente. Tem coisa pior do que estar por fora do assunto que está sendo comentado? Se todo mundo comenta *Malhação*, quem não assiste fica por fora. Pode até ser que uma família tenha um outro nível de crítica ou esse aluno não assistiu à novela, mas não é, porque ele fica aparte do grupo. Nem que seja pra fazer parte, ele acaba gostando (Catarina Greco – Orientadora Educacional).

Mesmo entendendo a influência que o grupo tem nas escolhas dos adolescentes, Greco acredita que o amadurecimento dos alunos do COLUNI - seja pelo fato de serem cobrados desde cedo ou por alguns morarem sem os pais - é o responsável pela mudança dos gostos dos estudantes. A partir do momento em que eles estão expostos a novidades, muitas delas proporcionadas pelo próprio colégio, as antigas preferências podem sofrer transformações.

Então na verdade, mesmo que não haja uma consciência, as novas vivências, as novas situações fazem com que eles vão passando por esse amadurecimento também, até mesmo na escolha de programas, as leituras, os tipos de filme. Essa mudança acontece a partir do momento que eles vão descobrindo essas novas coisas (Catarina Greco – Orientadora Educacional).

Para ela, os alunos do COLUNI têm um grande nível crítico, que faz com que eles consigam avaliar a mídia de uma forma menos passiva, questionando o que assistem. Uma das respostas da entrevista chamou a atenção da orientadora educacional, que refletiu sobre a colocação do

Entrevistado 13.

Eu acho (*Malhação*) que informa bem, você tem que pensar e não ficar olhando tipo “ah, *Fiuk* é lindo”. Mas eles tratam drogas, gravidez, relação de pais com filhos, que se a pessoa malandrar pode tomar bomba. Eu acho que passa muita mensagem, só que normalmente o público não presta muita atenção (Entrevistada 13).

Ou seja, o grande público assiste e não capta o que está sendo dito e para eles isso já começa a ser formado. Então o tempo inteiro eu tenho sentido nas respostas “a gente assiste, mas...”. Sempre tem algo a mais, sempre tem um olhar a mais. Não fica pura e simplesmente no entretenimento (Catarina Greco – Orientadora Educacional).

⁴¹ Palavras de Catarina Greco, educadora e orientadora educacional do Coluni que concedeu entrevista exclusiva para o presente trabalho.

Apesar da identificação de alguns pontos da *Malhação* considerados falhos pelos estudantes do COLUNI, a novela é vista como um bom veículo de informação – mesmo que trazendo-a diluída ao longo dos capítulos – já que 68,75% dos entrevistados consideraram que a produção dramática em questão trabalha melhor a temática ‘gravidez na adolescência’ do que um noticiário, no caso o Jornal Nacional. Três estudantes (18,75%) acreditam que não há uma melhor maneira de tratar uma informação, enquanto outros dois preferem a forma que o Jornal Nacional trata a temática ‘gravidez na adolescência’, por exemplo.

No jornal é uma coisa mais real, uma coisa que mostra realmente como que é... Na *Malhação* mostra as etapas, a menina sofrendo, vendo como que é, passando por discriminação. Eu acho que pro jovem, é melhor assistir *Malhação* tratando sobre esse assunto do que o Jornal. Apesar de ter um pouco de exagero, eu acho que na *Malhação* o tema é abordado de um jeito mais próximo do espectador (Entrevistado 3).

Eu acho que não tem um melhor, porque os dois são complementares, porque enquanto o JN mostra as estatísticas para informar o jovem, conscientizar, mostrar exemplos, a *Malhação* mostra uma coisa mais diária pro jovem ir acompanhando, é mais prática. Eu acho que o Jornal Nacional é mais teórico, mais estatístico enquanto a *Malhação* é mais prática (Entrevistado 10).

Ah, jovens em geral não têm paciência pra jornal. Como eles põem na novela coisa que jovem na maioria vê, acaba que eles vêem como que tipo assim “se eu ficar grávida, minha vida vai dar uma reviravolta”. Então eu acho que pro público jovem a *Malhação* trata melhor. *Pra você não? Pra mim não* (Entrevistado 13).

Eutrópio também considera que não é interessante escolher uma única maneira para se informar, a mais adequada na visão de cada um, apesar de afirmar que os jornais tem uma linguagem muito pouco atrativa para o jovem. Para ela, a *Malhação* e os jornais são complementares, principalmente para os estudantes do colégio.

Malhação é uma novela e tem enredo, tem personagem. O jornal é fato. A *Malhação* pega o fato que tá no jornal e transforma em história. Isso aproxima e traz outro tipo de registro. É outro tipo de narrativa, outro tipo de lógica. Faz sentido eles quererem as duas coisas (Anna Eutrópio – Psicóloga).

Mesmo com a ideia que as pessoas de fora fazem dos estudantes do COLUNI, de que são mais críticos e amadurecidos, este é um pensamento de muitos dos próprios alunos. Ao passar por um difícil teste para o ingresso no colégio, enfrentar um sistema de ensino exigente, aprender a viver longe dos pais, resolvendo seus próprios problemas de forma mais independente, o adolescente se sente mais adulto, com um olhar mais crítico, menos inocente frente ao que vêem.

O fato de estar aqui, deles terem passado por uma seleção já é diferente. Os sofrimentos que eles passam com as notas, aquela ideia que a gente trabalha em cima deles ‘olha, você não é burro, sua exigência que tá maior’, ‘as suas notas caem mas você tem um nível intelectual’. Então isso dá uma consciência de que ‘Eu tô passando aperto, mas eu to em outro nível intelectual’ (Catarina Greco – Orientadora Educacional).

Ao serem questionados diretamente sobre o que os atrai em relação a informação na *Malhação*, os entrevistados citaram principalmente os assuntos abordados, a história, que retrata o universo jovem, mesmo que não seja da forma que eles gostariam que fosse.

Eu gostava porque quando eu assistia, na época de 13, 14 anos, porque eu ainda não tinha a idade das pessoas da *Malhação*, então é uma forma de saber como que vai acontecer depois. Porque a gente fica meio perdido, então a gente pensa ‘Será que vai ser assim mesmo quando a gente tiver a idade deles, será que eu vou ficar assim, será que eu vou fazer isso e aquilo?’ (Entrevistado 2).

Mas o que chamou a atenção nessa resposta foi o número de alunos que não se sentem atraídos na *Malhação* quando se diz respeito à informação. Seis estudantes (37,5%) responderam ‘nada’, mesmo reconhecendo na quarta questão que a novela veicula informações de cunho social. Ao chegar a este resultado, é interessante refletir até que ponto as novelas são bem vistas, são encaradas como produções educativas, ou se são enxergadas como produtos inferiores.

Porque a gente sabe que a própria novela tem preconceitos, né?! Existe muito preconceito de alguns jovens que dizem “Não assisto novela”, como se novela fosse uma coisa pra quem não tem nada pra fazer, pra quem tem a mente fechada. O jornal não, jornal é pra elite, jornal é culto, sendo que as novelas acabam tendo um alcance muito maior (Catarina Greco – Orientadora Educacional).

Mesmo com as várias opiniões e o fato de 87,5% dos entrevistados preferirem se informar por um jornal - como o Jornal Nacional, tão citado por eles próprios, a *Malhação* ainda se faz presente na vida desses adolescentes, seja de forma casual, por ligarem a TV e estar passando o programa, ou intencional, quando o jovem realmente quer assistir a novela. O que não pode ser perdido de vista é a importância de se discutir a mídia com esse público, principalmente aquela produzida direcionada a ele.

Esses meninos não vão ter essa reflexão sobre a mídia brotando porque eles acordaram de manhã e “ah, hoje eu pensei”. Eles vão pensar isso quando você faz essa entrevista e você já põe eles pra pensar pelas perguntas que faz. Eles assistem, um colega vai e fala alguma coisa, uma professora dá um pitaco, aí eles começam a pensar. Quer dizer, é preciso fortalecer o espaço de reflexão sobre a mídia junto à juventude. Essa reflexão crítica, essa visão crítica sobre o modo como os temas que são abordados para ela (Anna Eutrópio – Psicóloga).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da pesquisa de campo e da bibliografia utilizada como referencial teórico para este trabalho é possível fazer algumas considerações finais. Diante das respostas obtidas nas entrevistas realizadas, observamos então que o jovem com alta escolaridade se mostra cada vez mais interessado em receber informações, buscando sempre estar a par do que acontece no mundo seja no campo social, político ou científico. Esse fato pode derivar da maior facilidade que eles têm de obter a informação, já que a internet possibilita essa transmissão de conteúdo de maneira rápida e acessível.

Contudo, mesmo com o sucesso dessa nova tecnologia, os jovens ainda têm na televisão um dos principais veículos de transmissão de informação. Muitos deles utilizam ambos, acrescentando detalhes ao que assistiram pela TV por meio da internet e vice-versa. Dessa forma, os adolescentes de escolas de excelência procuram obter o maior conhecimento possível sobre um determinado assunto que esteja em pauta no momento, o que demonstra uma preocupação com a sua própria carga intelectual. Apesar disso, o que realmente motiva a maioria desses alunos na procura pela informação é o próprio estudo. Ao contrário do que era comum para os jovens de antes – terminar o Ensino Médio e buscar muito mais um emprego do que continuar a vida acadêmica – os de hoje tem um objetivo principal e quase consensual: entrar em uma universidade. Quando falamos dos estudantes de colégios de ponta, ingressar em um curso universitário é mais do que um anseio, se constitui em uma obrigação. Cientes das dificuldades de alcançar a vaga em uma faculdade, de preferência federal, estarem o mais informados possível, ou seja, a par das atualidades tão cobradas nos exames de seleção, é melhor estratégia a ser adotada.

De qualquer forma, para esses estudantes, os noticiários são os melhores programas televisivos para se obter informações precisas e de qualidade. A linguagem jornalística, naturalmente objetiva e veloz, auxilia nesse processo de aquisição de conhecimento. Muitos desses jovens não gostam tanto dos telejornais ou assistem por prazer, mas reconhecem a importância que esse tipo de programa tem para a formação crítica deles próprios.

Quanto à informação encontrada em outras peças da televisão brasileira, os programas de entretenimento também são considerados informativos. No entanto, o reconhecimento deles como tal não substitui, na visão dos adolescentes, o que podem apreender em um noticiário. As novelas são exemplos que divertem e ao mesmo tempo passam conhecimento por meio das discussões sociais que se dão dentro dos enredos. No caso da telenovela

Malhação, voltada para o público jovem, isso também acontece. Ao longo da história dos personagens, várias temáticas são debatidas e o jovem consegue perceber esse fato. Mesmo com uma gama de atividades escolares para cumprir, os adolescentes das escolas de ponta ainda assistem à novela, mas não a absorvem de forma passiva. Ou seja, os estudantes avaliam a forma como os conteúdos são tratados e a maneira como a trama se desenrola, deixando claro que são críticos em relação ao que assistem. Essa criticidade unida ao amadurecimento pode ser uma das causas que os levam a achar a *Malhação* um programa irreal e que não representa a juventude de forma geral. Na visão deles, a novela traz uma versão ‘cor-de-rosa’ da vida, onde no fim ‘tudo dá certo’.

Mesmo acreditando que o programa se restringe a retratar um ou outro grupo, os adolescentes com alto nível crítico enxergam as vantagens da *Malhação*. Para eles, o programa é uma oportunidade de informar com mais detalhes e contexto temáticas que fazem parte da vida de quem pertence a essa faixa etária. No entanto, não abrem mão da informação jornalística, pois acreditam que na novela o conteúdo é passado de forma mais diluída, o que é bom para a juventude em geral, mas ruim para aqueles que buscam uma carga pesada de informação. É como se eles não fizessem parte do todo, sendo um grupo separado que precisa de muito mais conhecimento do que o que a novela pode oferecer.

Classificados muitas vezes como estudantes modelo e aplicados, os alunos dos colégios com excelência em ensino muitas vezes assumem o papel de intelectuais por pressão da própria sociedade. Como é esperado deles um nível crítico superior, assistir a programas como *Malhação*, que já sofre um preconceito inicial por ser novela, não é o comportamento esperado. Isso pode fazer com que alguns adolescentes considerem vergonhoso admitir que gostam e ainda acompanham *Malhação*. Uma vez que a maioria dos colegas não o faz - ou não contam, o jovem pode não explicitar ou ainda negar o gosto pelo programa para não ser mal interpretado pelo grupo do qual faz parte.

No caso do Coluni, que cobra um ritmo intenso de estudos desde o primeiro mês, os alunos que ingressam acabam modificando algumas atividades diárias que costumavam realizar para se dedicarem mais ao colégio. O tempo desses estudantes passa a ser usado de forma a aproveitá-lo ao máximo para a conquista do tão almejado vestibular. Todo o esforço e trabalho para obter um bom desempenho escolar faz com que esses adolescentes se sintam diferenciados, devendo honrar ao título de ‘aluno do Coluni’ sendo jovens inteligentes e interessantes. Exercendo esse papel, a *Malhação* não é um programa apropriado aos olhos de muitos dos próprios alunos, que o consideram infantil e deturpado. Durante o trabalho de

campo, foi possível perceber que alguns estudantes escondiam o fato de gostarem de assistir *Malhação*, apesar de não abordarem essa questão explicitamente durante as entrevistas.

Apesar de não ser possível afirmar que os estudantes da primeira série do Coluni são mais críticos ou maduros do que outros, compreendemos que os alunos em questão têm um elevado nível de crítico, são responsáveis com a vida escolar e apresentam posições maduras frente ao que os circundam. Essas características são fortalecidas e direcionadas pela escola, que tem papel fundamental na composição desses futuros universitários.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Maria Inez Masaro. **O adolescente e a TV: o Caso da Telenovela Malhação**. 2000. 212f. Tese (Doutorado em Sociologia)-Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000. Disponível em: <<http://www.bdae.org.br/dspace/bitstream/123456789/2235/1/tese.pdf>>. Acesso em 22 ago. 2010.

ANDRADE, Roberta Manuela Barros de. Quando a novela fala ao coração: a experiência amorosa e a teledramaturgia para adolescentes no Brasil. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 27, 2004, Porto Alegre. **Anais eletrônicos do XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Porto Alegre, PUCRS, 2004. Disponível em: <<http://galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/bitstream/1904/18108/1/R0432-1.pdf>>. Acesso em 18 ago. 2010.

_____. Entre o dito e o proibido: a sexualidade e o adolescente na *soap-opera* brasileira. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 28, 2005, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos do XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Rio de Janeiro: Uerj, 2005. Disponível em: <<http://galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/bitstream/1904/18133/1/R0351-1.pdf>>. Acesso em 19 ago. 2010.

BARBALHO, Duarte de Magalhães. **O Colégio de Aplicação-CAP/COLUNI da Universidade Federal de Viçosa: Histórias de Sucesso (Memórias e Identidade)**. 2008. 166f. Dissertação (Mestrado em Educação)-Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2008.

BEZERRA DE SOUZA, Ana Carmita. **O currículo cultural da série Malhação: desvelando aspectos pedagógicos endereçados à juventude**. 2007. 169f. Dissertação (Mestrado em Educação)-Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007. Disponível em: <http://www.teses.ufc.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=839>. Acesso em 20 ago. 2010.

BOLAÑO, César Ricardo Siqueira; BRITTOS, Valério Cruz (orgs.). **Rede Globo: 40 anos de poder e hegemonia**. São Paulo: Paulus, 2005. 376 p.

CLEMENTE, Andea Sant'Anna. Merchandising Social: a caixa de Pandora da telenovela brasileira. **Comunicação & Inovação**, São Caetano do Sul, v. 11, n. 20, p. 58-67, jan/jun. 2010. Disponível em: <http://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/950>. Acesso em 23 ago. 2010.

COSTA, et al. Merchandising Social na Novela Páginas da Vida. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 32, 2009, Curitiba. **Anais eletrônicos do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Curitiba: UFPR, 2009. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-2194-1.pdf>>. Acesso em 17 ago. 2010.

COUTINHO, Lídia Miranda. A Telenovela Malhação e seus Modos de Endereçamento. In: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, 9, 2008, Florianópolis. **Anais eletrônicos do IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul**. Florianópolis:

UDESC, 2008. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2008/resumos/R10-0388-1.pdf>>. Acesso em 13 ago. 2010.

KOTLER, Philip. **Marketing Manegement**. Upper Saddle River: Prentice Hall, 2000. p. 28-32.

MAHFOUD, Juliana Bogdanovicz. **Telejornalismo, Televisão e Telenovela** – Análise da Malhação como fonte de informação para adolescentes. 2003. 93f. Monografia (Graduação em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo)- Centro Universitário Positivo, Curitiba, 2003. Disponível em: <<http://globoeuniversidade.globo.com/GUniversidade/upload/monografia.PDF>>. Acesso em 23 ago. 2010.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Televisão**. São Paulo: Scipione, 1994. 88 p.

MEDRONHA, Jacira Souza. Programa Malhação: em busca de um formato. In: Colóquio Internacional de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, 10, 2005, Chapecó. **Anais eletrônicos do X Colóquio Internacional de Comunicação para o Desenvolvimento Regional**. Chapecó, UNOCHAPECÓ, 2005. Disponível em: <http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/d/d5/GT3-_14-_Programa_malhacao-_Jacira.pdf>. Acesso em 27 ago. 2010.

MELO, José Marques de. **As Telenovelas da Globo**: produção e exportação. São Paulo: Summus, 1988. 71 p.

MENEGAZ, Camila Vital. **Dez anos de Malhação**: e como fica a adolescência?, 2006. 180f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional)-Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006. Disponível em: < <http://hdl.handle.net/10183/8017>>. Acesso em 29 ago. 2010.

ROCHA, Silvia P. V. O homem sem qualidades: modernidade, consumo e identidade cultural. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v.2, n.3, p.111-122, mar. 2005.

SCHIAVO, Marcio Ruiz. As Telenovelas e a Construção da Cidadania. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 25, 2002, Salvador. **Anais eletrônicos do XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Salvador: UFBA, 2002. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2002/Congresso2002_Anais/2002_NP14SCHIAVO.pdf>. Acesso em 23 ago. 2010.

SCHIAVO, Marcio Ruiz. Dez Anos de Merchandising Social. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 29, 2006, Brasília. **Anais eletrônicos do XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Brasília: UnB, 2002. Disponível em: < <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R1820-1.pdf>>. Acesso em 23 ago. 2010.

SOUZA, José Carlos Aronchi de. **Gêneros e Formatos na televisão Brasileira**. São Paulo: Summus, 2004. 198 p.

ANEXO 1

Entrevista com Anna Eutrópio – Psicóloga

Qual o tipo de programas que eles costumam se informar? Normalmente, no cenário jovem, a gente não costuma ver uma preferência por jornal, mas no Coluni é possível enxergar isso, e logo no primeiro ano. Você tem uma explicação pra isso?

Não. O que eu observo com os meninos que eu trabalho, eu trabalho com jovens, é um interesse por outras coisas, eu não sei se os temas que o jornal traz são, de fato, do universo jovem. Se você observar, o Fantástico traz muito mais do que o Jornal Nacional. Acho que tem a ver com formato, com a linguagem, com o ritmo mesmo do programa, não acho que é atraente para o universo jovem. Porque isso, na subjetividade do jovem, eu não sei se tenho condição de te responder. Eu acho que tem mais a ver com o universo sociocultural da juventude de hoje.

Porque assim, o que eu enxerguei com algumas respostas é que eles entram no Coluni com uma obrigação de serem bons, de serem intelectuais. Então, talvez essa escolha pelo jornal não seja uma coisa prazerosa, mas algo que eles se sentem forçados a fazer pra poder se sentir um pouco da elite.

Para poder manter o papel escrito para eles. De jovens inteligentes, jovens interessantes, jovens informados. A pergunta que a gente precisa fazer é se o Jornal Nacional dá conta de preencher o nível de informação que um jovem bem informado, interessante, crítico tem. Eu acho que ele é massificado demais. Então, eu acho que esses meninos devem estar bombando na internet, em outros lugares para buscar essas informações, que acredito que o jornal, do jeitinho que ele é colocado vai suprir.

Porque 75% citaram que assistem ao Jornal Nacional e todos que eu entrevistei falaram que acompanham jornais. Então assim, é uma preferência... E é uma coisa assim, a gente que faz jornalismo e sabe que tem informação em vários lugares, eles não conseguem entender isso na prática. Mesmo eles dizendo que sabe

O jornal é que é a verdade. Eu não sei, a gente teria que comparar outras classes pra afirmar que isso tem a ver com o papel prescrito do jovem do Coluni.

Mas a princípio não há uma explicação pra isso.

Não no nível psicológico, acho que essa explicação você vai poder encontrar no nível sociológico. O que tem na sociedade hoje que constrói a mídia como um grande lugar, o jornal, principalmente Jornal Nacional como grande lugar da informação correta. Isso é coisa da sociedade brasileira como um todo, não acho que está restrito à juventude. Mesmo que a juventude não assista, ela está socializada e subjetivada nesse contexto que diz que o Jornal Nacional é o lugar da informação verdadeira, é óbvio que os meninos que quiserem ter informação verdadeira pra serem bem informados vão assistir o jornal.

É passado de pai para filho?

É. Não só nas famílias, nas várias instituições. Na escola, na igreja, no próprio discurso social isso está colocado o tempo inteiro. São muitos anos de Jornal Nacional para escapar

Teve um dos alunos que preferia o Bom Dia Brasil porque tinha crítica e algumas crônicas. Talvez esses formatos mais modernos atraiam exatamente por não serem massificados?

É. Que Jornal Nacional, acho que sim. Mas eu acho que o Bom Dia Brasil ainda é muito adulto pra atrair o universo jovem. Desses daí, eu vi que vários citaram o CQC. E no meu consultório eu escuto muito Pânico, os jovens que eu atendo são mais novos que os meninos do Coluni. Mas eles falam muito do Pânico, muito do CQC. É impressionante. Então você vê que são programas que atraem. A Malhação, já pulando um pouco, aparece demais. Eu trabalhava em escola, nessa escola que eu estudei e que também é um colégio pra passar no vestibular na federal. Acho que tem essa categoria, né?! Escola pra passar no vestibular da federal. E eu estudei lá a vida inteira depois fui trabalhar também. Eu entendo isso que você sente com o Coluni totalmente. E os meninos, qualquer assunto que você colocava pra discutir - eu trabalhava com oficina de cidadania e convivência, então era sexualidade, drogas, afetividade, mídia e vários assuntos contemporâneos, eles traziam uma cena de Malhação ou alguém da Malhação falou isso ou aquilo. E principalmente no ensino fundamental, de quinta a oitava, quinta e sexta série ainda mais. Quando você chega no Ensino Médio, eles já acham Malhação bobo, uma coisa pros pequenos. Se você olhar os adolescentes de 11, 12 anos, é Malhação direto, embora os personagens sejam de 14, 15, 16, quem gosta da novela são os menores. Teve um entrevistado que falou - “ah, Malhação mostra como vai ser no futuro”. Acho que seja por isso a aproximação dos mais novos, dos pré-adolescentes, com a Malhação. Eles tentam encontrar ali uma resposta para as ansiedades e angustias da indefinição que faz parte da adolescência. “Quem eu sou? O que eu vou ser?” E Malhação vai trazendo possíveis modelos de identificação. O que eu acho que a gente pode discutir muito, porque são possíveis modelos de identificação atravessado por uma lógica de classe, por uma redução dos interesse dos jovens em relação os relacionamentos afetivos. É como se tudo que interessasse aos jovens fosse quem vai ficar com quem, quem vai cifrar quem, quem vai roubar o namorado de quem. É essa redução dos jovens aos relacionamentos afetivos que me preocupa, porque eu não acho real. Acho que o jovem tá preocupado com o emprego, com a família, com o que eles vão ser, que tipo de profissão, que tipo de inserção. Eles estão muito preocupados com as questões sociais. Você não consegue mobilizar a juventude para uma luta... é muito comum, muito decorrente um discurso de uma certa despolitização da juventude, que juventude antigamente era muito política, era contra a ditadura, e eu não concordo com esse discurso. Acho que a juventude está muito engajada sim em lutas, mas são lutas temáticas. Você vai encontrar jovens lutando contra o racismo, muitos jovens lutando pela ecologia, contra a homofobia. Não há mais um inimigo comum como a ditadura, que levava os estudantes a essa luta, e a ausência desse inimigo comum não significa uma despolitização. Os jovens estão militando, mas por questões menores. Às vezes, pela melhoria da qualidade da educação, em projetos na escola, grêmios. Agora, Malhação eu não sei se retrata isso, e acaba resumindo o universo juvenil aos relacionamentos afetivos. Um dos seus entrevistados falou, é sempre duas meninas competindo pele cara, uma faz intriga com a outra e quem vencer leva o garoto, o bem vence o mal. É muito maniqueísta, é sempre os bonzinhos e os mauzinhos e isso não diz respeito a realidade humana. Nos humanos somos bons e maus, não somos só bons ou só maus, nós temos essa contradição, essa ambivalência na nossa subjetividade o tempo inteiro. Eu acho que fica como se tivesse colocando um modelo de identificação único, ou você é o bom, ou você é o mau, e isso tenta tirar uma angustia de todos nós quando percebemos o nosso lado mau, mas na verdade empobrece porque o ideal é você entender que existe os dois lados. A novela das oito atual está mostrando mais isso. Outro dia eu estava assistindo e aquela atriz, a Mariana Ximenes, que era mauzona e agora tá menos mauzona. Eu acho interessante mostrar esse processo das pessoas. Essa é a ambivalência humana. A gente é assim, somos contraditórios, ambivalentes, temos uma

certeza agora e amanhã você não tem mais. Esses programas que vão tentando esconder essa situação, Malhação faz isso. O bom o mau, a turma do bem e a turma do mal. Acho que isso nega a ambivalência e é prejudicial aos jovens.

E os jovens já estão percebendo isso, pelo menos no Coluni.

Pelo menos os de ensino médio. Acho que nesse caso está entrando a lei da idade. Se analisar meninos de quinta e sexta série, eles não vão ter sacado essa questão. Talvez jovens mais críticos vão ter visualizado, mas os mais novinhos não percebem.

Uma coisa que acontece, pelo menos no Coluni, é isso, o amadurecimento da idade mesmo. Eles passam da oitava para o primeiro ano, pode não parecer nada, mas é muito para eles. No entanto, no momento em que eles passam por essa fase é o mesmo momento que, no Coluni, eles têm aula à tarde, então eles são impedidos de assistir com muita regularidade a Malhação. Quase todos citam “ah eu assistia muito malhação, quando eu era mais novo achava mais legal” exatamente o que você falou, né? Com uns 12 anos, a idade que eles gostam mais. E por que você acha que eles estão descobrindo isso? Talvez antes, nos primeiros anos de Malhação o pessoal da mesma idade ainda não tinha se atentado para esse tipo de coisa, para a forma como era reducionista essa questão do tratamento dos jovens, dos problemas que eles têm com a adolescência .

Eu não sei se os jovens percebem isso. Esses jovens que você entrevistou eles falaram assim “Olha, é muito chato, é sempre o mesmo”. Eu não acho que eles percebem que há uma ocultação de outros interesses juvenis, acho que ficam com preguiça daquela “lenga lenga” de “ah, Fulava chifrou, ah fez fofoca”. Porque a vida deles está ficando mais interessante que isso, eles estão estudando, estão vendo outras possibilidades. Aquilo que por um tempo foi interessante fica desinteressante porque fica reducionista. Mas eu não acho que eles compreendem que existe outros interesses da juventude que não estão retratados, porque a gente tem que pensar também que o jovem vai se parecer, é perverso mais é assim que funciona, com o papel prescrito, com o que se espera. Ter processos de reflexão, de reflexão sobre a mídia, de reflexão sobre o sistema econômico, sobre o sistema político é algo que vai permitir que esses jovens admitam, mas isso não brota de uma hora pra outra. No caso do Coluni, o que eu percebi nas entrevistas é mais ou menos assim - “Olha, eu tenho mais o que fazer. Minha vida hoje é ocupada, eu tenho uma meta, estou estudando em um colégio que é difícil de passar, mas eu vou conseguir”, “Eu quero passar numa federal”. É assim, o foco é o vestibular - “E minha vida está mais interessante não tenho paciência pra esse ramirami, nhenhenhein da Malhação”.

Na hora em que perguntei se eles acreditavam que um programa de entretenimento passava informação, todos falaram que sim. Alguns falaram que depende do programa, e na hora que eu pedi o exemplo, ficou aquele silêncio.

O processo de entrevista é um processo relacional, possivelmente eles estavam te dando de presente o que você queria ouvir. Eu acho que a chance, a gente chama de endereçamento do discurso, da resposta da entrevista ser endereçado por você, pela comunicação não verbal, pelo tom, talvez pelo jeito que você tenha perguntado, você tenha dado a entender que queria um “claro que os outros programas informam”. Eu acho que não é uma coisa deles, que dá pra analisar como uma coisa unicamente intrapsíquica. A gente precisa analisar o aspecto relacional da entrevista. A entrevista de pesquisa é uma relação, e é uma relação que tem atravessamento, ela não é neutra. Então é bem possível que eles tenham percebido o seu desejo enquanto pesquisadora e responderam de presente “Toma. É isso que você quer ouvir, toma”.

Quando pedi os exemplos, quase nenhum dos entrevistados falou de cara. As novelas foram muito citadas. Mas mesmo assim, ao comparar a importância de uma novela e seu caráter informacional e a importância do CQC e o caráter informacional desse programa específico, eles sempre acham que o CQC é mais informativo. Eu comecei a refletir e acredito que seja um pouco pelo formato. Porque o CQC é bem próximo daquela linha jornalística, tem o repórter com o microfone, entrevistas, reportagens.

E os temas, né?! Porque na novela a informação ela tá ali, mas não no formato jornalístico. Quer dizer, está mais diluída. O CQC concentra, o jornal concentra e a linguagem, o microfone ajudam, claro. Eu concordo com você.

Ao falar dos temas sociais tratados na Malhação, vários exemplos foram lembrados. Com a entrada do Merchandising Social, a informação esteve mais presente na novela, mas o foco da história ainda é o romance, fica reduzido a isso o eixo central.

É como se a vida dos jovens se reduzissem a isso também. Essa é minha grande crítica a Malhação. Ela é feita para adolescentes brancos de classe média. Não aparecem outros jovens. A juventude também é minha militância e eu trabalho com jovens membros de favela, por exemplo. E os interesses dos jovens negros de favela? Eles também assistem Malhação, também são subjetivados pela novela. Mas tem outras coisas que não aparecem ali. A luta pelo emprego, a luta pela educação, o desnível da qualidade da educação não é retratada e é claro que não vai ser. Nós estamos falando da Globo. E um jovem negro, morador de favela, que assistir Malhação vai achar que a vida é aquilo mesmo.

A questão é que os estudantes não se sentem retratados na novela, não se enxergam nela. Por que você acha que o jovem hoje em dia, não só do Coluni, mas em geral, está se interessando mais por temas sociais, sexualidade, tá querendo se informar mais sobre esses assuntos que antes não eram tão debatidos por eles?

A sexualidade vem passando por grandes mudanças e isso não é um fato recente, os jovens já carregaram um outro contexto histórico. Desde a década de 70, com a pílula, o movimento das mulheres e hoje mais recente o movimento LGBT, as discussões mudaram muito. Essa possibilidade de conversar em alto público não era viável há 30, 40 anos atrás. Era como se a sexualidade fosse um assunto pra ser sempre conversado entre quatro paredes, entre mãe e filha, e olhe lá, entre marido e mulher, entre amigas muito íntimas. E hoje não, hoje é possível uma discussão mais ampla. O fenômeno da gravidez na adolescência está na mídia - e ele vai ser o tempo inteiro uma preocupação social - por ser de fato um fenômeno que vai continuar acontecendo. Eu não tenho dados pra te indicar do aumento, da incidência atualmente da gravidez na adolescência. Só sei que gera preocupação na sociedade. É um fenômeno que acontece em todas as classes.

Você acha importante, como psicóloga, a Malhação tratar esse tipo de assunto? Mesmo sendo deturpado?

Acho importante. Eu não sei se é tão deturpado, deve ter coisas boas, com certeza têm. Por exemplo, a discussão sobre transtornos alimentares tem sido interessante sim porque tem repercutido no meu consultório. Eu não sei se sempre foi assim, mas na minha experiência clínica não chegava tanto no consultório antes. Que bom que está na Malhação, que bom que muitas pessoas estão vendo. Mas é paradoxal, porque na Malhação tem a discussão sobre transtornos alimentares ao mesmo tempo que todos lá são magrelos, dentro do padrão estético, bonito.

E eu acho que o que rola é uma forçada de barra quando eles querem falar dessas minorias. Na última temporada tinha uma gordinha, ela era feia. Então não existe gordinho bonito?

É. Ai vai pro estereótipo que é esquisito.

Nessa temporada um rapaz bonito e rico está namorando com uma menina mais humilde, o que sempre acontece, ela é negra.

É como se a luta de classes estivesse reduzida a relação afetiva. Quer dizer, nós não estamos falando só disso. Isso que me irrita. Nós estamos falando de desigualdade de oportunidades. Desigualdade de oportunidades de educação, de acesso a saúde, de sonho. Aí a Malhação vai e fala “como ele é bonzinho, ele fica com ela”, percebe?

Será então que os estudantes, agora do Coluni em específico, conseguem aprender com esses temas?

Esses meninos não vão ter essa reflexão sobre a mídia brotando porque eles acordaram de manhã e “ah, hoje eu pensei”. Eles vão pensar isso quando você faz essa entrevista e você já põe eles pra pensar pelas perguntas que faz. Eles assistem, um colega vai e fala alguma coisa, uma professora dá um pitaco, aí eles começam a pensar. Quer dizer, é preciso fortalecer o espaço de reflexão sobre a mídia junto à juventude. Essa reflexão crítica, essa visão crítica sobre o modo como os temas que são abordados para ela. E eu não acho que os roteiristas de malhação figuras alienadas, do mal. Acho que eles estão tentando fazer, dentro possível, uma experiência interessante para a juventude, acho que eles tem uma consciência da responsabilidade. A nossa tarefa, de quem está aqui junto com os jovens, é propor esse debate, é refletir.

Um dos objetivos meus...agora não sei nem se eu vou abordar muito isso. Mas assim, inicialmente meu objetivo era mostrar o que atraía, ou então quais as informações que eles gostavam, para poder o pai e a mãe exercer de uma maneira mais efetiva em relação ao processo socializatório. Então assim, essa era a minha idéia. Quando eu pergunto a eles assim, a pergunta seis,né?! Que eu trago a gravidez na adolescência e qual o jeito que é melhor trabalhado. Até me perdi.

A questão da gravidez na adolescência e onde que é melhor abordado. E eles acham que é melhor abordado na malhação. Agora a informação estatística tá no jornal nacional.

Quando eu pergunto onde a informação é melhor trabalhada para o jovem, se na Malhação ou no Jornal Nacional, alguns entrevistados responderam que as duas maneiras são importantes. Eu acho que eles entendem a Malhação com uma visão prática não real de uma realidade do jornal.

Malhação é uma novela e tem enredo, tem personagem. O jornal é fato. A Malhação pega o fato que tá no jornal e transforma em história. Isso aproxima e traz outro tipo de registro. É outro tipo de narrativa, outro tipo de lógica. Faz sentido eles quererem as duas coisas.

E quando indagados sobre a informação, diferentemente de quando eu perguntei sobre o programa de entretenimento em geral, na Malhação eles conseguiram rapidamente apontar. Então acredito que é algo que marca pra um programa de entretenimento.

Não tenho dúvidas que marca. A discussão da esquizofrenia que “Caminho das Índias” gerou foi excelente.. Psicólogos e o próprio Movimento Luz da Saúde Mental fizeram Marcha da

Saúde Mental há anos. Ainda sim, o que a novela conseguiu ensinar a população sobre esquizofrenia é muito maior. Eu não tenho dúvidas que a inserção de informação dentro das novelas é super útil. Dentro das novelas, tanto novela das 6, 7, 8 quanto Malhação, que são baseados nesses enredos e narrativas, isso é super útil para a informação da população, porque a impermeabilidade da população a esse tipo de programa de televisão é maior que para o jornal.

E acho que pra finalizar, pelo menos aqui no roteiro. Você identificaria, pelas respostas que eu obtive e pela sua experiência dentro de consultório, alguma real diferença de apreensão e avaliação dessa informação pelos jovens do Coluni em comparação a outros jovens?

O público do Coluni, o público jovem, tem a característica de ser altamente escolarizado, né?! Em que a escola é o valor central, o conhecimento é o valor central. Eles estão todos organizados para a escola, para a escolarização, pra essas coisas. Um jovem que tem a escola, a escolarização como valor central, e não um jovem, por exemplo, da zona rural, que tem o trabalho na lavoura como o organizador da sua rotina principal, é possível que a gente encontre diferenças nessa percepção. O que eu não posso afirmar é se essa percepção é melhor ou pior, mais crítica ou menos crítica. No nosso imaginário social, dado o valor que na nossa sociedade o conhecimento e a escolarização apresenta, espera-se que o jovem do Coluni tenha uma visão mais crítica desse tipo de programa, já que eles tem esse valor central da escolarização. No entanto, eu acho que a gente tem poucos elementos pra afirmar isso. A gente teria que ter acesso a dados de outros públicos jovens, representantes de outras categorias pra poder falar dessa maior criticidade. Espera-se que sim, e também como representante do saber da psicologia, uma das coisas que a psicologia tem se identificado é a análise da implicação do observador com o seu objeto de pesquisa. Tem muita gente na psicologia analisando isso. Por que a gente pesquisa o que a gente pesquisa? O que é que tem no meu objeto de pesquisa que me fez escolhe-lo? Eu acredito que tem algo na sua implicação com seu objeto de pesquisa. Você tem uma relação bacana com o colégio, que marca sua história, então também a sua implicação se diz um desejo de encontrar nesses meninos maior criticidade do que em outros. Pode ser que eles não sejam, eles podem te decepcionar. Como uns vieram de escola pública e falam uma coisa, uns são ricos, outros pobres... quer dizer, tem outras categorias que tão ali também. É, mais eu acho que é possível esperar sim um maior nível de criticidade com os jovens mais escolarizados. Acho que a gente pode dizer isso, enfim.

ANEXO 2

Entrevista com Catarina Greco – Educadora

Então, Catarina, a princípio eu gostaria que você fosse falando pra mim sua opinião sobre as respostas de cada uma das questões. Quando eu perguntei para os estudantes o canal de TV aberta pelo qual eles costumam se informar, cem por cento respondeu o jornal. E 75% deles afirmaram que vêem o Jornal Nacional, que é realmente o que tem mais audiência. E os jovens em geral não costumam assistir telejornal, não costumam gostar tanto de jornal. Por que você acha que existe essa diferença aqui?

Eu até anotei aqui, que isso já demonstra um pouco o nível cultural dos alunos, né?! Porque realmente a gente sabe que não é a linguagem, não é o conteúdo que eles gostam, mas eu atribuo isso aos alunos que nós temos, às características do Coluni. Um lugar mais crítico, com um aluno que tem essa preocupação. Na verdade, o que eu já percebi é aquele aluno que antevê, que precisa da informação já tendo um olhar no vestibular. Ou seja, tem haver com aquilo que a gente até cita como característica do aluno do Coluni: ele já, desde o primeiro ano, sabe que vai enfrentar o vestibular e tal... e que é preciso ficar por dentro dos assuntos atuais. E eu acho que isso é muito próximo do aluno do Coluni.

Você acredita então que eles assistam não tanto por achar o formato interessante ou porque são atraídos pela linguagem, mas mais pela informação propriamente dita?

Eu acho que se eles forem pelo lado jovem, adolescente, não é o jornal o melhor programa, não é a linguagem deles, né?! E nas entrevistas fica claro que, pra muitos, não é o que se gosta de ver. A gente pode perceber que a linguagem jornalística é formal, mais seria, uma coisa mais dura e não é aquilo que o jovem tem predileção, mas o aluno já tem aquele foco, é ali que ele vai ficar por dentro das notícias. Até porque, como está em uma dessas respostas, eles não tem tempo e muita paciência pra jornal, jornal mesmo, papel, impresso. O jornal da televisão, mesmo sendo sério, é rápido e vai dando as informações que eles buscam.

Dá para perceber que eles tentam assistir com uma frequência, e incorporam mesmo acompanhar o noticiário como uma rotina, tanto que muitos assistem lanchando.

É aquela hora de pausa, quando ele sabe que no jornal vai saber o que está acontecendo. Uma coisa que eu achei interessante também é que eles sabem que aquilo vai ser útil pra eles – “O vestibular daqui a pouco tá chegando e eu preciso saber dessa notícia”. E mistura ainda com o que é próprio do jovem, a curiosidade. Alguns citam notícias que voltam por muitos dias, assuntos mais impactantes, por exemplo, aí sim eles querem assistir, por causa da curiosidade que é do jovem, do ser humano.

Aqui no Coluni os professores costumam utilizar notícias como parte da didática?

Onde cabe sim. Sempre que é possível o professor utilizar, ele usa sim. Você vê, por exemplo, a área de biologia, todo dia tem alguma coisa sobre transgênicos, genética. É muita evolução, muita coisa, alguns professores utilizam muito. Nesse caso entra a parte realmente educacional, de você trazer essa realidade, esse cotidiano, a vida pra dentro da sala de aula. E até porque aluno do Coluni exige que o professor esteja sempre atualizado, seja qual for a área. Tem que estar lendo, porque o aluno é capaz de fazer uma pergunta de química, de biologia e o professor tem que responder.

Quando fui perguntar na entrevista se programa de entretenimento informava, praticamente todos afirmaram categoricamente sim, mas quando pedi exemplos, os alunos tiveram dificuldades.

Eu até anotei aqui sobre o grande número de estudantes que, dependendo do programa, acreditam que pode informar. Com essas respostas eu vi que, mais uma vez, existe um diferencial, um olhar crítico nesses alunos. Porque não é todos os jovens. Se você pegar a maioria dos adolescentes, será que eles têm esse olhar que o aluno do Coluni tem? Para mim, os estudantes daqui têm que dar conta de ver um programa e enxergá-lo de forma mais crítica, porque essa bagagem eles já trazem um pouco quando são selecionados. Professor puxa isso dentro da sala de aula.

Eles falam muito de CQC. Você já viu CQC?

Eu já vi um pouco e até coloquei aqui como alguns alunos souberam colocar as diferenças entre CQC, Malhação e jornal. Dá pra ter noção da visão deles, de que o CQC é uma linguagem de humor, mas que tem crítica, que traz assuntos atuais. Eles conseguem enxergar isso. Um deles disse que o programa tem um humor político que informa, ou seja, o aluno assiste ao programa, se diverte, mas não fica fechado no humorismo. Dá uma visão crítica em uma linguagem diferente, uma linguagem que agrada o jovem, uma mais leve e rápida - que é a característica deles - então eles evitam aquela coisa mais pesada. Precisa assistir o Jornal Nacional, então o aluno assiste. Assiste porque sabe que tem que se informar, seja por prazer, seja pelo próprio vestibular. Agora se puder escolher, ele opta por uma linguagem mais leve. Tem um entrevistado que fala sobre esse humor político e ainda compara com o Zorra Total, “ah aquele humor banal”. Ou seja, o programa não acrescentou nada. Essa percepção eu atribuo a característica da clientela.

E eles citam as novelas como fonte de informação, mas de uma forma bem diluída. Talvez por isso a malhação não tenha tanto sucesso com eles.

Eles colocam a questão tempo, porque os que assistiam Malhação antes não acompanham com frequência agora, eles têm aula no horário. A informação mais diluída leva mais tempo e eles já não têm tantos horários livres. Para ficar informado sobre os assuntos é o jornal, que vai fornecer o que eles querem. Quando eles podem ter uma linguagem mais leve, que todo jovem gosta, assistem ao CQC. Se a gente for olhar pelo lado educacional, o CQC cumpre esse papel. A discussão que se faz muitas vezes é que a linguagem da escola é muito distante do aluno. Porque no cursinho, por exemplo, o professor faz humorismo. Ele precisa fazer, porque é muito cobrado nesse sentido, a soltar uma piadinha aqui, outra ali... é uma metodologia, porque é a linguagem atinge os jovens. O jovem quer algo que o atraia e a escola, muitas vezes, fica distante. Por isso existem muitas reclamações de alunos “ah, a aula é chata”.

E aqui no Coluni, existe algum tipo de trabalho feito pra aproximar o professor do aluno nesse sentido, a partir da linguagem?

Tem. Nas reuniões isso é comentado, né?! O que realmente atrai? O que é que puxa o jovem? Muitas vezes discutimos essa observação que eles trazem pra gente - “Ah, a aula é muito parada”. A gente comenta isso, porque o professor também tem aprender. Os alunos trazem essas observações, comentam informalmente, “ah, essa aula assim é mais cansativa, desse outro jeito é mais interessante”. Então nas reuniões a gente repassa, até pra que os professores saibam que muitas vezes sua linguagem não está tão adequada, que precisa ser dinâmico, com uma linguagem atual, que você consiga atrair a atenção do aluno.

Metade dos entrevistados citou as novelas como fonte de informação. O meu estudo é exatamente sobre a Malhação e os temas sociais veiculados nelas, e os alunos falaram sobre a presença dessas discussões nas novelas. Metade dos entrevistados citou as novelas como fonte de informação. Você acha que essa percepção deles pode estar revelando uma consciência a mais?

Acredito que sim. Até porque alguns desses temas são trabalhados aqui, por exemplo, com a entrada da sociologia e da filosofia. Os professores estão estimulando os alunos para que eles tenham um outro olhar sobre esses problemas. Com isso, assistindo à Malhação eles conseguem enxergar isso, eu acredito que tem a ver com a escola sim.

Depois naquela questão onde perguntei a eles se assistiam a novela, a frequência e o por que, todos já assistiram pelo menos uma vez, enquanto grande parte deles assistia bastante, mas desde o ano passado isso se reduziu. O comprometimento de muitos começou antes de entrar no Coluni, pra poder estudar para o pré-coluni, para não perder esse tempo. Agora eles não vêm porque tem aula. Você acha que esse comprometimento e o impedimento de assistir à Malhação agora, unido ao fato desses adolescentes estarem amadurecendo fez com que eles deixassem de gostar um pouco da novela?

O que eu percebi em algumas respostas é que a partir do momento que eles amadurecem, a Malhação já não é mais adequado. Parece que ao chegar aqui, pode ser a convivência, o tipo de observações que são feitas, mas fica parecendo que esse tipo de programa já era, passou. O jovem já está mais maduro e está sendo despertado pra isso mesmo, ‘olha ano que vem tem vestibular’, então é o jornal que vai o preparar ou um programa humorístico, como eles mesmos citam, o CQC, que tem aquele status mais elitizado, digamos, de mais requinte.

E alguns continuam assistindo, mas não dão o mesmo valor que davam antes.

Ai é que tá. Eu percebi que alguns continuam vendo, mais com um outro olhar. Eles já começam ter uma crítica diferente. O que eu achei interessante também é quando eles colocam que a Malhação traz a vida do jovem, o que mostra a questão da identificação. Até um certo momento eles se identificavam muito com o que passava (na Malhação), agora é como se ele (o programa) tivesse mudado um pouco de status. Um fato colocado é que antes do Coluni eles tinham um projeto, uma perspectiva de futuro dentro de que curso que queriam fazer, uma faculdade e chegando no colégio, é como se abrissem os horizontes. O contato com outras pessoas também traz mudanças no próprio projeto. Eu acho que isso, claro que inconscientemente, pode ser levado a programas, pra nível cultural mesmo.

Algumas respostas falam que a Malhação é sempre a mesma história, duas meninas brigando por um garoto ou o contrário. Eles disseram que é irreal. Eu não senti uma mudança tão grande assim em Malhação, essencialmente não houve uma modificação tão grande.

Na verdade, se o programa não teve essa modificação, será que não foi o aluno que se modificou? Será que não é ele? Se a gente for fazer um paralelo, o que acontece com um aluno, principalmente da clientela que você entrevistou – primeira série -, é que eleja amadureceu desde que chegou aqui, ele não é o mesmo aluno que chegou aqui no início de fevereiro. Então na verdade, mesmo que não haja uma consciência, as novas vivências, as novas situações fazem com que eles vão passando por esse amadurecimento também, até mesmo na escolha de programas, as leituras, os tipos de filme. Essa mudança acontece a partir do momento que eles vão descobrindo essas novas coisas. Eu lembro que uma aluna falou

“Eu assistia quando era novinha”, mas que parou de ver quando começou a pensar. Ou seja, quando eu era novinha aquilo vinha, e eu só bebia, mas quando comecei a pensar... quer dizer, antes não pensava. De onde veio esse pensamento? Foi só pela qualidade da novela ou tem a ver com o ambiente onde ela está? Com os estímulos que ela está recebendo agora, com as discussões que são feitas na própria escola? Essa é uma questão importante. Uma coisa que eu senti também é que eles têm a necessidade assistir programas com os quais se identificam. Na Malhação o jovem está vendo na tela a vida dele, as coisas que o incomodam, que o angustiam, a própria temática da escola. Por que qual é a vivência maior dessa faixa etária? A escola.

Por que você acha que a identificação é mais forte que os próprios argumentos deles contra a novela, de que é irreal, que não abarca a realidade do todo, de que é forçado?

Somos movidos pelo que temos como espelho, aquilo que mexe com a gente, porque ao assistir, é como se você acabasse tomando distância da sua própria vida e visse o que está acontecendo, como se aquilo ali estivesse te mostrando. A convivência na sala de aula, esses temas todos que a Malhação coloca, das festas, das drogas, da gravidez retrata a vida deles. Então há uma identificação, aquilo te atrai. Mesmo que eles achem que “não é real, não é isso, na vida realmente não acontece”, existe a identidade e todo mundo busca isso. A medida que você vai se identificando com alguma coisa, ou você assiste ao programa, ou não.

Mas você acha que um estudante do Coluni influência o outro a gostar ou não da Malhação?

É a questão do grupo também, porque nessa idade grupo é tudo. As pessoas precisam participar de grupos, você tem que se agrupar. Principalmente o adolescente. Tem coisa pior do que estar por fora do assunto que está sendo comentado? Se todo mundo comenta Malhação, quem não assiste fica por fora. Pode até ser que uma família tenha um outro nível de crítica ou esse aluno não assistiu à novela, mas não é, porque ele fica aparte do grupo. Nem que seja pra fazer parte, ele acaba gostando. Se lembra que o inverso também é verdadeiro. Quando chega aqui no colégio e os meninos começam a fazer uma crítica, do tipo “Malhação já não é um programa legal”, o que gosta da novela, pra fazer parte do grupo, acaba caindo fora. “Todo mundo tá dizendo isso aqui então eu também não gosto”, mesmo que continue gostando. E pra adolescente, pré-adolescente, isso é fundamental. Ele tem que ser aceito pelo grupo, e pra ser aceito pelo grupo ele tem que falar as coisas que os outros falam.

Uma entrevistada falou que gostava de assistir a novela porque se interessava pela maneira como eles tratavam os assuntos que estavam na mídia. Isso mostra que ela também enxerga informação ali.

O que eles falam muito é que o jornal é estatístico. Vários deles repassam estatísticas, dados e tal. O jornal mostra a realidade nua e crua, enquanto a Malhação dá uma leveza, né?! Mas como já foi falado por eles, na novela a informação é muito demorada e não há tempo pra ficar acompanhando para saber qual vai ser o desfecho do problema colocado.

Quando a pergunta se refere aos temas sociais, a gravidez na adolescência foi o praticamente o assunto mais citado, e quase todos também, 75%, disseram que a Malhação informa sobre essas temáticas. Ou seja, quase 16 estudantes falaram sobre gravidez na adolescência, e realmente o programa traz isso praticamente toda temporada. Como você vê o fato deles acharem que a novela informa, deles conhecerem e lembrarem dos temas sociais tratados nela?

Na verdade, eles conhecem aquilo que é maior preocupação deles. Não é a toa que está aí a gravidez na adolescência. Logo em seguida, as drogas... Então aquela identificação com o que é mais imediato, o que de repente ele pode sofrerão que se espere que ele vá sentir na pele. Aquilo que você sabe da sua vivência, que você acha que está mais próximo de vivenciar te move mais, desperta mais interesse.

Alguns comentaram que a novela é exagerada. Você acha que o “final feliz” da Malhação que faz com que a história soe tão forçada?

Isso, exatamente. Porque aparece uma situação na novela, será que no mundo real é assim mesmo? Quando eles trazem a gravidez na adolescência, na verdade a realidade é pesada, não é uma coisa fácil, bonitinha, que no final dá tudo certo. Então dá pra perceber bem isso aí que os meninos colocam. A questão da Malhação “dourar um pouquinho a pílula”, dar uma certa embelezada, digamos assim, coisa que o jornal nacional não faz. O jornal é aquilo ali, é cru, é frio é duro, enquanto lá, por ser novela, aborda um tema, mas dá uma certa aliviada. Mas e na vida real?

Eles diferenciam muito bem ficção de realidade. Talvez outras pessoas não tivessem essa visão.

Exatamente. Pelas respostas deles, é isso mesmo, né?! Quer dizer, eles conseguem perceber que tem diferença. E isso quem criou? É cultura? São valores da família ou eles desenvolvem isso aqui?

Uma garota comentou que o adolescente não quer só saber de escola, não se importando com mais nada. O que você acha que dessa resposta?

Uma coisa que o jovem quer mostrar é que ele tem vida social. Por que a Malhação pega a escola? Não é atoa. Essa é a vida deles, a escola. Qual a exigência que é feita pra eles, tanto da família, como da sociedade? É ser estudante, sua profissão é ser estudante. Então a vida deles é o colégio, mas qual é o anseio deles, o que querem mostrar? “Olha, nós somos estudantes, mas nossa vida não se resume a isso, nossa existência não se resume a isso”. A gente coloca muito na reunião de pais, quando eles vêm para a primeira reunião, que o Coluni pega a vida desse jovem exatamente no momento em que tudo aflora, né?! A escola cobra muito de ensino, mas coincidindo com um momento que é extremamente conflitante para eles, em que eles querem mostrar para os pais, pra todo mundo aquilo que ela falou, que eles têm vida social. O que é ter vida social? É ter vontade de sair com os colegas, de fazer coisas que não estão relacionadas com a escola, que não tem a ver com estudo. E é muito comum a gente ver estudante que é um bom aluno sendo até discriminado, uma vez que ele é visto como “nossa, ele não tá aproveitando a vida”.

Na hora em que apresentei a situação gravidez na adolescência, percebi que foi a parte mais confusa. Alguns falaram que a malhação traz a informação de uma forma melhor, mais jovem, diferente do jornal. 68,75% deles disseram que a Malhação é melhor que o Jornal Nacional nessa situação. Mas quando eu perguntei por qual programa eles preferem se informar, eles preferem ainda os jornais.

Parece uma contradição, mas ao mesmo tempo não é. Eu acho que quiseram dizer que em relação à linguagem, ao formato, eles preferem Malhação, mas se você for levar pelo lado informação mesmo, se for levar visando o vestibular, é o Jornal Nacional.

É bem por aí. Eles falam que a malhação é para o jovem, mas parece que eles próprios não se incluem nesse grupo.

Ai é que tá, já tá mudando aquela postura. São jovens, mas jovens com outro espírito.

Uma espécie de elite?

É. Acabam se colocando assim. Na verdade, aqui é uma elite intelectual. Então é como se eles tivessem passando a fazer jus a isso. Porque isso é uma coisa que ela é construída, sabe?! Ela é construída no dia a dia, desde quando chegam aqui... Vamos pensar a realidade do aluno do Coluni. Qual é o grande impacto que eles têm? Acho que é perceber que aquele bom aluno que ele era na antiga escola não é o único no mundo.

E você acha que eles se sentem assim por que? Por encontrar as outras pessoas iguais?

O fato de estar aqui, deles terem passado por uma seleção já é diferente. Os sofrimentos que eles passam com as notas, aquela ideia que a gente trabalha em cima deles “olha, você não é burro, sua exigência que tá maior”, “as suas notas caem mas você tem um nível intelectual”. Então isso dá uma consciência de que ‘Eu tô passando aperto, mas eu to em outro nível intelectual’

É o orgulho.

É o orgulho do aluno do Coluni, que pensa “Eu sou diferente”, embora muitas vezes isso traga problemas, já que as pessoas de fora falam “você já passou no vestibular porque você é do Coluni”. Agora uma coisa que eu vi que um deles falou - “acredito que passa a mensagem, mas geralmente o público não presta atenção”. Ou seja, o grande público assiste e não capta o que está sendo dito e para eles isso já começa a ser formado. Então o tempo inteiro eu tenho sentido nas respostas “a gente assiste, mas...”. Sempre tem algo a mais, sempre tem um olhar a mais. Não fica pura e simplesmente no entretenimento.

No fim, quando pergunto qual o programa que eles preferem pra se informarem, a resposta foi uma só.

É o jornal. A leitura que eu faço é que está no contexto histórico, eles precisam da informação. Precisam porque são jovens, simplesmente pra se manterem informados? Não. Eu continuo achando que é por causa do vestibular. E isso foi falado o tempo inteiro. Nos vestibulares, na hora que ele for cobrado, ele vai ter que estar por dentro dos assuntos.

Eles reconhecem que nos programas de entretenimento têm informação, dizem que alguns são importantes, principalmente Malhação. Mas no fim das contas, preferem receber informações pelo jornal O que você acha que dessa resposta? Você acha que o jornal é visto como a fonte da verdade e que com a novela é sempre aquele pensamento - “estou assistindo sem compromisso”?

Acho que pode ser isso sim. Porque a gente sabe que a própria novela tem preconceitos, né?! Existe muito preconceito de alguns jovens que dizem “Não assisto novela”, como se novela fosse uma coisa pra quem não tem nada pra fazer, pra quem tem a mente fechada. O jornal não, jornal é pra elite, jornal é culto, sendo que as novelas acabam tendo um alcance muito maior. Então se você quer abordar um tema e espera que aquilo atinja o público, não só o jovem, coloca em uma novela a discussão acontece. Por exemplo, eu vejo hoje a mudança que teve quando olhamos para os portadores de Síndrome de Down. Será que a gente enxergava como a gente enxerga agora? Mesmo se um Jornal Nacional tivesse trazido? A novela consegue mexer, porque além da linguagem, ela lida com o sentimento. Será que se o jornal tivesse feito uma reportagem específica sobre o assunto teria tido o mesmo alcance que a novela? Só que tem o preconceito. A novela não é bem vista, daí eu assisto Jornal Nacional.

ANEXO 3

Respostas da Entrevista “Informação na Malhação”

Pergunta 1 - Por que tipo de programa você costuma se informar na televisão aberta?

Entrevistado 1 - Eu assisto muito canal tipo Discovery Channel... também assisto muito jornal, Jornal Nacional, Jornal do SBT.

Entrevistado 2 - Mais pelo Jornal... Jornal Nacional, Jornal Intermediário, esses dos estados que passam as notícias de cada estado.

Entrevistado 3 - Olha, programa de televisão mesmo é mais difícil, eu normalmente assisto mais TV a cabo. Mas pela internet que eu tenho mais informação, que eu vou em site tipo Globo e tal, e por revista também que meu pai assina Isto É. **Mas tem algum programa na TV aberta que você se lembra como exemplo?** Ah, eu vejo CQC, alguns seriados na Globo que passam, jornal muito de vez em quando. Jornal é raro porque eu não tenho paciência pra jornal não... eu prefiro ficar lendo, posso ler a hora que eu quero.

Entrevistado 4 - Jornal mesmo, algum informativo. **Você assiste por acaso ou porque você quer assistir?** Por acaso, é a hora que eu to lanchando, mas alguma hora eu vou ter que assistir, nem que seja no terceiro ano.

Entrevistado 5 - Jornal Nacional. **Tem mais algum outro?** Jornais em geral. Jornal Nacional até porque é o único que a gente tem mais tempo assistir, porque aqui é muito corrido e a gente tem tempo só à noite, quando dá pra assistir né?!

Entrevistado 6 - Geralmente eu me informo mais por internet, mas pela televisão eu não costumo ver muito Jornal, eu vejo mais a programação de esportes. Mas quando é pra saber de alguma coisa, eu costumo ver aquele MGTV, que é curtinho ou muito raro, que eu não costumo ver todo é o Jornal Nacional.

Entrevistado 7 - Noticiários normalmente. Jornal Hoje eu assistia de vez em quando, agora não dá pra ver mais. Jornal Nacional, Globo News, Band News... **Tem algum outro tipo de programa que você assiste para se informar, aprender sem ser jornalístico?** Ah, TV escola, eu gosto muito de TV Escola.

Entrevistado 8 - Jornal. À noite assim, eu assisto os jornais todos, na Band, Jornal Nacional, Fantástico.

Entrevistado 9 - Jornal da manhã, o Bom Dia Brasil.

Entrevistado 10 - Jornais assim. Eu assisto mais Jornal nacional, Jornal da Globo, Jornal Hoje.

Entrevistado 11 - Ah, telejornal. Eu acho mais interessante o Fantástico, na verdade.

Entrevistado 12 - Mais pelo jornal mesmo, Jornal Nacional ou o da Record

Entrevistado 13 - Jornal Nacional, CQC, Fantástico... Eu gosto de CQC, assisto sempre.

Entrevistado 14 - Ah, jornal, Jornal Nacional é o que eu mais vejo. Quando eu quero me informar mesmo eu olho na internet. Eu vejo dia de domingo Pânico na TV também.

Entrevistado 15 - Jornal Nacional, Jornal da Globo e o Jornal da Record.

Entrevistado 16 - Eu vejo o Fantástico, que eu acho bem legal, tem muita informação. Vejo Jornal da Globo quando dá e Jornal Nacional também.

Pergunta 2 - Você acha que um programa de entretenimento pode informar?

Entrevistado 1 - Pode. Tem muito programa até hoje que passa, por exemplo CQC, que é um programa de entretenimento e que passa muita informação...sobre política por exemplo. Tem programas na Record que passam bastante informação, igual aquele “Hoje em dia”, Ana Maria Braga de vez em quando.

Entrevistado 2 - Pode com certeza. Acho que todo programa de entretenimento busca uma forma de informação, de passar ensinamento para o público, mesmo que seja subentendido. Por exemplo, no Casseta e Planeta e no CQC faz sátira de política, agora não pode mais, mas fazia... Então mostrava política de uma forma engraçada, mostrava o roubo de uma forma engraçada. Então todos eles eu acho que buscam uma forma de transmitir conhecimento.

Entrevistado 3 - Pode. Muitos passam. Por exemplo CQC passa, alguns seriados também, dependendo do assunto... Novela, dependendo da novela. Acho que todas tem um fundo, todas passam uma mensagem, porque tem novelas que abordam um tema, por exemplo aquela que falava de bulimia da menina, alguma coisa assim pra tocar, pra ensinar.

Entrevistado 4 - Pode. Porque vai mostrar o dia a dia, pode mostrar a realidade e um fato que está acontecendo. **Você tem exemplo pra me dar?** Novela, até mesmo *Reality Show*, porque tá acontecendo de verdade né?!

Entrevistado 5 - Sim. As novelas em geral tentam abordar temas assim, com os personagens, informando e tem também bastante propaganda, que acaba informando.

Entrevistado 6 - Ah, eu acho que pode dar alguma instrução. Vamos supor, novela: fala de coisas aceitáveis e coisas não aceitáveis de fazer mas que também podem influenciar, as pessoas vem as pessoas fazendo uma coisa e querem fazer igual e querem fazer também, então pode influenciar positivamente ou negativamente.

Entrevistado 7 - Depende do programa. Porque se for um programa de humor banal tipo esses do SBT, a Praça é Nossa, ou Zorra Total, esses programas assim não vão te transmitir um certo conhecimento, eles vão mais anestesiar seu cérebro. **Tem algum programa de entretenimento que você acha que informe?** Voltando lá na TV Escola, tem um de história muito bom, acho que o nome é Viajantes da História...eu gosto muito!

Entrevistado 8 - Pode sim. O CQC informa né?! Faz uma crítica de forma irreverente.

Entrevistado 9 - Pode. Não é uma mensagem direta, mas é uma coisa que no fundo tem seu objetivo. Eu acho que tem pelo menos. Igual aquele da Angélica, Estrelas, a pessoa vai ficar falando sobre a vida da pessoa e tal. A pessoa vai falar de alguma coisa que tá acontecendo, aí você acaba pensando pegando uma informação. **Mas você acha que algum informa mais?** Você diz informar assim notícia ou algum valor? **Informar de maneira geral. Tem algum na sua opinião?** As novelas sempre têm uma mensagem por trás, pra informar.

Entrevistado 10 - Sim, pode informar. Não diretamente, mas pode sim. Por exemplo as novelas, sempre mostra assim algum acontecimento, alguma propaganda, e eu acho que de alguma forma informa, alguma problemática de família.

Entrevistado 11 - De uma maneira bem diferente, mas sim. Na Malhação mesmo, trata alguns temas, mesmo que de maneira mesquinha e não muito direta, eu acho que acaba tratando um pouco, bem indiretamente também.

Entrevistado 12 - Pode, depende da mensagem que ele quer passar. Às vezes, por exemplo, lida com preconceito na escola, *bullying*, aí é interessante assistir. Mas tem uns que não tem conteúdo nenhum, nem vale a pena assistir.

Entrevistado 13 - Sim. Por exemplo, o CQC é uma forma de entretenimento e ele informa muito. Muita coisa de política eu sei por causa do CQC. Como não é tão formal como o jornal, os apresentadores podem mostrar opiniões não tão imparciais, comentários que eles fazem com humor, a gente acaba refletindo muito mais do que aquela abordagem seca do jornal.

Entrevistado 14 - Aí depende do programa também né?! Tem uns programas que eles são pra dar exemplo, uma coisa assim. Ah, não lembro de nenhum pra dar exemplo, porque eu não vejo tanta TV.

Entrevistado 15 – Pode. Igual novela, ela retrata de alguma forma aquilo que ocorre em alguns casos e também alguns outros programas que mostram a realidade da pessoa que, talvez, o jornal não mostra. **Você tem exemplos?** CQC é uma boa. Aquele Globo Universidade, Globo Ciência.

Entrevistado 16 – Pode sim. Acho que todo programa ensina alguma coisa, mas dependendo do tipo informa mais ou menos coisas interessantes... tem uns que são meio “sem nada”, tipo mesmo o Zorra Total. Não acho que ele ensina não. **Qual que você pode me dizer que passa informação?** Ah, o Fantástico é meio que entretenimento e passa, Casseta e Planeta, CQC também. Eu acho muito legal o CQC, porque fala um pouquinho de tudo e eles fazem umas piadas muito inteligentes.

Pergunta 3 - Você assiste Malhação? Com que frequência? Por que você assiste?

Entrevistado 1 – Eu tento. **Antes você assistia?** Assistia. **Mas você chega em casa e assiste é por acaso ou você gosta mesmo?** De vez em quando, na maioria das vezes eu ligo a televisão no horário pra assistir. **Com que frequência você assiste?** Ano passado eu assistia basicamente todo dia, quando eu não podia eu até olhava na internet. **Por que você assistia?** É interessante, passa muito como é a vida do jovem. Mostra um pouco do dia-a-dia... mas às vezes dá uma exagerada também.

Entrevistado 2 – **Você assiste Malhação né?** Eu assisto, ano passado era mais né?! **Com que frequência você assistia?** Eu assistia todo dia. **Por quê você assistia?** Eu ficava a parte da tarde estudando e depois a gente ia ver televisão e era o programa que tava passando... e eu também gostava de Malhação, sempre gostei.

Entrevistado 3 – Tem muito tempo que eu não assisto, antes eu assistia muito mais, eu via todo dia. **Mas você não vê hoje por causa da aula?** É, por causa da aula, mas não sei, acho também que eu perdi o interesse. **Mas no ano passado você assistia?** Assistia, não todos os dias, mas eu assistia quando dava, porque ano passado eu tava fazendo cursinho, quando eu chegava em casa, umas cinco e pouca, então eu assistia Malhação comendo alguma coisa. **Por que você assistia?** Quando eu tava na quinta, sexta série eu achava muito legal, muito interessante, eu achava que Malhação era “a” coisa, depois eu fui vendo mais por ligar a TV

no horário... porque nesse horário quase não passa nada na televisão, só Malhação mesmo. Era mais por causa disso, antes eu gostava muito, nossa eu adorava, eu lia na internet pra saber o quê que ia acontecer no dia seguinte, eu via vídeo no *youtube* pra ver o que tinha acontecido, o capítulo que eu perdi. Agora eu vejo muito por acaso. Nessa última temporada por exemplo, do Fiuk, eu vi um ou outro... **E o Fiuk fez muito sucesso por causa da Malhação. Aqui no Coluni tem essa febre também?** Não, aqui não. Em outros colégios sim, tem gente que venera ele, mas aqui o povo é meio diferente.

Entrevistado 4 – Sim. Teve uma época que assistia todos os dias. Ano passado eu assistia quando dava, porque eu tava fazendo cursinho. **E por que você assistia Malhação?** Na época era modinha né, todo mundo assistia. Mas eu gostava, porque eu achava divertido. Mas agora ficou meio chato, porque é sempre a mesma coisa né?!

Entrevistado 5 – Antes eu assistia todos os dias. Porque aborda temas assim mais da vida de jovem... **Você sempre assistiu Malhação? Desde quando?** É... com uns 9 anos...

Entrevistado 6 – Geralmente eu assistia de segunda a quinta, porque sexta feira geralmente não. Nada de religiosamente, mas eu via sempre que dava. **Por que você assistia?** Não tinha mais nada pra assistir, mas eu também gostava, achava legal, mas era porque era sempre a mesma história. Era um pouco de falta de opção, mas eu também gostava.

Entrevistado 7 – Eu assistia. Até que o ano passado eu não assistia muito por causa do cursinho, mas nos anos anteriores eu assistia quatro vezes na semana. Eu via porque a gente se identificava com a história, era muito parecida, então a gente precisa de uma forma de entretenimento, pra viver no mundo da ficção, sair um pouco da nossa vida. **Mas hoje, se você chegar em casa a tempo de ver, você assiste ou não?** Normalmente não, mas se eu ligar a televisão e tiver passando eu assisto.

Entrevistado 8 – Eu assistia em 2006 mais ou menos. Eu via quando dava assim. **E você assistia antes e agora porque não?** Ah, mudança da forma de pensamento. **Mas antes você gostava por quê?** Influência da sociedade, todo mundo via. Eu acho agora irreal, meio infantil.

Entrevistado 9 – Sim. Umás três vezes por semana. **Mas hoje se você chegava em casa mais cedo você liga pra assistir?** Hoje se eu chegar em casa e ligar e tiver passando eu assisto, é mais por acaso. **Por que você assiste e assistia?** Ah, eu assistia porque, tipo assim, coisa de maturidade né, eu achava interessante. Hoje eu acho meio fútil. **Você ainda assiste por quê?** Ah, porque o clima, o contexto da novela eu acho legal, de estudante.

Entrevistado 10 – Há muito tempo atrás eu via, mas de 2005, 2004 pra cá eu não assisto. **Por quê?** Eu acho que piorou, porque teve um tempo que Malhação era bom, mas eu acho que agora a temática é falha, não tem mais graça. **Mas agora você não assiste nunca ou de vez em quando você vê?** Ah, às vezes quando eu to mudando o canal só, mas eu não acompanho não, não sei o que tá acontecendo. **E porque você assistia antes?** Porque eu achava interessante, eu me entretia. Depois começou a não ter muita graça pra mim mais.

Entrevistado 11 – Eu assistia, mas agora eu não posso mais ver. Ano passado quando dava eu via, porque eu fazia cursinho então não dava muito tempo não e também porque o conteúdo ano passado foi bem chifrim, muito chato. Tipo antes era aquela coisa boa, tinha conteúdo, durava um ano mesmo, era interessante de ver, mas de uns tempos pra cá mudou muito. **Quando você assistia você via com qual frequência?** Ah, duas ou três vezes por semana. **O que te motivava a assistir?** Às vezes eu ligava pra assistir e às vezes não. Eu

gostava muito de Malhação, até que chegou a oitava série, por eu ter largado um pouco televisão de lado, porque antes eu via tudo, aí depois eu comecei a estudar pro Coluni e eu parei de assistir muito. Também ficou muito chato, depois mudou de autor. Antes tinha até conteúdo, mas agora... **Você acha que quando você vai ficando mais velho sua visão muda?** Eu acho que a gente ganha um senso crítico maior. Igual essa última temporada, a Malhação ID, as meninas de 10, 11 e 12 anos que gostam, porque elas não têm uma noção crítica da vida. Elas gostam por amar o Fiuk, pelo Fiuk falar que ama os fãs. Mas é igual o Felipe Neto falou, tem as matérias do Felipe Neto, e ele critica e a maioria das coisas que ele fala é verdade mesmo, porque o Fiuk fala que ama elas mas ele não conhece, nunca viu, como ele pode amar quem ele nunca viu? Só por causa de voto num site de música?

Entrevistado 12 – Não assisto, antes também nem via. **Por quê?** O tema é bobo, não passa conteúdo nenhum. Eu acho meio idiota.

Entrevistado 13 – Quando eu era novinha eu assistia, mas no ano passado não. Agora ficou ruim, antes era bom. **Por que que você gostava antes?** Porque eu achava legal a história. **Você se via na história?** Não, eu era bem novinha né... mas era legal. Ah, eu não pensava muito pra assistir, e diverte a gente também. **Mas hoje em dia você assiste de vez em quando ou repudia?** Repudio. Eu comecei a pensar e tipo, não, não dá.

Entrevistado 14 – Já assisti já, mas não era com frequência. Eu vi no máximo um mês, dois meses só. **Quando você assistiu, por que você viu? Minha irmã vivia vendo Malhação.** Eu via mais por acaso, eu não ligava a TV. **E por que você não gostava?** Ah, eu nunca fui muito de ver novela, essas coisas não.

Entrevistado 15 – Eu assistia, eu não vejo agora por causa da aula e porque não me atrai mais. Já tem uns dois anos que eu não vejo, porque os problemas retratados também não eram mais daquela forma como antes e outros programas me atraíam. **E qual programa você assistia no mesmo horário?** Muitas vezes eu via Pica-Pau. **Mas quando você assistia, o que te interessava, por que você via?** Eu gostava da forma que eles tratavam certas questões que tavam na mídia, na atualidade. Mas aí depois eles começaram a tratar os assuntos não da forma como antes. Porque antes assim, pelo menos quando eu assistia, era uma coisa mais cronológica, tinha o fato que ocorria, por exemplo, gravidez, mostrava todos os problemas e tudo. Hoje em dia não é mais daquela forma, é uma coisa mais direta, não traz tanto contexto como antes. **E há dois anos, quando você via, era com que frequência?** Sempre, aí depois eu comecei a ver uma vez ou outra, eu chegava em casa e não tinha nada pra fazer, aí às vezes eu via.

Entrevistado 16 - Nossa, eu via todo dia mesmo. Ligava pra ver e tudo mais. Aí quando eu não acompanhava o capítulo eu sempre procurava saber. **E agora, você não vê mais?** Ah, desde o ano passado foi complicado, porque eu já meio que tava pensando no Coluni e estudando sabe?! Esse ano quando a aula acaba mais cedo eu vejo sim, mas é muito difícil. **Por que você gostava de ver a novela?** Quando eu era um pouco mais nova eu ficava louca com a história mesmo, falava da adolescência, de namoro, essas coisas. Acho que isso que me fazia gostar. Depois foi ficando meio chato, mas como ainda falava sobre jovem eu achava bom ainda. **E você ainda gosta como antes?** Eu adoro lanchar vendo Malhação, mas antes era bem mais legal. Eu acho que nessa última temporada eles forçaram muito a barra, colocaram um colégio novo e mudou muito, mas no fim a história ainda era a mesma coisa: duas meninas brigando por um menino ou ao contrário. E sempre tem rico e pobre junto, ah, eu acho que o que eles colocam ali não mostra a vida que nem metade dos jovens leva assim... é meio irreal, meio que “tudo é fácil”, mas eu ainda assisto. **E quando você começar a ter**

aulas de manhã, vai assistir? Ah, devo ver sim. Eu acho legalzinho, não é a melhor coisa do universo, mas o horário é bom pra descansar vendo televisão.

Pergunta 4 - Você acha que a Malhação te informa sobre temas sociais?

Entrevistado 1 – Discute. Igual na passada discutiu esse negócio de lavagem de dinheiro, de corrupção. Falou também de ajuda social, de trabalhar em ONG. Mas toda temporada de Malhação discute um problema, já teve gravidez na adolescência...

Entrevistado 2 – Com certeza. Nessa última temporada teve a questão do filho denunciar os pais, de fazer o que é certo ao invés de proteger a família. Toda temporada tem um tema social. **Você acha importante ter?** Acho. Pra mostrar que o jovem não é só diversão, não é só festa, ou escola. A gente tem uma vida social, a gente se importa com as coisas que acontecem ao nosso redor, não é só nosso mundinho.

Entrevistado 3 – Claro, com certeza. E eu gostava, achava interessante, por que além de divertir, passava uma mensagem no final. **Você lembra de algum exemplo?** Ah, falava de trabalho social, ajudar os outros...

Entrevistado 4 – Informa... porque, por exemplo, aquele negócio de *bullying*, passou alguma coisa, tem um tempo eu acho. Tem várias coisas que podem meio que orientar o jovem. Por exemplo no caso de bebida, vamos colocar.. só que é meio exagerado. **Por que você acha exagerado?** Por que não vai acontecer com a gente... Por exemplo na última temporada, teve um episódio que o Bernardo começo a ajudar um cara que era drogado e tal...e isso não vai acontecer comigo, eu acho. **Mas você acha que não vai acontecer porque a gente tá acostumado a pensar assim “O cara é drogado e eu não vou ficar dando força gratuita, me colocando numa roubada”, ou porque “Não, eu não vou me relacionar com uma pessoa assim”?** Não, é uai, a gente não vai achar uma pessoa drogada e ficar super amiga dela, e ficar sendo o anjo da guarda dela. **As pessoas não são tão boas, é isso?** É.

Entrevistado 5 – Informa. O programa meio que fortalece o que você já tem em mente. Temas de gravidez na adolescência, lavagem de dinheiro...

Entrevistado 6 – Eles sempre abordam os problemas que tão tendo, por exemplo há um tempo atrás e eles falaram de jovens fumando cedo, que dava mil doenças, aborda gravidez na adolescência, fala de prevenção. Eu acho que meio que dá informação pra quem assiste, porque eles sempre tão tratando dos temas que têm acontecido mais.

Entrevistado 7 – Sim, fala de gravidez, perda de virgindade, em relação ao uso de drogas, bebida alcoólica... informa sobre esses fatos.

Entrevistado 8 – É, de vez em quando fala de violência, de droga, fala sim...Tudo que todo mundo já sabe. **Mas você acha que eles mostram de uma forma meio superficial?** É, meio banal, porque é muito pior do que eles mostram ali, tudo ali tem ajuda, acontece alguma coisinha mais todo mundo sai bem no final.

Entrevistado 9 – Sim. Eu lembro de uma cena no final da Malhação que o menino tinha tomado pau e ele tava triste, aí ele falou “Não, agora eu vou mudar de vida”. **Quais temas sociais que você lembra que foram falados?** Tinha aquele negócio de programas sociais de mendigo, que a menina ajudava as instituições... tinha também a corrupção lá do pais do menino.

Entrevistado 10 – Sim. Ah, tipo gravidez na adolescência, problemas nas escolas, tipo bullying, isso fala.

Entrevistado 11 – Às vezes, tipo igual a gravidez na adolescência é abordado na Malhação, por mais de maneira não muito certa, como é realmente, mas eu acho que é abordado sim. **Você acha que isso é bom?** Eu não critico a Malhação, falo que é a pior coisa do mundo, porque eu via mesmo, mas tem coisas que eu não concordo. Também aborda a questão de classe social, a menina pobre com o menino rico e o menino pobre com a menina rica, sempre assim. Mas esse negócio de repetir que tornou uma coisa chata e monótona. Mas pra fazer a novela eles tinham que tipo consultar os próprios jovens, como você tá fazendo agora, porque tem muitos jovens que tem uma história de vida pra contar e que podia ser relatada com uma novela né, ia ficar bem mais interessante assim.

Entrevistado 12 – Teve uma vez que falou de doenças sexualmente transmissíveis, e também de escolha das profissões. **Mas você acha que transmite então informação sobre assuntos sociais?** Raramente. É que você tem que parar muito pra pensar, não é igual um jornal ou documentário. Você tem que parar, pensar pra refletir se transmite. Não é tão direto.

Entrevistado 13 – Informa. Eu acho que informa bem, você tem que pensar e não ficar olhando tipo “ah, Fiuk é lindo”. Mas eles tratam drogas, gravidez, relação de pais com filhos, que se a pessoa malandrar pode tomar bomba. Eu acho que passa muita mensagem, só que normalmente o público não presta muita atenção.

Entrevistado 14 – Eu acho que deve dar exemplo né?! Na Malhação às vezes o cara faz alguma coisa errada, e se dá mal e muita gente pode pensar que não é bom fazer aquilo.

Entrevistado 15 – Informa. Igual há uns anos atrás ela trabalhou aquela questão sobre o preconceito com os bolsistas estudando em colégio particular, o preconceito de como o jovem via a gravidez e mesmo a questão de como lidar com os problemas. Falava quando a pessoa falava quando a pessoa falava um carro e batia, por exemplo, e mostrava a relação com os pais.

Entrevistado 16 – Eu acho que informa e até bastante assim. Fala de altos problemas da sociedade e principalmente dos jovens, tipo gravidez na adolescência, drogas, doença que a pessoa pode pegar se não usar camisinha. Nossa, eu lembro de uma época que tinha a Vagabanda que falava de pessoa adotada, aluno malandro. Na época um dos personagens tinha machucado outro lá e deu o maior rolo. Isso acaba ensinando o que deve ou não fazer, pelo menos eu acho que ajuda bem.

***Pergunta 5** - Apresentar a situação: Gravidez na Adolescência. Na Malhação mostra o passo-a-passo enquanto o jornal mostra estatísticas, dados comparativos a nível nacional. Onde você acha que a informação é mais bem trabalhada para o jovem, na Malhação ou no Jornal Nacional, por exemplo?*

Entrevistado 1 – Eu acho que não tem um melhor trabalhado. O Jornal Nacional é pra um público mais adulto e a Malhação é para um público mais jovem. Então, pra um público mais jovem ele atinge direito, e pra um público mais adulto ele também atinge direito. **E o que você acha de como é tratado em um e em outro?** Em Malhação normalmente a coisa é mais exagerada justamente pra mostrar realmente o que acontece, mas às vezes eles exageram um pouco. Igual esse negócio de trabalho social, eles deram uma exagerada na coisa que ficou até meio falso. A gravidez na adolescência, as dificuldades que a pessoa passa fica muito exagerado... mesmo você sabendo, você sabe que não acontece daquele jeito. Pode até

acontecer a mesma coisa, mas não do jeito que eles passam. Já no Jornal Nacional não, é mais provado, meio que científico.

Entrevistado 2 – Não tem um jeito melhor de tratar a informação, a gente tem os públicos-alvo de cada programa. O Jornal Nacional é um jornal, então ele vai dar a informação de uma forma mais jornalística e objetiva. A Malhação é um programa de entretenimento, então ele vai buscar tratar de uma forma mais leve, mais amena, mas mostrando também o problema. Na temporada que teve esse problema da gravidez na adolescência, mostrou, mas ao mesmo tempo que mostrou a menina encontrou uma mãe rica, ou seja, ela passou dificuldades na gravidez mas descobriu que tem uma mãe muito rica. Quase ninguém passa por isso, a maioria das meninas que engravida passa por muitas dificuldades que não mostra na Malhação... passa por preconceito na escola, que não mostra na Malhação, porque na escola todo mundo ficava alisando a barriga, falando que ia ser titia. Não é assim, quando a menina aparece ninguém vai ficar olhando “Ah que bonitinho” todo mundo olha torto e Malhação é meio fictício quanto a isso. **Você acha que não mostra a realidade né?** Não, trabalha o tema, mas não de forma real... e se for de forma real, só para um lado da sociedade. O Jornal Nacional não... mesmo porque o JN não fala de rica e pobre grávida, traz estatísticas de todas as adolescentes grávidas.

Entrevistado 3 – No Jornal é uma coisa mais real, uma coisa que mostra realmente como que é... Na Malhação mostra as etapas, a menina sofrendo, vendo como que é, passando por discriminação. Eu acho que pro jovem, é melhor assistir Malhação tratando sobre esse assunto do que o Jornal. Apesar de ter um pouco de exagero, eu acho que na Malhação o tema é abordado de um jeito mais próximo do espectador.

Entrevistado 4 – Na Malhação, por que mostra a realidade. Na Malhação pode mostrar o que mostra no Jornal Nacional e mostra ainda a realidade. Alguém pode comentar os dados que deu no Jornal nacional e falar ainda realidade. No Jornal Nacional vai falar só dos dados.

Entrevistado 5 – Malhação. Porque pro jovem, com as imagens assim a pessoa vai captar melhor a informação, até porque a linguagem é tudo de acordo com que a gente vive...ela é mais informal.

Entrevistado 6 – Eu acho que pro jovem é na Malhação, porque meio que tá no contexto que a gente tá inserido. De um colégio, aí começa a namorar com um, meio que fica pressionado porque se não tiver a relação sexual vai terminar com a menina, aí ela acaba indo e não se previne... Mas tipo assim, eu acho que no jovem é melhor ver na novela porque é mais no contexto que ele tá inserido. Mas com dados, estatísticas e que tratam até com mais seriedade do tema é no Jornal Nacional. **Mas você acha que o jovem deve buscar se informar pela Malhação, pelo Jornal Nacional ou pelos dois?** Eu acho que buscar as informações do tema assim é pelo Jornal Nacional, que trata com mais seriedade. Mas eu acho que pra ver assim o que acontece, quer dizer, o que é bem ilustrado, entre aspas, é na Malhação.

Entrevistado 7 – No Jornal Nacional. Porque eles mostram o assunto com fatos reais e mais claramente para o telespectador. Mas na Malhação tem uma forma de persuasão diferente do JN, que é aquela coisa que você se coloca naquele lugar, você se transfere pro personagem. **A malhação é focada em pessoas da sua idade. Pro jovem, você acha que a Malhação ou o Jornal Nacional que traz uma informação mais adequada?** Se eu for analisar todos os jovens assim, em geral, a Malhação, com certeza vai trazer uma carga informacional maior. O Jornal Nacional também, mas nem todos os jovens se você fizer uma pesquisa dessa na sociedade em geral, as pessoas vão preferir a Malhação. É a minha opinião.

Entrevistado 8 – O jornal porque ele informa os fatos reais, o que aconteceu. **Mesmo para o jovem?** É, porque é a realidade, a apresentação é mais clara também.

Entrevistado 9 – Malhação, lógico. Porque vai mostrar tudo que acontece mesmo, e no jornal mostra só dados estatísticos, não vai falar porque que aconteceu, como que é.

Entrevistado 10 – Eu acho que não tem um melhor, porque os dois são complementares, porque enquanto o JN mostra as estatísticas para informar o jovem, conscientizar, mostrar exemplos, a Malhação mostra uma coisa mais diária pro jovem ir acompanhando, é mais prática. Eu acho que o Jornal Nacional é mais teórico, mais estatístico enquanto a Malhação é mais prática.

Entrevistado 11 – No Jornal Nacional, porque eles mostram como realmente é, na Malhação pelo fato de ser uma ficção eles abordam de forma à futilizar, a menina engravidou aí o pai não vai assumir, ou vai assumir porque eles se amam...eu acho que não é desse jeito, eu acho que o problema tá nas estatísticas que o JN aponta.

Entrevistado 12 – Pro jovem, a Malhação é melhor, porque mostra realmente o que acontece , é mais a ver com o exemplo juvenil mesmo, porque o JN atinge um público mais adulto a Malhação. Mas aí por essa questão de atingir o público jovem Malhação é melhor. **Pra você não?** Pra mim não, porque eu acho que o jornal passa mais informações concretas.

Entrevistado 13 – Ah, jovens em geral não têm paciência pra jornal. Como eles põem na novela coisa que jovem na maioria vê, acaba que eles vêem como que tipo assim “se eu ficar grávida, minha vida vai dar uma reviravolta”. Então eu acho que pro público jovem a Malhação trata melhor. **Pra você não?** Pra mim não.

Entrevistado 14 – Eu acho que Malhação, pro jovem, seria melhor trabalhada, porque muitos jovem não gostam de ver Jornal Nacional, jornal, essas coisas. Malhação é entretenimento né, o jovem vê mais.

Entrevistado 15 – Na Malhação, porque ela mostra como que ocorre, tem um contexto mais apropriado. A linguagem também ajuda, por tá no contexto do jovem mesmo.

Entrevistado 16 – Assim, eu acho que na Malhação o bacana é que mostra o antes, o durante e o depois da coisa. Por exemplo nesse exemplo que você disse: a menina vai e fica grávida lá porque não fez do jeito que devia ser. Aí eles falam dela, de tudo que ela vivia antes e dos problemas que ela tem sendo grávida muito cedo e tudo. Depois mostra ela depois com o filho, o que mudou pra ela, essas coisas. No Jornal não, só fala que tantas engravidaram e só, não fala como que é, é pouca coisa que eles falam. Mas também pelo menos o que eles falam, por ser estatística, é mais real, porque Malhação às vezes mostra as coisas meio irreais, sem ser do jeito que acontece com a maioria dos jovens. É estranho, porque mostra o que acontece, mas não assim o que acontece com quase todo mundo. Mas eu ainda acho que a novela ainda é meio que melhor.

***Pergunta 6** - O que te atrai na Malhação em relação à informação?*

Entrevistado 1 – É divertido, é engraçado. Têm partes cômicas na Malhação, é interessante de ver. Na novela a informação é passada de forma divertida, no jornal é mais séria, mais imparcial.

Entrevistado 2 – Eu gostava porque quando eu assistia, na época de 13, 14 anos, porque eu ainda não tinha a idade das pessoas da Malhação, então é uma forma de saber como que vai

acontecer depois. Porque a gente fica meio perdido, então a gente pensa “Será que vai ser assim mesmo quando a gente tiver a idade deles, será que eu vou ficar assim, será que eu vou fazer isso e aquilo?” Mas quando a gente chega aqui a gente vê que não é verdade e acaba desencantando com a Malhação. Mas o que sempre me encantou foi isso mesmo, querer saber o que ia acontecer comigo mais pra frente. **Então agora você tá desiludida?** Ah, com certeza... **Mas quando você chega em casa ainda vê?!** Quando dá tempo vejo sim...

Entrevistado 3 – A história, os personagens, porque tinham personagens que eu gostava muito, mas eles acabaram saindo. **Os assuntos que eram abordados?** É, alguns assuntos, porque tinham uns que eram muito chatos...mas sei lá, eu achava muito divertido a questão da escola. **Mas em relação á informação em específico, o que te atraia na Malhação?** Porque é passado de uma forma mais próxima, com uma linguagem mais simples. Exageros tem com certeza, mas eu prefiro, porque eu não gosto de Jornal mesmo... eu acho mais fácil a Malhação, de entender.

Entrevistado 4 – Ah, o jeito que eles tratam isso, que é de maneira bem diferente do que a gente tá acostumado a ver, que a gente acha meio entendiente. Na malhação eles tratam de uma maneira bem leve. **Você acha que é o quê, a linguagem o ambiente?** É, a linguagem também...

Entrevistado 5 – O que é legal são as atitudes dos personagens tipo como protagonistas né?! Eles tem as ações que a gente julga que são as melhores e às vezes a gente pode até se espelhar neles...

Entrevistado 6 – Acho que isso, porque tá tratando de coisas que acontecem com o jovem, que é negócio de fumar na adolescência, gravidez na adolescência. De falar bem, porque vamos supor, noticiam sobre gravidez na adolescência, aí meio que mostra aquilo e mostra como é difícil pra pessoa que engravida jovem, o que me atrai mais é isso...aliás, é a única coisa que me atrai inclusive, porque a história de Malhação é sempre a mesma, tem a moçinha, o vilão e depois acaba tudo bem. Mas aí no meio tem aquele clímax, quando a menina quer pegar o namorado da outra.

Entrevistado 7 – Sinceramente, nada.

Entrevistado 8 – Na Malhação, nada.

Entrevistado 9 – Acho que nada.

Entrevistado 10 – Ah, essas temáticas de conflito com adolescentes.

Entrevistado 11 – Ah, não sei, acho que Malhação é mais entretenimento mesmo. No jornal tudo interessa, porque é tudo informação. Na Malhação é mastigado, pronto pra engolir.

Entrevistado 12 – Nada.

Entrevistado 13 – Nada.

Entrevistado 14 – Eu não vejo, então nada.

Entrevistado 15 – O modo que eles tratam o assunto, tratavam, na verdade. E também a Malhação atende um público jovem, o jornal é mais voltado para o adulto mas qualquer um compreende um pouco o que ele fala, então assim, ele é mais amplo.

Entrevistado 16 – Na Malhação é a história mesmo, com os jovens e os problemas que a gente vive, mesmo que não exatamente do jeito que eles mostram né?! Mas eles falam do jeito jovem, não é sério igual o jornal.

Pergunta 7 - Por qual programa você prefere se informar, Malhação ou um jornal?

Entrevistado 1 – Eu prefiro o jornal.

Entrevistado 2 – Eu prefiro o jornal. **Mesmo sabendo que no de entretenimento também tem informação?** Mesmo sabendo... é bom ver os dois né?! Porque aí a gente tem a informação mais aplicada no dia a dia e a informação direta. **Vamos supor que tem o JN e o CQC no mesmo horário, o que você ia assistir?** CQC, por é um humor diferente, é um humor mais jornalístico. Eles brincam com coisa séria, não fazem uma sátira, eles brincam com coisa séria. **E se fosse a Malhação e o JN?** Jornal Nacional.

Entrevistado 3 – Malhação.

Entrevistado 4 – Depende do tipo de informação que eu vou querer naquele momento. Na Malhação eu vou ter sobre um assunto que pode acontecer comigo, igual gravidez, drogas. E no jornal vou ter tipo o universo, não só o que pode acontecer comigo, mas o que tá acontecendo com o mundo.

Entrevistado 5 – Pelo jornal. Ah, eu acho que por ser uma coisa mais real, porque a novela é ficção. Você gosta, é interessante, informa sobre o assunto, mas acho que o jornal... **Mas no caso você diz do que é mais importante, mas qual dos programas você gosta mais?** Novela, com certeza!

Entrevistado 6 – Jornal.

Entrevistado 7 – Jornal.

Entrevistado 8 – Jornal.

Entrevistado 9 – Pelo jornal, porque mesmo sendo chato é uma coisa muito\ objetiva. Porque eu não vou ficar acompanhando o decorrer da novela toda pra saber.

Entrevistado 10 – Jornal.

Entrevistado 11 – Jornal.

Entrevistado 12 – No Jornal.

Entrevistado 13 – Jornal.

Entrevistado 14 – Jornal.

Entrevistado 15 – Jornal.

Entrevistado 16 – Eu acho que o jornal. Por que assim, eu acho que o jovem tem que se informar de uma forma geral primeiro e depois ver Malhação, que mostra a prática da vida, das coisas. Então acho que pra informar o jornal, mas a Malhação também pode ajudar.

ANEXO 4

Relatório das Entrevistas

**As entrevistas foram realizadas com oito meninos e oito meninas entre quinze e dezesseis anos de idade. Todos são estudantes do primeiro ano do Ensino Médio do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Viçosa – CAP/Coluni.*

1) Por que tipo de programa você costuma se informar na televisão aberta?

- 100% dos entrevistados (16 estudantes) falaram que costumam se informar por jornais;
- 75% dos entrevistados (12 estudantes) falaram que costumam se informar pelo Jornal Nacional. São eles: **Entrevistados 1, 2, 5, 6, 7, 8, 10, 12, 13, 14, 15, 16.**
- 12,5% dos entrevistados (2 estudantes) falaram que se informam mais por programas de TV fechada. São eles: **Entrevistados 1 e 3.** Um deles (o **Entrevistado 3**) citou um programa de TV à cabo mesmo sendo perguntado em relação a TV aberta.
- 12,5% dos entrevistados (2 estudantes) falaram que se informam mais pela internet. São eles: **Entrevistados 3 e 6.**
- 31,25% dos entrevistados (5 estudantes) citaram primeiro o Jornal Nacional como programa pelo qual costumam se informar. São eles: o **Entrevistado 1, Entrevistado 2, Entrevistado 5, Entrevistado 7, Entrevistado 10.**
- Outros programas também citados como fonte de informação:

Fantástico – 25% (**Entrevistados 8, 11, 13, 16**); Jornal da Globo – 18,75% (**Entrevistados 10, 15, 16**); MGTV's – 12,5% (**Entrevistados 2 e 6**); Jornal da Record – 12,5% (**Entrevistados 12 e 15**); Jornal Hoje – 12,5% (**Entrevistados 7 e 10**); CQC – 12,5% (**Entrevistados 3 e 13**); Jornal da Band – 6,25% (**Entrevistado 8**); Jornal do SBT – 6,25% (**Entrevistado 1**); Bom Dia Brasil – 6,25% (**Entrevistado 9**); Seriados da Globo – 6,25% (**Entrevistado 3**); TV Escola – 6,25% (**Entrevistado 7**); Pânico – 6,25% (**Entrevistado 14**); Globo News – 6,25% (**Entrevistado 7**); Band News – 6,25% (**Entrevistado 7**).

- Alguns argumentos que chamaram a atenção:

“Mas tem algum programa na TV aberta que você se lembra como exemplo? Ah, eu vejo CQC, alguns seriados na Globo que passam, jornal muito de vez em quando. Jornal é raro porque eu não tenho paciência pra jornal não... eu prefiro ficar lendo, posso ler a hora que eu quero.” (**Entrevistado 3**)

“Jornal mesmo, algum informativo. Você assiste por acaso ou porque você quer assistir? Por acaso, é a hora que eu to lanchando, mas alguma hora eu vou ter que assistir, nem que seja no terceiro ano.” (**Entrevistado 4**)

“Mas quando é pra saber de alguma coisa, eu costumo ver aquele MGTV, que é curtinho ou muito raro, que eu não costumo ver todo é o Jornal Nacional.” (**Entrevistado 6**)

2) Você acha que um programa de entretenimento pode informar?

- 81,25% dos entrevistados (13 estudantes) afirmaram que programas de entretenimento podem informar. São eles: **Entrevistados 1, 2, 3, 4, 5, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 15, 16.**
- 12,5% dos entrevistados (2 estudantes) afirmaram que a função de informar depende de qual programa de entretenimento consideramos. São eles: **Entrevistados 7 e 14.**

- 6,25% dos entrevistados (1 estudante) afirmou que os programas de entretenimento não informam, mas dão uma “instrução” para o telespectador (**Entrevistado 6**)
- 50% dos entrevistados (8 estudantes) citaram as novelas como exemplos de programas de entretenimento que informam o telespectador. São eles: **Entrevistados 3, 4, 5, 6, 9, 10, 11, 15**. O **Entrevistado 11** citou inclusive a *Malhação* como uma novela que informa.
- Alguns argumentos que chamaram a atenção:

“Pode com certeza. Acho que todo programa de entretenimento busca uma forma de informação, de passar ensinamento para o público, mesmo que seja subentendido. Por exemplo, no *Casseta e Planeta* e no *CQC* faz sátira de política, agora não pode mais, mas fazia... Então mostrava política de uma forma engraçada, mostrava o roubo de uma forma engraçada. Então todos eles eu acho que buscam uma forma de transmitir conhecimento.” (**Entrevistado 2**)

“Novela, dependendo da novela. Acho que todas tem um fundo, todas passam uma mensagem, porque tem novelas que abordam um tema, por exemplo aquela que falava de bulimia da menina, alguma coisa assim pra tocar, pra ensinar.” (**Entrevistado 3**)

“Depende do programa. Porque se for um programa de humor banal tipo esses do SBT, a *Praça é Nossa*, ou *Zorra Total*, esses programas assim não vão te transmitir um certo conhecimento, eles vão mais anestesiar seu cérebro.” (**Entrevistado 7**)

“Sim. Por exemplo, o *CQC* é uma forma de entretenimento e ele informa muito. Muita coisa de política eu sei por causa do *CQC*. Como não é tão formal como o jornal, os apresentadores podem mostrar opiniões não tão imparciais, comentários que eles fazem com humor, a gente acaba refletindo muito mais do que aquela abordagem seca do jornal.” (**Entrevistado 13**)

“Pode. Igual novela, ela retrata de alguma forma aquilo que ocorre em alguns casos e também alguns outros programas que mostram a realidade da pessoa que, talvez, o jornal não mostra.” (**Entrevistado 15**)

3) Você assiste *Malhação*? Com que frequência? Por que você assiste?

- 62,5% dos entrevistados (10 estudantes) afirmaram que assistiam *Malhação* no ano passado. São eles: **Entrevistados 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 11, 16**.
- 31,25% dos entrevistados (5 estudantes) disseram assistir com muita frequência a telenovela *Malhação*, “praticamente todos os dias”. São eles: **Entrevistados 1, 2, 5, 6**.
- 25% dos entrevistados (4 estudantes) afirmaram que o fato de fazerem cursinho pré-coluni impossibilitavam que assistissem ao programa com uma frequência maior. São eles: **Entrevistados 3, 4, 7, 11**.
- 68,75% dos entrevistados (11 estudantes) disseram assistir *Malhação* por gostarem e considerarem o programa interessante. São eles: **Entrevistados 1, 2, 3, 4, 6, 9, 10, 11, 13, 15, 16**.
- 25% dos entrevistados (4 estudantes) apontaram como um dos principais motivos de gostarem de *Malhação* o fato do programa mostrar a vida do jovem. São eles: **Entrevistados 1, 5, 7, 16**.
- 31,25% dos entrevistados (5 estudantes) afirmaram não gostar de *Malhação* e não assistir ao programa há muito tempo. São eles: **Entrevistados 8, 10, 12, 13, 14**.
- 25% dos entrevistados (4 estudantes) disseram que assistem *Malhação* até hoje quando podem. São eles: **Entrevistados 1, 2, 4, 16**.
- Alguns argumentos que chamaram a atenção:

“Com que frequência você assiste? Ano passado eu assistia basicamente todo dia, quando eu não podia eu até olhava na internet. *Por que você assistia?* É interessante, passa muito como é a vida do jovem. Mostra um pouco do dia-a-dia... mas às vezes dá uma exagerada também.” (Entrevistado 1)

“Eu assistia em 2006 mais ou menos. Eu via quando dava assim. *E você assistia antes e agora porque não?* Ah, mudança da forma de pensamento. *Mas antes você gostava por quê?* Influência da sociedade, todo mundo via. Eu acho agora irreal, meio infantil.” (Entrevistado 8)

“Quando eu era novinha eu assistia, mas no ano passado não. Agora ficou ruim, antes era bom. *Por que que você gostava antes?* Porque eu achava legal a história. *Você se via na história?* Não, eu era bem novinha né... mas era legal. Ah, eu não pensava muito pra assistir, e diverte a gente também. *Mas hoje em dia você assiste de vez em quando ou repudia?* Repúdio. Eu comecei a pensar e tipo, não, não dá.” (Entrevistado 13)

“Eu assistia, eu não vejo agora por causa da aula e porque não me atrai mais. Já tem uns dois anos que eu não vejo, porque os problemas retratados também não eram mais daquela forma como antes e outros programas me atraíam. *E qual programa você assistia no mesmo horário?* Muitas vezes eu via Pica-Pau. *Mas quando você assistia, o que te interessava, por que você via?* Eu gostava da forma que eles tratavam certas questões que tavam na mídia, na atualidade. Mas aí depois eles começaram a tratar os assuntos não da forma como antes. Porque antes assim, pelo menos quando eu assistia, era uma coisa mais cronológica, tinha o fato que ocorria, por exemplo, gravidez, mostrava todos os problemas e tudo. Hoje em dia não é mais daquela forma, é uma coisa mais direta, não traz tanto contexto como antes.” (Entrevistado 15)

“Nossa, eu via todo dia mesmo. Ligava pra ver e tudo mais. Aí quando eu não acompanhava o capítulo eu sempre procurava saber. *E agora, você não vê mais?* Ah, desde o ano passado foi complicado, porque eu já meio que tava pensando no Coluni e estudando sabe?! Esse ano quando a aula acaba mais cedo eu vejo sim, mas é muito difícil. *Por que você gostava de ver a novela?* Quando eu era um pouco mais nova eu ficava louca com a história mesmo, falava da adolescência, de namoro, essas coisas. Acho que isso que me fazia gostar. Depois foi ficando meio chato, mas como ainda falava sobre jovem eu achava bom ainda. *E você ainda gosta como antes?* Eu adoro lanchar vendo *Malhação*, mas antes era bem mais legal. Eu acho que nessa última temporada eles forçaram muito a barra, colocaram um colégio novo e mudou muito, mas no fim a história ainda era a mesma coisa: duas meninas brigando por um menino ou ao contrário. E sempre tem rico e pobre junto, ah, eu acho que o que eles colocam ali não mostra a vida que nem metade dos jovens leva assim... é meio irreal, meio que “tudo é fácil”, mas eu ainda assisto.” (Entrevistado 16)

4) Você acha que a *Malhação* te informa sobre temas sociais?

OBS: Na última temporada de *Malhação*, as questões da lavagem de dinheiro, uso de drogas e assistência social foram as principais temáticas debatidas na novela. Já a gravidez na adolescência faz parte de praticamente todas as temporadas, sendo um dos assuntos mais discutidos no programa.

- 75% dos entrevistados (12 estudantes) afirmaram que o programa *Malhação* informa sobre temas sociais. São eles: **Entrevistados 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 13, 15, 16.**
- 12,5% dos entrevistados (2 estudantes) afirmaram que o programa *Malhação* às vezes informa sobre temas sociais, não sempre. São eles: **Entrevistados 8 e 11)**

- Temas sociais que passam/passaram na *Malhação* e foram citados pelos entrevistados:

Gravidez na Adolescência – 56,25% (**Entrevistados 1, 5, 6, 7, 10, 11, 13, 15, 16**); Drogas/ Violência – 31,25% (**Entrevistados 4, 7, 8, 13, 16**); Assistência Social – 25% (**Entrevistados 1, 3, 4, 9**); Lavagem de Dinheiro/ Corrupção – 18,75% (**Entrevistados 1, 5, 9**); Bullying – 12,5% (**Entrevistados 4, 10**).

- Alguns argumentos que chamaram atenção:

“Com certeza. Nessa última temporada teve a questão do filho denunciar os pais, de fazer o que é certo ao invés de proteger a família. Toda temporada tem um tema social. *Você acha importante ter?* Acho. Pra mostrar que o jovem não é só diversão, não é só festa, ou escola. A gente tem uma vida social, a gente se importa com as coisas que acontecem ao nosso redor, não é só nosso mundinho.” (**Entrevistado 2**)

“Informa... porque, por exemplo, aquele negócio de *bullying*, passou alguma coisa, tem um tempo eu acho. Tem várias coisas que podem meio que orientar o jovem. Por exemplo no caso de bebida, vamos colocar.. só que é meio exagerado. **Por que você acha exagerado?** Por que não vai acontecer com a gente... Por exemplo na última temporada, teve um episódio que o Bernardo começo a ajudar um cara que era drogado e tal...e isso não vai acontecer comigo, eu acho. *Mas você acha que não vai acontecer porque a gente tá acostumado a pensar assim “O cara é drogado e eu não vou ficar dando força gratuita, me colocando numa roubada”, ou porque “Não, eu não vou me relacionar com uma pessoa assim”?* Não, é uai, a gente não vai achar uma pessoa drogada e ficar super amiga dela, e ficar sendo o anjo da guarda dela. *As pessoas não são tão boas, é isso? É.*” (**Entrevistado 4**)

“É, de vez em quando fala de violência, de droga, fala sim...Tudo que todo mundo já sabe. *Mas você acha que eles mostram de uma forma meio superficial?* É, meio banal, porque é muito pior do que eles mostram ali, tudo ali tem ajuda, acontece alguma coisinha mais todo mundo sai bem no final.” (**Entrevistado 8**)

“*Você acha que isso é bom?* Eu não critico a *Malhação*, falo que é a pior coisa do mundo, porque eu via mesmo, mas tem coisas que eu não concordo. Também aborda a questão de classe social, a menina pobre com o menino rico e o menino pobre com a menina rica, sempre assim. Mas esse negócio de repetir que tornou uma coisa chata e monótona. Mas pra fazer a novela eles tinham que tipo consultar os próprios jovens, como você tá fazendo agora, porque tem muitos jovens que tem uma história de vida pra contar e que podia ser relatada com uma novela né, ia ficar bem mais interessante assim.” (**Entrevistado 11**)

“Informa. Eu acho que informa bem, você tem que pensar e não ficar olhando tipo “ah, Fiuk é lindo”. Mas eles tratam drogas, gravidez, relação de pais com filhos, que se a pessoa malandrar pode tomar bomba. Eu acho que passa muita mensagem, só que normalmente o público não presta muita atenção.” (**Entrevistado 13**)

5) Apresentar a situação: Gravidez na Adolescência. Na *Malhação* mostra o passo-a-passo enquanto o jornal mostra estatísticas, dados comparativos a nível nacional. Onde você acha que a informação é mais bem trabalhada para o jovem, na *Malhação* ou no Jornal Nacional, por exemplo?

- 68,75% dos entrevistados (11 estudantes) afirmaram que a *Malhação* trabalha melhor a informação para o jovem do que o Jornal Nacional. São eles: **Entrevistados 3, 4, 5, 6, 7, 9, 12, 13, 14, 15, 16.**

- 12,5% dos entrevistados (2 estudantes) disseram que o Jornal Nacional trabalha melhor a informação para o jovem do que a *Malhação*. São eles: **Entrevistados 8, 11.**
- 18,75% dos entrevistados (3 estudantes) deixaram claro que não tem um programa que trabalhe melhor a informação do que outro. São eles: **Entrevistados 1, 2, 10.**
- 18,75% dos entrevistados (3 estudantes) falaram que a *Malhação* trabalha melhor a informação para os jovens em geral, não para eles próprios. São eles: **Entrevistados 7, 12, 13.**
- 18,75% dos entrevistados (3 estudantes) afirmaram que a *Malhação* exagera ao tratar suas temáticas, ao passar informação. São eles: **Entrevistados 1, 2, 3.**
- Alguns argumentos que chamaram a atenção:

“Não tem um jeito melhor de tratar a informação, a gente tem os públicos-alvo de cada programa. O Jornal Nacional é um jornal, então ele vai dar a informação de uma forma mais jornalística e objetiva. A *Malhação* é um programa de entretenimento, então ele vai buscar tratar de uma forma mais leve, mais amena, mas mostrando também o problema. Na temporada que teve esse problema da gravidez na adolescência, mostrou, mas ao mesmo tempo que mostrou a menina encontrou uma mãe rica, ou seja, ela passou dificuldades na gravidez mas descobriu que tem uma mãe muito rica. Quase ninguém passa por isso, a maioria das meninas que engravida passa por muitas dificuldades que não mostra na *Malhação*... passa por preconceito na escola, que não mostra na *Malhação*, porque na escola todo mundo ficava alisando a barriga, falando que ia ser titia. Não é assim, quando a menina aparece ninguém vai ficar olhando “Ah que bonitinho” todo mundo olha torto e *Malhação* é meio fictício quanto a isso. *Você acha que não mostra a realidade né?* Não, trabalha o tema, mas não de forma real... e se for de forma real, só para um lado da sociedade. O Jornal Nacional não... mesmo porque o JN não fala de rica e pobre grávida, traz estatísticas de todas as adolescentes grávidas.” (**Entrevistado 2**)

“Eu acho que pro jovem é na *Malhação*, porque meio que tá no contexto que a gente tá inserido. De um colégio, aí começa a namorar com um, meio que fica pressionado porque se não tiver a relação sexual vai terminar com a menina, aí ela acaba indo e não se previne... Mas tipo assim, eu acho que no jovem é melhor ver na novela porque é mais no contexto que ele tá inserido. Mas com dados, estatísticas e que tratam até com mais seriedade do tema é no Jornal Nacional. *Mas você acha que o jovem deve buscar se informar pela Malhação, pelo Jornal Nacional ou pelos dois?* Eu acho que buscar as informações do tema assim é pelo Jornal Nacional, que trata com mais seriedade. Mas eu acho que pra ver assim o que acontece, quer dizer, o que é bem ilustrado, entre aspas, é na *Malhação*.” (**Entrevistado 6**)

“No Jornal Nacional. Porque eles mostram o assunto com fatos reais e mais claramente para o telespectador. Mas na *Malhação* tem uma forma de persuasão diferente do JN, que é aquela coisa que você se coloca naquele lugar, você se transfere pro personagem. **A malhação é focada em pessoas da sua idade. Pro jovem, você acha que a Malhação ou o Jornal Nacional que traz uma informação mais adequada?** Se eu for analisar todos os jovens assim, em geral, a *Malhação*, com certeza vai trazer uma carga informacional maior. O Jornal Nacional também, mas nem todos os jovens se você fizer uma pesquisa dessa na sociedade em geral, as pessoas vão preferir a *Malhação*. É a minha opinião.” (**Entrevistado 7**)

“Ah, jovens em geral não têm paciência pra jornal. Como eles põem na novela coisa que jovem na maioria vê, acaba que eles vêem como que tipo assim “se eu ficar grávida, minha vida vai dar uma reviravolta”. Então eu acho que pro público jovem a *Malhação* trata melhor. *Pra você não? Pra mim não.*” (**Entrevistado 13**)

“Assim, eu acho que na Malhação o bacana é que mostra o antes, o durante e o depois da coisa. Por exemplo nesse exemplo que você disse: a menina vai e fica grávida lá porque não fez do jeito que devia ser. Aí eles falam dela, de tudo que ela vivia antes e dos problemas que ela tem sendo grávida muito cedo e tudo. Depois mostra ela depois com o filho, o que mudou pra ela, essas coisas. No Jornal não, só fala que tantas engravidaram e só, não fala como que é, é pouca coisa que eles falam. Mas também pelo menos o que eles falam, por ser estatística, é mais real, porque Malhação às vezes mostra as coisas meio irreais, sem ser do jeito que acontece com a maioria dos jovens. É estranho, porque mostra o que acontece, mas não assim o que acontece com quase todo mundo. Mas eu ainda acho que a novela ainda é meio que melhor.” (Entrevistado 16)

6) O que te atrai na Malhação em relação à informação?

- Alguns argumentos que chamaram atenção:

“Eu gostava porque quando eu assistia, na época de 13, 14 anos, porque eu ainda não tinha a idade das pessoas da Malhação, então é uma forma de saber como que vai acontecer depois. Porque a gente fica meio perdido, então a gente pensa “Será que vai ser assim mesmo quando a gente tiver a idade deles, será que eu vou ficar assim, será que eu vou fazer isso e aquilo?” Mas quando a gente chega aqui a gente vê que não é verdade e acaba desencantando com a Malhação. Mas o que sempre me encantou foi isso mesmo, querer saber o que ia acontecer comigo mais pra frente. *Então agora você tá desiludida?* Ah, com certeza... *Mas quando você chega em casa ainda vê?!* Quando dá tempo vejo sim...” (Entrevistado 2)

“A história, os personagens, porque tinham personagens que eu gostava muito, mas eles acabaram saindo. *Os assuntos que eram abordados?* É, alguns assuntos, porque tinham uns que eram muito chatos...mas sei lá, eu achava muito divertido a questão da escola. *Mas em relação á informação em específico, o que te atraía na Malhação?* Porque é passado de uma forma mais próxima, com uma linguagem mais simples. Exageros tem com certeza, mas eu prefiro, porque eu não gosto de Jornal mesmo... eu acho mais fácil a Malhação, de entender.” (Entrevistado 3)

“Acho que isso, porque tá tratando de coisas que acontecem com o jovem, que é negócio de fumar na adolescência, gravidez na adolescência. De falar bem, porque vamos supor, noticiam sobre gravidez na adolescência, aí meio que mostra aquilo e mostra como é difícil pra pessoa que engravida jovem, o que me atrai mais é isso...aliás, é a única coisa que me atrai inclusive, porque a história de Malhação é sempre a mesma, tem a moçinha, o vilão e depois acaba tudo bem. Mas aí no meio tem aquele clímax, quando a menina quer pegar o namorado da outra..” (Entrevistado 6)

“Sinceramente, nada. (Entrevistado 7)

“Ah, não sei, acho que Malhação é mais entretenimento mesmo. No jornal tudo interessa, porque é tudo informação. Na Malhação é mastigado, pronto pra engolir.” (Entrevistado 11)

7) Por qual desses programas você prefere se informar?

- 87,5% dos entrevistados (14 estudantes) afirmaram preferir se informar pelo *Jornal Nacional*. São eles: **Entrevistados 1, 2, 5,6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16.**
- O **Entrevistado 3** (6, 25%) disse preferir se informar pela *Malhação*. Já o **Entrevistado 4** (6, 25%) disse que sua preferência depende da informação que quer receber.

“Eu prefiro o jornal. *Mesmo sabendo que no de entretenimento também tem informação? Mesmo sabendo... é bom ver os dois né?! Porque aí a gente tem a informação mais aplicada no dia a dia e a informação direta. Vamos supor que tem o JN e o CQC no mesmo horário, o que você ia assistir? CQC, por é um humor diferente, é um humor mais jornalístico. Eles brincam com coisa séria, não fazem uma sátira, eles brincam com coisa séria. E se fosse a Malhação e o JN? Jornal Nacional.*” **(Entrevistado 2)**

“Depende do tipo de informação que eu vou querer naquele momento. Na Malhação eu vou ter sobre um assunto que pode acontecer comigo, igual gravidez, drogas. E no jornal vou ter tipo o universo, não só o que pode acontecer comigo, mas o que tá acontecendo com o mundo.” **(Entrevistado 4)**

“Pelo jornal. Ah, eu acho que por ser uma coisa mais real, porque a novela é ficção. Você gosta, é interessante, informa sobre o assunto, mas acho que o jornal... *Mas no caso você diz do que é mais importante, mas qual dos programas você gosta mais? Novela, com certeza!*” **(Entrevistado 5)**

“Pelo Jornal Nacional, porque mesmo sendo chato é uma coisa muito objetiva. Porque eu não vou ficar acompanhando o decorrer da novela toda pra saber.” **(Entrevistado 9)**

“Eu acho que o Jornal. Por que assim, eu acho que o jovem tem que se informar de uma forma geral primeiro e depois ver Malhação, que mostra a prática da vida, das coisas. Então acho que pra informar o Jornal, mas a Malhação também pode ajudar.” **(Entrevistado 16)**